

LITERATURA BRASILEIRA

Introdução

Este livro tem por intenção traçar um panorama de nossa literatura, delineando o caminho percorrido por esta na busca de sua identidade, enfatizando seus principais autores e comentando aspectos relevantes de algumas das obras que compõem o sistema literário brasileiro.

Destina-se, sobretudo, a estudantes de Ensino Médio, professores e aos que iniciam seus estudos relacionados à literatura brasileira.

Obviamente, ele não esgota o assunto, devido à amplitude e complexidade do mesmo, mas pode ser considerado um ponto de partida para reflexões posteriores.

Ao iniciar o trabalho, deparei-me com uma dificuldade: a impossibilidade de delimitar com precisão o início de uma literatura efetivamente brasileira, pois o conceito de “começo” nela é muito relativo, como bem ressaltou Antônio Cândido em sua *Iniciação à Literatura Brasileira*.

As literaturas que a preconizaram (portuguesa, francesa) foram se constituindo concomitantemente com a formação dos respectivos idiomas. De modo diverso, porém, no caso brasileiro temos uma transposição da Língua Portuguesa, já constituída, para um outro ambiente. Além da língua, vieram com

os portugueses as leis, costumes e valores de sua sociedade, marcados pela forte influência do cristianismo.

Considerarei, entretanto, o nosso Quinhentismo como marco inicial da Literatura Brasileira, ainda que esta se realize nos moldes portugueses sob a influência do Classicismo e, sobretudo, de Camões.

Aos poucos nossa literatura vai sofrendo transformações e passando a trabalhar com temas e “formas” que melhor expressam os sentimentos e a realidade brasileiros.

Outro problema encontrado foi afirmar com exatidão o início e o término de um período literário. Na verdade, esta tarefa é impossível, já que as transformações estéticas ocorrem de forma lenta e gradual, porém, pode-se estabelecer critérios para separar as escolas literárias. Procurei seguir um método comumente utilizado pelos estudiosos da área: a publicação de obras decisivas para a configuração dos movimentos. Evidentemente, as transformações históricas e sociais refletem-se no campo das artes; por isso não dispensarei uma contextualização de cada período literário, enfatizando as mudanças na sociedade brasileira no decorrer dos tempos.

T. O. L.

Quinhentismo

A história da literatura brasileira tem início em 1500, com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, enviada a D. Manuel I, comunicando a descoberta das terras brasileiras.

Este período inicial de nossa literatura é conhecido por **Quinhentismo**, porém tal denominação refere-se à cronologia (século XVI), não possuindo uma conotação estética. Pode ser utilizada também para o Classicismo, período literário marcado por uma mentalidade renascentista e cultivado na época em Portugal. No entanto, como nosso estudo centra-se na literatura brasileira, utilizaremos esse termo para denominar o primeiro período histórico da mesma. Faz-se necessário, entretanto, ressaltar que este período constituiu-se mais como uma literatura **sobre** o Brasil, produzida no Brasil, do que uma literatura efetivamente de autoria brasileira.

Nesta época, Portugal desenvolvia a crônica histórica e informativa, devido às grandes navegações, conquistas e descobertas ultramarinas. Predominam o desejo de expansão do cristianismo e o anseio de conquista e domínio.

Podemos dividir as obras deste período entre as que se enquadram na **literatura informativa**, da qual fazem parte os textos sobre o Brasil, transmitindo ao europeu informações da terra e da gente que aqui vivia, e as que integram a **literatura jesuítica**, reunindo os escritos dos jesuítas envolvidos com a catequese.

Literatura Informativa

Os primeiros textos em terras brasileiras de que se tem notícia são “informações” de viajantes e missionários europeus, descrevendo a natureza e os primeiros habitantes de nossa terra: os índios.

Estes escritos não podem ser classificados como textos literários, pois são crônicas históricas, refletindo a visão de mundo e a linguagem dos colonizadores.

Dentre os textos de origem portuguesa escritos nesta época destacam-se: a *Carta de Pero Vaz de Caminha* a el-rei D. Manuel; o *Diário de Navegação* de Pero Lopes e Sousa, escrivão de Martim Afonso de Sousa; o *Tratado da Terra do Brasil* e a *História da Província de Santa Cruz* a que *Vulgarmente Chamamos Brasil* de Pero Magalhães Gândavo; a *Narrativa Epistolar* e os *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* do jesuíta Fernão Cardim; o *Tratado Descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza; os *Diálogos das Grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão; as *Cartas dos Missionários Jesuítas* escritas nos dois primeiros séculos de catequese; o *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios* de Pe. Manuel da Nóbrega e a *História do Brasil* de Frei Vicente de Salvador.

Fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha

Então lançamos fora os batéis e esquifes¹; e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas². Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça³ de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira⁴, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se tornou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

(...)

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.

(...)

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma⁵, muito chã⁶ e muito formosa.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares,

assim frios e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé.

E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha, de vos tudo dizer, mo fez assim pôr pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório meu genro — o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza Deste Porto Seguro, da vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

(PEREIRA Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*, Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.)

Vocabulário:

- ¹ *Batéis e esquifes*: pequenas embarcações que serviam às naus, espécies de canoas.
- ² *Vergonhas*: órgãos sexuais do corpo humano.
- ³ *Barrete e carapuça*: coberturas para a cabeça utilizadas pelos marinheiros; gorros.
- ⁴ *Ramal e aljaveira*: “ramal” é o colar ou rosário; “aljaveira” é uma concha marinha utilizada pelos tupinambás para formar colares.
- ⁵ *Parma*: arredondada.
- ⁶ *Chã*: lisa, plana.

Incumbido por Pedro Álvares Cabral da tarefa de comunicar a D. Manuel o “achamento” da nova terra, o escrivão da frota Pero Vaz de Caminha escreve a carta, relatando com fidelidade a realidade observada.

A linguagem da carta é simples, direta; o texto assemelha-se a um diário de viagem pela riqueza de detalhes; Descreve a terra descoberta e sua gente, além das primeiras atitudes dos futuros colonizadores.

Há uma clara intenção exploratória das terras brasileiras, sobretudo em relação a suas possíveis riquezas naturais, decorrente do pensamento mercantilista português da época. Além disso, identifica-se um desejo de cristianização do povo indígena, considerado desprovido de espiritualidade e fé.

Percebe-se o espanto do homem branco diante de um “outro” ser que

lhe causa estranheza. A nudez do índio é enfatizada como demonstração de sua pureza e ingenuidade. O deslumbramento diante da nova terra transmite-nos a sensação de uma “visão do paraíso”, estudada por Sérgio Buarque de Holanda em *Visão do Paraíso: Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*¹. Tal visão é influenciada por uma mentalidade medieval, de valores essencialmente cristãos.

Pero de Magalhães Gândavo (? – ?)

Pero de Magalhães Gândavo era professor de Humanidades e amigo de Camões. Escreveu o *Tratado da Terra do Brasil* provavelmente no ano de 1570, sendo publicado postumamente em 1826. Já sua *História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos Brasil* foi publicada em Lisboa no ano de 1576. Capistrano de Abreu considera seus textos “uma propaganda da imigração”, pois enfatizam os bens e o clima da colônia.

Gabriel Soares de Sousa (1540 – 1592)

O *Tratado Descritivo do Brasil* (1587) de Gabriel Soares de Sousa é obra de grande importância para o estudo e compreensão deste período.

Enfatiza, as vantagens da colônia, além de descrever minuciosamente a natureza e a gente que aqui se encontrava.

Capítulo CVII

Em que se declara que bicho é o que se chama preguiça.

Gabriel Soares de Sousa

Nestes matos se cria um animal mui estranho, a que os índios chamam aí, e os portugueses, preguiça, nome certo mui acomodado a este animal, pois não há fome, calma, frio, água, fogo, nem outro perigo que veja diante, que o faça mover uma hora mais que outra; o qual é felpudo como cão d'água, e do mesmo tamanho; e tem a cor cinzenta, os braços e pernas grandes, com pouca carne, e muita lã; tem umas unhas como cão e muito voltadas; a cabeça como gato, mas coberta de gadelhas que lhe cobrem os olhos; os dentes como gato. As fêmeas parem uma só criança, e trá-la, desde que a pare, ao pescoço dependurado pelas mãos, até que é criada e pode andar por si; e parem em cima das árvores, de cujas folhas se mantêm, e não se descem nunca ao chão, nem bebem; e são estes animais tão vagarosos que posto um ao pé de uma árvore, não chega ao meio dela desde pela manhã até as vésperas, ainda que esteja morta de fome e sinta ladrar os cães que a querem tomar; e andando sempre, mas muda uma mão só muito devagar, e depois outra, e faz espaço entre uma e outra, e da mesma maneira faz aos pés, e depois à

¹Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso. Os motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

cabeça; e tem sempre a barriga chegada à árvore, sem se pôr nunca sobre os pés e mãos e se não faz vento, por nenhum caso se move do lugar onde está encolhida até que o vento lhe chegue; os quais dão uns assobios, quando estão comendo de tarde em tarde, e não remetem nada, nem fazem resistência a quem quer pegar deles, mais que pegarem-se com as unhas à árvore que estão, com que fazem grande presa; e acontece muitas vezes tomarem os índios um destes animais, e levarem-no para casa, onde o têm quinze e vinte dias, sem comer coisa alguma, até que de piedade o tornam a largar; cuja carne não comem por terem nojo dela.

(*Tratado descritivo do Brasil*, São Paulo: Nacional/Edusp, 1971, p. 256.)

A literatura jesuítica

Os jesuítas produziram uma literatura repleta de informações, tal como as crônicas dos viajantes, porém de caráter pedagógico e moralizante. Merecem destaque no século XVI os nomes de Manuel da Nóbrega, com o *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, Fernão Cardim, com seu *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, e principalmente José de Anchieta, com suas poesias e autos.

Padre Manuel da Nóbrega (1517 – 1570)

Nóbrega nasceu em Portugal em 1517. Realizou seus estudos em Salamanca e

Coimbra, vindo a integrar a Companhia de Jesus em 1544. Veio para o Brasil com Tomé de Sousa, primeiro governador-geral, anos depois. Posteriormente, foi nomeado primeiro Superior e primeiro Provincial da Ordem no Brasil. Juntamente com Anchieta, fundou em 25 de janeiro de 1554 São Paulo de Piratininga. Ambos dedicaram-se à catequese de índios e colonos portugueses. Escreveu as *Cartas do Brasil* (1886) e um *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*.

José de Anchieta (1534 – 1597)

Padre José de Anchieta nasceu em 1534 em Tenerife, Ilhas Canárias. Estudou desde a infância com os frades dominicanos, iniciando o estudo do latim com sete anos de idade. Em 1553, ainda noviço da Companhia de Jesus, veio para o Brasil e fundou um colégio em Piratininga, São Paulo, com o objetivo de realizar seu apostolado. Foi, portanto, o primeiro professor desta cidade e, provavelmente, o maior humanista clássico do Brasil. Escreveu crônicas, correspondências, sermões e poesias em português, castelhano, tupi e latim, nas quais percebe-se sua intensa vida espiritual. Estes textos possivelmente eram recitados, cantados, dialogados ou mesmo encenados. Além de poesia religiosa de cunho místico, realizou uma poesia que exaltava a nova terra e louvava a ação colonizadora dos portugueses. Dentre as poesias, sobressaem-se *Em Deus, meu criador*, *Do Santíssimo Sacramento* e *A Santa Inês*, de caráter religioso, e

Feitos de Mem de Sá governador do Brasil, de cunho laudatório, bendizendo o Novo Mundo e enfatizando a colonização portuguesa. Escreveu oito autos, dos quais podemos destacar *Na Festa de São Lourenço*, representado em 1583, em Niterói, pela primeira vez. Estas peças sofreram grande influência de Gil Vicente, precursor do teatro em Portugal. Em 1595, publicou a *Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil*, a primeira gramática de língua indígena brasileira. Veio a falecer em Reritiba, Espírito Santo, em 1597.

Em Deus, meu criador

Não há cousa segura.
Tudo quanto se vê
se vai passando.
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando.
Toda criatura
passa voando.

Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,
meu gosto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
não faz mudança.

Contente assim, minha alma,
do doce amor de Deus
toda ferida,
o mundo deixa em calma,
buscando a outra vida,
na qual deseja ser
toda absorvida.

Do pé sacro monte
meus olhos levantando
ao alto cume,
vi estar aberta a fonte
do verdadeiro lume,
que as trevas de meu peito
todas consume.

Correm doces licores
das grandes aberturas
do penedo.
Levantam-se os erros,
levanta-se o degredo
e tira-se a amargura
do fruto azedo!

(*NAVARRO, Eduardo de Almeida. Anchieta: vida e pensamentos*, São Paulo: Martin Claret, 1997.)

A linguagem segue a tradição medieval espanhola e portuguesa, caracterizada pela “medida velha” (versos de sete sílabas poéticas).

Nada, exceto Deus, pode trazer segurança ao homem, pois todas as coisas terrenas são passageiras e a vida do ser humano caracteriza-se pela brevidade. Apenas o amor divino constitui-se como esperança deste, além de fonte de alegria e bem-aventurança, pois é infinito.

A fé mostra-se como único meio de superar as adversidades da vida, pois desvia a atenção do homem dos bens terrenos, transitórios e muitas vezes geradores de sofrimento, para algo mais sublime e permanente: a comunhão com Deus.

O poeta volta-se para o alto, numa tentativa de ficar mais próximo da divindade, fonte dissipadora das trevas, do pecado, dos males que atormentam os homens.

A presença divina consegue fazer frutificar aquilo que já não parecia dar fruto, muda a concepção das coisas, transforma nossa maneira de ver o mundo e enche-nos de esperança e alegria. Tirada a “amargura do fruto azedo”, o homem encontra sua felicidade plena, pois fica completamente saciado.

Do Santíssimo Sacramento

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

Filho da Virgem Maria,
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou
crua morte,

e para que nos conforte
se deixou no sacramento
para dar-nos, com aumento,
sua graça,

esta divina fogaça
é manjar de lutadores,
galardão de vencedores
esforçados,

deleite de namorados,
que, co'o gosto deste pão,
deixam a deleitação
transitória.

Quem quiser haver vitória
do falso contentamento
goste deste sacramento
divinal.

Este dá vida imortal,
este mata toda fome,
porque nele Deus e homem
se contêm.

É fonte de todo bem,
da qual quem bem se embebeda
não tenha medo da queda
do pecado.

Ó que divino bocado,
que tem todos os sabores!
Vinde, pobres pecadores,
a comer!

Não tendes de que temer,
senão de vossos pecados.
Se forem bem confessados,
isso basta,

qu'este manjar tudo gasta,
porque é fogo gastador,
que com seu divino ardor
tudo abrasa.

(...)

(*NAVARRO, Eduardo de Almeida. Anchieta: vida e pensamentos, São Paulo: Martin Claret, 1997.*)

Influências posteriores da literatura informativa

A literatura informativa emprestou muitos de seus temas e formas para períodos literários posteriores, como o Romantismo e o Modernismo.

A *Carta de Pero Vaz de Caminha*, apesar de caracterizar-se mais como um relato, uma crônica de viagem, possui muitas qualidades literárias, as quais influenciaram poetas modernistas como Oswald de Andrade, na composição de *Pau-Brasil* e Mário de Andrade, ao realizar sua glosa, em *Macunaíma*, na “Carta pras Icamiabas”.

Oswald de Andrade realizou o que Affonso Romano de Sant’Anna chama de “apropriação parodística”, pois subverteu o sentido original do texto ao recortar as frases da carta e dispô-las de outra

maneira. Através deste jogo intertextual, Oswald dialogou com o passado, compondo um texto de nova significação.

Um bom exemplo é o poema a seguir, da obra *Pau-Brasil*, já observado por Affonso Romano de Sant’Anna em seu estudo:

A descoberta

Seguimos nosso caminho por este
[mar de longo
Até a oitava de Páscoa
Topamos aves
E houvermos vista de terra

Resumo do Quinhentismo

Momento sócio-cultural

- É o momento das grandes navegações e descobertas: em busca de riquezas, as nações européias enviam expedições marítimas, que as põem em contato com outras culturas. Portugal é uma das principais potências marítimas e possui colônias ou relações comerciais na América, Ásia e África.
- Dois objetivos distintos (e até contraditórios) guiam as navegações portuguesas: a expansão do cristianismo e o desejo de conquistas e de enriquecimento.

Características literárias

- A literatura produzida no Brasil do século XVI não possui traços próprios. Apenas descreve as características do território recém-descoberto. É uma literatura sobre o Brasil e não uma literatura do Brasil.

- Destacamos a literatura informativa – descrição das terras brasileiras, em tom de deslumbramento, e a literatura jesuítica — obras que exaltam a fé cristã, visando à conversão dos índios.

Autores e obras

- **Pero Vaz de Caminha:** Autor da *Carta*, documento de inestimável importância por ser a primeira descrição do Brasil.
- **Padre Manuel da Nóbrega:** Importante figura do início da colonização e da catequese dos índios, escreveu *Cartas do Brasil* (1886) e *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* (1557).
- **José de Anchieta:** principal humanista clássico do Brasil. Escreveu poemas religiosos que exaltavam a colonização e a primeira gramática do tupi. Obras: *Na Festa de São Lourenço* (1583). *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* (1595).

²Afonso Romano de Sant’anna, *Paródia, Paráfrase E Cia*, São Paulo: Ática, 1991, p. 51.

Barroco

O **Barroco** inicia-se com a publicação do poema épico *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, em 1601, e tem seu término em 1768, ano em que Cláudio Manuel da Costa publica suas *Obras Poéticas*, marcando o princípio do Arcadismo.

Inicialmente, o termo *Barroco* expressava um fenômeno específico da pintura, da escultura e da arquitetura, referente aos séculos XVII e XVIII, comumente considerado monstruoso e de mau gosto. Posteriormente, passou a ser valorizado e reconhecido nas diversas manifestações artísticas.

A Espanha foi o primeiro país a cultivar a estética barroca, tendo Portugal recebido forte influência desta, já que se encontrava dominado pela mesma na época.

Caracterizado por uma mentalidade pós-renascentista, se por um lado o homem barroco convive com valores medievais e cristãos, por outro participa das novidades pagãs e terrenas advindas do ressurgimento do espírito greco-latino. Dessa forma, ele vive em conflito, oscilando entre a razão e a fé, o misticismo e o erotismo, entre o prazer da vida e os mistérios da morte, entre o material e o espiritual. Tal estado de conflito interior do homem barroco pode ser percebido pelo uso de artifícios e figuras de linguagem, que demonstram a tensão entre o homem e o mundo.

O espírito da Contra-Reforma influenciou o pensamento barroco, que buscou reaproximar o homem e Deus, o religio-

so e o profano, a metafísica e a racionalidade, de modo a conciliar as perspectivas medieval e renascentista.

Este movimento caracteriza-se por um profundo dinamismo, audácia, imaginação e exagero. Apesar da existência de um espírito pagão, que valoriza o humano, instável e finito, ainda há um forte sentimento religioso. Dois processos expressivos marcam este período: o cultismo e o conceptismo. Um diz respeito ao som e à forma, criando imagens e sensações que superam as sugestões da realidade; já o outro centra-se no significado da palavra, privilegiando o pensamento, a razão.

Os escritores trabalham desde assuntos triviais até grandes temas, muitas vezes utilizando-se de vocábulos raros, derivados do latim. Preocupam-se com a beleza, fazendo uso de recursos da tradição clássica e renascentista, beirando o exagero. Preferem sugerir luzes, cores e sons, transmitindo as contradições do ser humano, a nomear diretamente as coisas e os seres.

Cultivam tanto a prosa como a poesia, principalmente por meio da oratória religiosa, merecendo destaque o Padre Antônio Vieira. Além desta, realizam a oratória acadêmica, com objetivos históricos ou laudatórios.

A comédia e o drama sobressaem-se, tendo Lope de Vega como mestre, tanto em Portugal como no Brasil. Entre nós, seu grande seguidor é Manuel Botelho de Oliveira.

O principal tema trabalhado trata de uma questão fundamental para o ser humano: a vida e a morte. Decorre daí a sensação de brevidade e transitoriedade da vida humana, claramente perceptível em seus aspectos físicos. Diante da fugacidade de sua existência, o homem barroco tem dois caminhos: ou orienta-se pelo estoicismo, tornando-se indiferente aos bens terrenos, ou pelo epicurismo, valorizando o momento presente, enfatizando a importância de se aproveitar a juventude, guiando-se pelo *carpe diem*. Tal percepção da vida faz com que o homem arrependa-se de seus pecados e coloque-se diante da misericórdia divina. Contudo, percebe-se na maioria das vezes mais um medo da transitoriedade do tempo, da morte e do inferno do que propriamente uma alegria e prazer de viver.

A mulher foi outro tema cultivado pelos escritores barrocos. Ela é requisitada a aproveitar a vida e usufruir os prazeres de sua mocidade e muitas vezes comparada à rosa, devido a sua beleza passageira.

Vale ressaltar que a literatura barroca não permanece a mesma de 1601 a 1768, mas altera-se de acordo com o desenvolvimento sócio-econômico brasileiro. Segundo Massaud Moisés³, a época barroca pode ser dividida em três momentos, do primeiro fazem parte os cinquenta anos iniciais do século XVII, momento em que Portugal foi incorporado pela Espanha e os holandeses ocuparam o nordeste. Nesta fase Pernambuco era a capital que mais progredia no

cultivo e produção das terras e no modo de vida. Já o segundo é composto pela outra metade do século e o terceiro agrupa as primeiras décadas do século XVIII, em que a Bahia constitui-se como principal centro político, econômico e religioso.

Poesia

Bento Teixeira (1561 – 1600)

Acredita-se que Bento Teixeira tenha nascido em 1561 no Porto. Veio cedo para o Brasil e formou-se no Colégio da Bahia, onde ensinou as primeiras letras. Exerceu também a profissão de advogado. Depois fugiu para Pernambuco, por ter sido responsável pelo assassinato de sua esposa, e refugiou-se no Convento dos Beneditinos, em Olinda. Foi processado e preso pela Inquisição por sua ligação com o judaísmo, mas realizou declaração como cristão-novo em 1594 em Olinda. Em 1595 foi preso e enviado a Lisboa para julgamento, ocasião em que renunciou solenemente ao judaísmo. Quatro anos depois foi condenado a prisão perpétua, conseguindo licença para ficar solto. Faleceu no ano de 1600.

Prosopopéia

Prosopopéia é um poema em oitavas heróicas, construído de modo muito semelhante a *Os Lusíadas*, com o objetivo de louvar o donatário da capitania de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho.

³Massaud Moisés, *História da literatura brasileira*, p.72.

Bento Teixeira buscava elevar os feitos dos heróis portugueses nas terras brasileiras e africanas.

O texto, contudo, não se caracteriza como criação de grande significação para a literatura, merecendo ser lembrado mais por sua importância histórica.

No fragmento transcrito a seguir, o autor realiza a descrição do Recife e Pernambuco:

XVII

Pera a parte do Sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Céu luminoso, mais serena
Tem sua influência, e temperada.
Junto da nova Lusitânia ordena,
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto, e tão seguro,
Que pera as curvas naus serve de
[muro.

XVIII

É este porto tal, por estar posta
Ua cinta de pedra, inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Netuno a fúria esquiva.
Entre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que ua fateixa
Basta ter à fatal Argos aneixa.

XIX

Em o meio desta obra alpestre, e dura,
Ua boca rompeu o Mar inchado,
Que na língua dos bárbaros escura,

Pernambuco de todos é chamado.
De Para'ná, que é Mar; Puçá, rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado,
Que sem no derivar cometer
[mingua,
Cova do Mar se chama em nossa
[língua.

XX

Pera entrada da barra, à parte
[esquerda,
Está ua lajem grande, e espaçosa,
Que de Piratas fora total perda,
Se ua torre tivera suntuosa.
Mas quem por seus serviços bons
[não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rei que não é
[franco,
O vassalo faz ser nas obras
[manco.

XXI

Sendo os Deuses à lajem já
[chegados,
Estando o vento em calma, o Mar
[quieto,
Depois de estarem todos
[sossegados,
Por mandado do Rei, e por decreto,
Proteu no Céu, cos olhos
[enlevados,
Como que investigava alto secreto.
Com voz entoada, e bom meneio,
Ao profundo silêncio larga o freio.

(TEIXEIRA, Bento. *Prosopopéia*, Rio de Janeiro:
I. N. L., 1972)

Gregório de Matos (1636 –1696)

Em 1636 nasce na Bahia o poeta Gregório de Matos Guerra, cuja poesia destaca-se pela relevância histórica e literária.

Estudou no Colégio da Companhia de Jesus até 1650. Depois foi para Coimbra e graduou-se em Direito em 1661. Casou-se e iniciou sua atuação na magistratura. Satirizou políticos e outras figuras da sociedade, o que provocou sua expulsão de Lisboa. Por volta dos cinquenta anos, encontrando-se viúvo, retornou à Bahia. Passou a ter uma vida boêmia e a advogar pequenas causas. Casou-se novamente, teve filhos e recebeu proteção de bispos e governadores.

Na Bahia, foi novamente perseguido por causa de suas sátiras, sendo desterrado para Angola, de onde retornou em 1695. Partiu então para o Recife, onde faleceu um ano depois.

Escreveu poesias sacras, líricas e satíricas. Entretanto, não se pode afirmar com certeza se as poesias atribuídas a Gregório de Matos são realmente de sua autoria, já que eram conservadas em cópias manuscritas e compiladas em coleções, de acordo com um critério hoje desconhecido.

Por causa de suas sátiras ferinas ficou conhecido como “Boca do Inferno”.

Poesia Sacra *A Jesus Cristo crucificado, estando o poeta para morrer*

Meu Deus, que estais pendente em
[um madeiro,

Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer,
Amoroso, constante, firme e inteiro:

Neste transe, por ser o derradeiro,
Pois vejo a minha vida anoitecer,
É, meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pai, manso
[cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e o meu
[delíto:
Porém, pode ter fim todo o pecar;
Mas não o vosso amor, que é
[infinito.

Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, neste
[conflito,
Espero em vosso amor de me
[salvar.

(MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*, p. 40)

Este soneto expressa a atitude do poeta ao perceber que a morte se aproxima. Ele se dirige ao Cristo crucificado, buscando o perdão de seus pecados e almejando a salvação na outra vida.

Pode-se relacionar o conteúdo do texto ao histórico de Gregório de Matos. Sabendo que não teve uma conduta aprovada pela Igreja, devido a sua vida desregrada e boêmia e suas sátiras muitas vezes carregadas de linguagem de baixo calão, o poeta realiza neste poema uma espécie de oração em que se coloca na presença divina.

A linguagem do texto é persuasiva e tenta convencer Cristo de que deve perdoá-lo e conduzi-lo à Vida Eterna, já que Ele é bondoso e possui misericórdia infinita. Dessa forma, por mais que o poeta tenha pecado, deseja provar que merece salvar-se.

O poema mostra nitidamente a preocupação do homem barroco com a vida espiritual, após perceber a efemeridade e as ilusões da vida material.

Poesia Lírica

À instabilidade das cousas do mundo

Nasce o Sol, e não dura mais que
[um dia,

Depois da luz se segue a noite
[escura,

Em tristes sombras morre
[a formosura,

Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto, da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na luz, falta a firmeza;
Na formosura, não se dê constância:
E na alegria, sinta-se tristeza.

Comece o mundo enfim pela
[ignorância,

Pois tem qualquer dos bens
[por natureza,

A firmeza somente na inconstância.

(Moisés, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*, p. 44-45)

A temática da brevidade da vida é retomada neste soneto de Gregório de Matos.

Há uma sucessão de **antíteses**, figura muito comum na estética barroca, em que se contrapõem palavras ou frases a outras de sentidos opostos. Eis alguns exemplos: dia e noite, luz e escuridão, alegria e tristeza, firmeza e inconstância.

A instabilidade das coisas materiais é perceptível na própria natureza: do nascer ao pôr do sol pouco tempo se passa e assim os dias se sucedem rapidamente.

A formosura, ou seja, a beleza da vida e o frescor da juventude logo se esvaem e dão lugar às impiedosas marcas do tempo.

O poeta enfatiza: “na formosura, não se dê constância / e na alegria, sintase tristeza”. Parece, com isso, alertar-nos de que não devemos dar excessivo valor aos bens materiais e aos prazeres do mundo, pois tudo isso é passageiro.

Poesia Satírica

Descreve que era naquele tempo a cidade da Bahia

A cada canto um grande
[conselheiro,

Que nos quer governar cabana e
[vinha;

Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem freqüente
[olheiro
Que a vida do vizinho e da vizinha,
Pesquisa, escuta, espreita e
[esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazendo pelos pés aos homens
[nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.
Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furtam, muito
[pobres:
Eis aqui a cidade da Bahia.

(MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*, p. 46-47)

O poeta realiza a descrição da Bahia do século XVII, em que conselheiros que mal sabem governar sua cozinha desejam a vida de todos controlar. De modo semelhante a estes agem os olheiros, pois tudo sabem da vida alheia, ficando muito atentos ao que se passa para logo discutirem na Praça da Sé e no Terreiro de Jesus.

Neste poema aparece uma visão preconceituosa em relação aos mulatos, considerados inferiores à nobreza detentora de poder. Tal preconceito pode estar relacionado ao fato de o escritor pertencer a uma família de nobres decadentes.

Finalmente faz-se uma crítica à realidade da exploração, desonestidade e hipocrisia, em que só enriquecem os aproveitadores e ladrões.

A crítica a uma sociedade cheia de vícios ao lado de uma visão conservadora e preconceituosa em relação aos negros e às camadas menos favorecidas aparecem em outros poemas satíricos de Gregório de Matos.

Botelho de Oliveira (1636 – ?)

Manuel Botelho de Oliveira nasceu na Bahia em 1636. Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra.

Publicou em 1705 *Música do Parnaso*, reunindo poemas em português, castelhano, italiano e latim e duas comédias em espanhol (*Hay amigo para amigo e Amor, Engaños y Elos*).

Prosa

Padre Antônio Vieira (1608 – 1697)

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa em 1608. Veio cedo com os pais para a Bahia, passando a estudar no Colégio dos Jesuítas. Em 1623 entrou para o noviciado da Companhia de Jesus. Logo demonstrou uma aptidão para a oratória, o que fez com que seus superiores lhes dessem a tarefa de ensinar Retórica aos noviços de Olinda.

Foi ordenado em 1634 e iniciou suas pregações. Em decorrência do movimento português da restauração da independência, vai para Portugal. De-

monstra fidelidade a D. João IV, o novo monarca, que lhe prestigia e respeita muito. Chega a ser nomeado para várias embaixadas diplomáticas no estrangeiro.

No ano de 1652 passa a dedicar-se à catequese e à conversão dos índios no Maranhão. Passados nove anos volta à Lisboa, sendo severamente criticado por suas idéias sebastianistas. Depois vai para Roma, vindo a tornar-se orador oficial do salão literário da Rainha Cristina da Suécia. Defende os cristãos novos diante da Inquisição, tendo o direito de pregar cassado pela mesma.

Em 1681 volta ao Brasil e redige suas obras: *Sermões*, *História do Futuro*, *Esperanças de Portugal*, *Clavis Prophetarum*, além das cartas. Entre seus sermões destacam-se o *Sermão da Sexagésima*, realizado em 1655 na Capela Real de Lisboa, e o *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, proferido em 1653 no Maranhão. Neste último, tenta convencer os colonos de que devem libertar os índios, os quais são comparados aos hebreus quando escravos do Faraó.

Alfredo Bosi⁴ ressalta em seus estudos que Vieira esteve também atento ao sofrimento dos negros, ao contrário do que muitos autores divulgam. Tal preocupação de Vieira fica perceptível no *Sermão XIV do Rosário*, dirigido à Irmandade dos Pretos de um engenho baiano e realizado em 1633.

Morre em 1697 em Salvador.

Sermão da sexagésima

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer as dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força de eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede: uma árvore tem raízes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria. Deste tronco há de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria, e continuados nela. Estes ramos não hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos

⁴Alfredo Bosi, *História concisa da literatura brasileira*, p.45

e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo isto há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de ordenar o sermão. De maneira que há de haver frutos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos, mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é um sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são verças. Se tudo são varas, não é um sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é um sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, a que podemos chamar árvore da vida, há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

Sermões: problemas sociais e políticos do Brasil, p. 37-8.

No *Sermão da Sexagésima*, Padre Vieira expõe a arte da pregação, ou seja, do discurso convincente, que consegue persuadir o ouvinte.

No trecho anteriormente transcrito ele reforça alguns elementos a serem seguidos, que julga importantes na construção de um bom sermão, seguindo as

regras da **parenética** (prática da oratória sagrada).

Primeiramente deve realizar-se o **exórdio** ou **intróito** do sermão, escolhendo um tema, definindo-o e a partir deste expondo a tese que se pretende defender; em seguida, passa-se ao **desenvolvimento** ou **argumentação**, que deve ser embasada nas Sagradas Escrituras e desenvolvida a partir de um raciocínio lógico, expondo-se causas, consequências, além de argumentos convincentes; finalmente, ao término do sermão, tenta-se persuadir os ouvintes, o que constitui a **peroração** ou **epílogo**.

Em seguida, Vieira compara a estrutura do sermão à de uma árvore, elencando as partes que a constituem.

Carta

Ao rei D. Afonso VI
1657-abril 20

Senhor, os reis são vassallos de Deus, e se os reis não castigam os seus vassallos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura Sagrada; e entre todas as injustiças nenhuma clamam tanto ao céu como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda têm tantos defensores. A perda do Senhor rei D. Sebastião em África, e o cativo de sessenta anos que se seguiu a todo o reino, notaram os autores daquele tempo

que foi castigo dos cativeiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se têm executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios, e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Proximamente, no ano de 1655, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos portugueses, e vassallos de Vossa Majestade, tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo mandado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de Vossa Majestade a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

Com grande dor, e com grande receio de a renovar no ânimo de Vossa Majestade, digo o que agora direi: mas quer Deus que eu o diga. A El-Rei Faráó, porque consentiu no seu reino o injusto cativo do povo hebreu, deu-lhe Deus grandes castigos, e um deles foi tirar-lhes os primogênitos. No ano de 1654, por informação dos procuradores deste Estado, se passou uma lei com tantas larguezas na matéria do cativo dos índios, que depois, sendo Sua Majestade melhor informado, houve por bem mandá-la revogar; e advertiu-se que

neste mesmo ano tirou Deus a Sua Majestade o primogênito dos filhos e a primogênita das filhas. Senhor, se alguém pedir ou aconselhar a Vossa Majestade maiores larguezas que as que hoje há nesta matéria, tenha-o Vossa Majestade por inimigo da vida, e da conservação da coroa de Vossa Majestade.

Dirão porventura (como dizem) que destes cativeiros, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se, por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o Vossa Majestade e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda politicamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, e que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negócio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao céu.

As Academias

O Brasil, assim como Portugal, teve a vida intelectual no século XVIII associada a sociedades literárias.

Nas academias discutiam-se assuntos diversos e recitavam-se composições. Dentre as academias que se formaram podemos destacar a Academia Brasílica dos Esquecidos, fundada em 1724 na Bahia; a Academia

dos Felizes, que durou de 1736 a 1740, localizada no Rio de Janeiro; a Academia dos Seletos, também ambientada no Rio, porém no ano de 1752, e a Academia dos Renascidos, fundada em 1759 na Bahia.

Resumo do Barroco

Momento sócio-cultural

- A Contra-reforma, movimento da Igreja católica contra o protestantismo, tem grande influência sobre o pensamento barroco, sendo uma das causas da dualidade da época.
- O barroco procurou conciliar o homem e o divino, o sagrado e o profano, o medieval e o renascentista. Daí a profunda angústia do pensamento da época.
- O Domínio espanhol sobre Portugal (1580-1640) impulsionou a influência do barroco sobre Portugal e Brasil, pois a Espanha foi o primeiro país cultor da estética barroca.

Características literárias

- A característica maior do Barroco é a contradição. Expressa a dualidade de um homem que oscila entre fé e prazer, celestial e terreno.
- A literatura barroca é rebuscada, baseada em uso abusivo de antíteses,

figuras de linguagem, inversões sintáticas e exageros, tornando-se, por vezes, obscura.

- Duas tendências dominam o barroco: o cultismo (culto à forma perfeita e ao jogo de palavras) e o conceptismo (jogo de idéias e argumentos).

Autores e obras

- **Bento Teixeira:** autor da obra inaugural do barroco brasileiro, *Prosopopéia* (1601), poema épico com forte influência de Camões.
- **Gregório de Matos:** principal nome do barroco brasileiro e até hoje objeto de polêmicas. Deixou obra lírica, satírica e religiosa, reunida em livro somente após sua morte.
- **Padre Antônio Vieira:** maior orador e escritor sacro da língua portuguesa, deixou magnífica obra, em que se destacam os *Sermões* (1679-1718, 15 volumes), *História do Futuro* (1718) etc.

Arcadismo

Ao remontarmos à segunda metade do século XVIII, encontramos a Europa em um importante momento de mudanças culturais. No ano de 1751 foi publicada na França a *Enciclopédia*, tendo como principais responsáveis D'Alambert, Diderot e Voltaire, que visavam compilar todo o conhecimento científico da humanidade adquirido ao longo dos anos.

A razão foi muito valorizada pelos enciclopedistas, que enxergavam nela uma possibilidade de progresso social e cultural. No ano de 1789 ocorreu a Revolução Francesa e, como consequência, assiste-se à queda da monarquia.

Tais transformações compõem o que chamamos de *Iluminismo*, movimento renovador que enfatiza a razão como único guia infalível da sabedoria e caracteriza o universo como uma máquina governada por leis inflexíveis que o homem não pode desprezar, não havendo milagres ou intervenção divina para modificar a ordem da natureza.

O Arcadismo em Portugal teve início em 1756, com a fundação da Arcádia Lusitana. Esta procurava estruturar-se da mesma forma que a Arcádia Romana, criada em Roma em 1690. A denominação Arcádia remonta a uma

região mitológica da Grécia em que se concretizou o ideal da vida rústica e em harmonia com a natureza. Os escritores idealizavam a vida campestre, autodenominavam-se “pastores” e dirigiam-se às mulheres como pastoras.

A importância atribuída à natureza em grande parte deve-se à figura de Rousseau, que propôs o retorno à natureza, origem de todo bem. Trabalhou com a figura do “bom selvagem”, homem ainda não corrompido pela sociedade. Como bem enfatizou Antônio Cândido⁵ em *Formação da Literatura Brasileira*, no século XVIII o herói literário por excelência é o *homem natural*, demonstrando toda a nobreza e ternura do ser humano, como enxergava Rousseau.

Os árcades criticam os exageros verbais do Barroco, propondo uma literatura mais simples e natural, em consonância com o pensamento do século XVIII. Enfatizam a importância dos sentimentos, da clareza nas idéias, da retomada da naturalidade dos escritores clássicos, sobretudo Teócrito e Virgílio. Tanto o campo intelectual como o afetivo devem ser constituídos tendo como base a simplicidade. Por retomarem o equilíbrio dos clássicos antigos, recebem a denominação de neoclássicos.

⁵Antônio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira*, v. 1, p. 56

A poesia deve ter seu cerne na verdade e ser verossímil, ou seja, transmitir algo que parece possível e encontra-se próximo da realidade. Dessa forma, ela pode ser considerada bela, pois imita o mundo físico e moral, como propunha a *mimesis* aristotélica, que resultou na estética da imitação.

Apesar de ainda valorizarem a religião e a monarquia, voltam-se para assuntos mais ligados à vida material, tais como a virtude civil e a obediência às leis da natureza como forma de harmonia social. Dessa forma, envolvem-se mais com a política e acreditam na instrução e no amadurecimento cultural como indicadores da felicidade humana. Influenciados pela Ilustração (outro nome para o Iluminismo), vêem na razão e na ciência meios para transformar a sociedade.

O Arcadismo no Brasil iniciou-se em 1768 com a publicação das *Obras Poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa e teve seu término em 1836, com a obra *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, quando começou o Romantismo.

O século XVIII no Brasil é tido como o século do ouro, pois há forte atividade de extração mineral. Após a descoberta de ouro e diamante, o eixo político deslocou-se para o Sul e a capital deixou de ser a Bahia, passando a ser o Rio de Janeiro. Portugal tinha como objetivo explorar sua colônia, por isso aumentava os impostos sobre a extração dos minérios.

Os Estados Unidos obtiveram sua independência, além disso propagavam-se idéias liberais, trazidas por estudantes brasileiros. Como consequência, um

grupo de letrados, alguns deles ex-estudantes da Universidade de Coimbra, reuniram-se e tiveram importante papel na Inconfidência Mineira.

A literatura procurava distanciar-se dos moldes portugueses, apesar de ainda realizar a imitação dos clássicos. Somado a isso, tentava buscar uma identidade brasileira, valorizando o índio como um herói, caso dos poemas épicos *O Uruguai*, de Basílio da Gama e *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Tal literatura possuía uma visão crítica da realidade brasileira, como podemos perceber no poema satírico *Cartas Chilenas*, de Tomás Antonio Gonzaga.

Os poetas árcades passaram a trabalhar temas universais, além de renovar as técnicas artísticas. Com isso, a literatura brasileira foi se consolidando, à medida que aumentava a consciência literária.

A divulgação da literatura no país ocorria nas Academias, sessões literárias pasageiras e não muito densas. Após a vinda da Família Real, em 1808, a atividade intelectual cresceu e tornou-se mais amadurecida. Foi difundido o primeiro jornal – *O Correio Brasiliense* – e as primeiras revistas foram publicadas, como *O Patriota*; estabeleceram-se novas escolas; houve a fundação da Imprensa Régia e a abertura da Biblioteca Real.

Cláudio Manuel da Costa (1729 – 1789)

Cláudio Manuel da Costa nasceu em 1729, em Minas Gerais. Estudou no Rio de Janeiro e posteriormente cursou Direito

em Coimbra, partindo depois para Lisboa e recebendo influências árcades. Almejou a fundação de uma Arcádia ou Colônia Ultramarina, porém esta não teve êxito. Voltou para o Brasil, participou da Inconfidência Mineira, foi preso e morreu no cárcere em 1789. Acredita-se que tenha se enforcado por ter confessado e revelado a culpabilidade de seus amigos. Utilizou o pseudônimo de **Glauceste Surtório**, tendo por amada a pastora **Nise**.

Antes de 1768 Cláudio Manuel da Costa já havia publicado alguns trabalhos. No volume intitulado *Obras* são encontrados sonetos, élogos, epístolas e outras peças líricas. Escreveu também teatro e o poema épico *Vila Rica*, publicado em 1839.

Sua obra é composta de poesia lírica e épica. A poesia lírica é marcada pela influência de Camões e assumem relevância o sentimento amoroso e a descrição da natureza. A vertente épica é trabalhada no poema *Vila Rica*, que narra a fundação e história da cidade.

Segundo Alfredo Bosi⁶, Cláudio Manuel da Costa foi o “primeiro e mais acabado poeta neoclássico”, apresentando ampla formação humanística e sendo bastante influenciado pelas literaturas portuguesa e italiana.

Apresentou, no início de sua produção literária, características do Barroco, como o estilo cultista. Uma das obras, desse período foi o *Minúsculo Métrico*.

A coletânea de seus sonetos forma um cancionero, marcado pela presença de várias figuras femininas, pastoras em sua maioria inacessíveis.

A natureza é a paisagem que propicia o refúgio dos infortúnios da vida, além de permitir a lembrança das alegrias vivenciadas no passado.

XXVIII

Faz a imaginação de um bem
[amado,
Que nele se transforme o peito
[amante;
Daqui vem, que a minha alma
[delirante
Se não distingue já do meu cuidado.

Nesta doce loucura arrebatado
Anarda cuida ver bem que distante;
Mas ao passo, que a busco, neste
[instante
Me vejo no meu mal desenganado.

Pois se Anarda em mim vive, e eu
[nela vivo,
E por força da idéia me converto
Na bela causa de meu fogo ativo.

Como nas tristes lágrimas, que verto,
Ao querer contrastar seu gênio
[esquivo,
Tão longe dela estou, e estou tão
[perto.

⁶Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 61.

LXIV

Que tarde nasce o sol, que
[vagaroso!
Parece, que se cansa, de que a um
[triste
Haja de aparecer: quanto resiste
A seu raio este sítio tenebroso!

Não pode ser, que o giro luminoso
Tanto tempo detenha: se persiste
Acaso o meu delírio! se me assiste
Ainda aquele humor tão venenoso!

Aquela porta ali se está cerrando;
Dela sai um pastor: outro assobia,
E o gado para o monte vai
[chamando.
Ora não há mais louca fantasia!
Mas quem anda, como eu, assim
[penando,
Não sabe quando é noite, ou
[quando é dia.

(MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*, pp. 90 e 95.)

Vila Rica

Vila Rica é um poema composto por dez cantos, estruturados em versos decassílabos de rima emparelhada. O autor faz uso da mitologia, além de incorporar em seu texto alegorias, sonhos, previsões e vaticínios.

Assim como *Os Lusíadas*, o poema divide-se em cinco partes: proposição, invocação, dedicatória, narrativa e epílogo. Apesar da influência camonianiana, o poema tem fortes características árcades.

A narrativa é composta pela trajetória dos bandeirantes pelo sertão, descoberta das minas, fundação de Ouro Preto, além das revoltas. Tais ações épicas caminham paralelamente a ações líricas que envolvem a busca pela realização amorosa por parte dos índios, que em geral não obtêm êxito. Destacam-se as figuras de Garcia, Albuquerque e a indígena Aurora.

Canto X

Trajando as galas da maior
[decência
Nos poços do senado o herói entrava.
Da cor da Tíria púrpura talhava
A farda militar, cingia-lhe o lado
A rica espada, que já tem provado
Mil vezes o furor do irado Marte;
E a mão, que os prêmios liberal
[reparte,
E dispõe os castigos, já sustenta
O castão que os poderes representa.

Estão o plano os esquadrões
[formados,
Monta a cavalaria, e cinge os lados;
O centro ocupa a infantaria: tudo
Respira a grandeza um novo estudo.
Brilha o asseio e a ostentação; a idéia
Crê, que dos Céus na vista se recreia,
Vendo nos recamados fios de ouro
Que o sol retrata ali o seu tesouro.

Desta arte entrando vai na régia
[sala,
Senta-se; mede a todos, e assim fala:

Os grossos esmeris são depurados,
Deixando ao dono em prêmio da
[fadiga

Os bons tesouros da fortuna amiga.

Entre serras est'outro vai buscando
As betas de ouro; aquele vai trepando
Pelo escabroso monte, e as águas
[guia
Pelos canais, que lhe abre a pedra
[fria.

Não menos mostra o gênio
[a agricultura

Tão cara do país, onde a dura
Força dos bois não geme ao braço
[armado

Derriba os matos, e se ateia logo
Sobre a seca matéria o ardente fogo.

Da mole produção da cana loira
Verdeja algum terreno, outro se doira;
O lavrador a corta, e lhe prepara
As ligeiras moendas; ali pára
O espremido licor nos fundos cobres:
Tu, ardente fornalha, me descobres,
Como em brancos torrões é já tomado
A estímulos do fogo o mel coalhado.

O arbusto está, que o vício tem
[subido

A inevitável preço, reduzido
A pó sutil o talo e a folha inteira.
Não menos brota a oriental figueira
Com as crescidas folhas, e co'fruto,

Que inda nos lembra o mísero tributo,
Que pagam nossos pais, que já
[tiveram

A morada do Éden, e não puderam
Guardar por muito tempo a lei
[imposta.

(Ó natureza ao Criador oposta!)

Os pássaros se vêem de espécie
[rara,

Que o Céu de lindas cores emplumara,
As feras e animais mais esquisitos
Todos no alegre mapa estão descritos;
Os olhos deleitando, e entretendo
O herói, que facilmente está crendo,
Ao ver, que destra mão dar-lhes
[procura
A vida, que lhes falta na pintura.

Mas já lavrado estava, e já firmado
O termo, que escrevera o bom
[Pegado;

Quando mais que a eleição
[podendo o acaso,

Manda o herói que se extraíam
[d'entre um vaso

Os nomes dos primeiros, a quem toca
Reger a vara que a justiça invoca.
A ti te chama a sorte, ó grande Melo,
E tu, Fonseca, em nobre paralelo
Cedes nos anos teus à precedência;
Da que contemplos provida
[influência;
Seguem-se àqueles dois um
[Figueiredo,

Um Gusmão, um Faria, e te concedo
Que sejas tu, Almeida, o que
[completes
O número na ação, em que completes.

Ansioso o povo às portas
[esperava
Pela alegre notícia, e já clamava;
Viva o senado! viva! repetia
Itamonte, que ao longe o eco ouvia.

Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome impresso nas memórias
[fica.
Terás a glória de ter dado o berço
A quem te faz girar pelo universo.

(CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo.
Presença da Literatura Brasileira, p. 97-101.)

Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810)

Tomás Antônio Gonzaga nasceu em 1744 no Porto, em Portugal. Estudou Direito, graduando-se em 1768 na Universidade de Coimbra. Regressou ao Brasil em 1782 e passou a exercer cargos na jurisdição de Vila Rica (hoje Ouro Preto). Nesta mesma época iniciou sua amizade com Cláudio Manuel da Costa e seu romance com Maria Joaquina Dorotéia de Seixas. Em Vila Rica atuou como juiz, depois foi preso ao lado de outros inconfidentes. Foi degredado para Moçambique e casou-se com uma viúva. Adotou **Dirceu** como seu pseudônimo e **Marília** foi o pseudônimo utilizado para sua amada Maria Joaquina

de Seixas, jovem de dezesseis anos a quem dedicou suas liras. Faleceu no ano de 1810 em Moçambique. Escreveu poesia lírica e satírica.

Durante o arcadismo brasileiro, foram muito utilizadas as liras, composições poéticas em que se repetia a cada estrofe um refrão. Tal procedimento foi utilizado por Tomás Antônio Gonzaga em *Marília de Dirceu*, em que o eu-lírico demonstra toda sua paixão pela pastora Marília. A obra é constituída de duas partes: uma possui confidências amorosas, descrições da amada, planos e sonhos de felicidade conjugal; a outra contém poemas redigidos na prisão, mostrando o sofrimento físico e moral do poeta.

Como exemplo de poesia satírica temos as *Cartas Chilenas*. Estas circulavam em Vila Rica no período que antecedeu a Inconfidência Mineira, na forma de manuscritos anônimos. Há uma forte crítica a Luís da Cunha Meneses, governador de Minas, identificado pelo pseudônimo satírico de **Fanfarrão Minésio**. O emissor das cartas é **Critilo** (Tomás Antônio Gonzaga) e o receptor **Doroteu** (possivelmente Cláudio Manuel da Costa).

As liras de Tomás Antônio Gonzaga demonstram bem o ideal de *aurea mediocritas*, da vida em equilíbrio, sem exageros, em harmonia com a natureza. Esta torna-se *locus amenus*, lugar ameno para o homem que foge da realidade que o oprime.

Através da paisagem, o homem expressa o universo de sensualidade e desejo, reprimido pelo *decoro* das funções civis.

Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões
[grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os Pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado:
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o próprio
Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,
Depois que o teu afeto me segura,
Que queres do que tenho ser
[senhora.
É bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte,
[e prado;
Porém, gentil Pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um
[trono.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de
[neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil
[Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado:
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rês, o nédio gado.
Já destes bens, Marília, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o
[mundo arrasta;
Para viver feliz, Marília, basta
Que os olhos movas, e me dês
[um riso.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marília, no meu braço;
Ali descansarei a quente sesta,
Dormindo um leve sono em teu
[regaço:
Enquanto a luta jogam os Pastores,
E emparelhados correm nas
[Campinas,

Toucarei teus cabelos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus
[louvores.

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

Depois que nos ferir a mão da
[Morte,

Ou seja neste monte, ou noutra
[serra,

Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma
[terra.

Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os Pastores:

“Quem quiser ser feliz nos seus
[amores,

Siga os exemplos, que nos deram
[estes.”

Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*,
Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, p. 17-19.)

Cartas Chilenas

Poema satírico não concluído, *Cartas Chilenas* mostra de forma crítica a atuação do governador da Capitania das Minas, Luís da Cunha Meneses, de 1783 a 1788.

Entenda-se aqui o Chile como Minas Gerais e Santiago como Vila Rica. Os nomes também são disfarçados, como Fanfarrão Minésio, que representa o Governador.

Apenas, Doroteu, o nosso chefe
as rédeas manejou do seu governo,
fingir nos intentou que tinha uma alma
amante da virtude. Assim foi Nero.
Governou aos Romanos pelas regras
da formosa justiça, porém logo
trocou o cetro de ouro em mão de
[ferro.

Manda, pois, aos ministros lhe dêem
[listas

de quantos presos as cadeias
[guardam:

faz a muitos soltar e aos mais alenta
de vivas, bem fundadas esperanças.

Estranha ao subalterno, que se
[arroga

o poder castigar ao delinqüente
com troncos e galés; enfim, ordena
que aos presos, que em três dias
[não tiverem

assentos declarados, se abram logo
em nome dele, chefe, os seus
[assentos.

Aquele, Doroteu, que não é santo,
mas quer fingir-se santo aos outros
[homens,

pratica muito mais do que pratica
quem segue os são caminhos da
[verdade.

Mal se põe nas igrejas, de joelhos,
abre os braços em cruz, a terra beija,
entorta o seu pescoço, fecha
[os olhos,

faz que chora, suspira, fere o peito
e executa outras muitas macaquices,
estando em parte onde o mundo
[as veja.

Assim o nosso chefe, que procura
mostrar-se compassivo, não
[descansa
com estas poucas obras: passa a
[dar-nos
da sua compaixão maiores provas.

Tu sabes, Doroteu, qual seja o crime
dos soldados que furtam aos
[soldados,
e sabes muito bem que pena incorram
aqueles que viciam ouro e prata.
Agora, Doroteu, atende e como
castiga o nosso chefe em um sujeito
estes graves delitos, que reputa
ainda menos do que leves faltas.

Apanha um militar aos camaradas
do soldo uma porção. Astuto e destro,
para não se sentir o grave furto,
mistura nos embrulhos, que lhes deixa,
igual quantia de metal diverso.

Faz-se queixa ao bom chefe deste
[insulto,
sim, faz-se ao chefe queixa, mas
[debalde,
que este Hércules não cinge
[a grossa pele
nem traz na mão robusta a forte clava
para guerra fazer aos torpes Cacos.

(Apud CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo.
Presença da Literatura Brasileira, p. 128-130.)

Basílio da Gama **(1740 – 1795)**

José Basílio da Gama nasceu no ano de 1740, em Minas Gerais. Estudou no Colégio dos Jesuítas no Rio de Janeiro e posteriormente no Seminário Episcopal de São José. Mudou-se para Portugal, não conseguindo prosseguir seus estudos; voltou para Lisboa; depois foi para Roma, de onde regressou e foi julgado pelo Tribunal da Inquisição. Degredado para Angola, conseguiu a atenuação da pena por intermédio do Marquês de Pombal. Faleceu em Lisboa, em 1795.

Destaca-se em sua obra o poema épico *O Uruguai* (1769), que tematiza a guerra iniciada pelos portugueses e espanhóis contra os índios, incentivados pelos jesuítas nos Sete Povos das Missões, Uruguai.

Ao observarmos a estrutura do poema, percebemos que este não possui estrofação e é composto de decassílabos brancos, ou seja, versos de dez sílabas sem rimas, sendo formado por cinco cantos. Além disso, é composto de cinco partes: proposição, invocação, dedicação, narrativa e epílogo. Não utiliza a linguagem mitológica, mas o maravilhoso, desviando-se dos moldes camonianos.

O autor realiza uma crítica aos jesuítas, representados pelo padre Balda, que é mostrado como um vilão, inimigo de Pombal e falso amigo dos índios. Além disso, descreve a natureza americana e exalta o indígena, o que provocou forte admiração por parte dos escritores do século XIX. De modo semelhante aos índios, o Marquês de Pombal é louvado e visto como herói.

O Uruguai

Em 1750 foi assinado por Portugal e Espanha o Tratado de Madrid, de forma a reorganizar o Tratado de Tordesilhas, de 1494. Este dividia o mapa-múndi como uma linha imaginária a 370 léguas de Cabo Verde. Por não terem cumprido o acordo, Portugal e Espanha criaram um novo documento. Contudo, não conseguiram realizá-lo de modo pleno, já que a Colônia do Santíssimo Sacramento ficava para Espanha e os Sete Povos das Missões do Uruguai para Portugal. Os sacerdotes que ali estavam recusavam-se tornar cidadãos portugueses. Por isso, Gomes Freire de Andrada comandou uma expedição para os Sete Povos.

Ao se aproximarem do rio Uruguai, encontraram Cacambo e Sapé, guerreiros indígenas. Travam uma luta, que provoca a morte de Sapé. Este aparece a Cacambo em sonho e incentiva-o a incendiar o acampamento dos inimigos. Depois Balda, líder dos jesuítas, envenena Cacambo, que morre. Lindóia, sua mulher, guiada pela feiticeira da tribo, prevê seu futuro e o de Lisboa em chamas. Após o incêndio, as tropas dirigem-se a Sete Povos. Os jesuítas e indígenas preparam-se para incendiar as missões e Lindóia morre picada por uma cobra, evitando, dessa forma, casar-se com o inimigo.

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos, e impuros,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilharia.
Musa, honremos o Herói, que o povo
[rude

Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai tantas custas, ambição de império!
E Vós, por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeias, e grilhões pesados,
Herói, e Irmão de heróis, saudosa,
[e triste,
Se ao longe a vossa América vos
[lembra,
Protegei os meus versos. Possa
[entanto
Acostumar ao vôo as novas asas,
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Águia, que depois foge à humilde
[terra.
E vai ver de mais perto no ar vazio
O espaço azul, onde não chega o raio.

(Apud Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, p. 105.)

Santa Rita Durão (1720 – 1784)

Frei José de Santa Rita Durão nasceu em 1720 em Minas Gerais. Estudou no Rio de Janeiro no Colégio dos Jesuítas, depois foi para Portugal. Fez parte da Ordem de Santo Agostinho e doutorou-se em Teologia pela Universidade de Coimbra, onde posteriormente foi professor. Redigiu o poema épico *Caramuru*, imitando diretamente *Os Lusíadas*. A obra apresenta algumas características já encontradas nos cronistas e poetas dos séculos XVI a XVIII, tais como o louvor à terra e ocorrência de longas enumerações descritivas.

Possui uma visão do índio mais enquadrada nos moldes jesuíticos e coloniais do que propriamente iluministas.

O indígena encontra-se diante do elemento colonizador e missionário, que tenta persuadi-lo a modificar suas atitudes e postura diante da vida e abandonar práticas contrárias à moral e à religião portuguesas, tais como a antropofagia.

Diogo Álvares, o Caramuru, é o herói do poema. O termo, segundo o próprio autor, significa “filho do trovão”. Este coloniza e ensina a doutrina cristã aos índios, considerados bárbaros.

Caramuru

Caramuru é composto por dez cantos e dividido em cinco partes: proposição, invocação, dedicatória, narrativa e epílogo. Assim como Camões em *Os Lusíadas*, faz uso do maravilhoso pagão e do cristão. A narrativa gira em torno do personagem Diogo Alves Correia, o Caramuru, que naufraga e consegue escapar da morte. O texto caracteriza-se pela descrição da terra brasileira, suas riquezas, fauna e flora. Além disso, traz informações sobre os índios e sua cultura. Destacam-se os personagens Diogo Alves Correia, o Caramuru, Paraguaçu (sua esposa), Moema, Sergipe, Gupeva.

Canto VI

XXXVI

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,

Vendo avançar-se a nau na via
[undosa,
E que a esperança de o alcançar
[perdiam:
Entre as ondas com ânsia furiosa
Nadando o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga
O ardor que o peito tem, banhando
[apaga.

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo
[assombrada;
E ignorando a ocasião da estranha
[empresa,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que às mais precede em
[gentileza,
Não vinha menos bela, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e
[treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando
[o leme,
Entre as salsas escumas desce
[ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado
[freme,

Tornando a aparecer desde
[o profundo:
“Ah! Diogo cruel!” disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se
[n’água.

XLIII

Choraram da Bahia as ninfas belas,
Que nadando a Moema
[acompanhavam;
E vendo que sem dor navegavam
[delas,
À branca praia com furor tornavam:
Nem pode o claro herói sem pena
[vê-las,
Com tantas provas, que de amor
[lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de
[Moema,
Sem que ou amante a chore, ou
[grato gema.

(Apud Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, p. 111-112.)

1776, atuando como Ouvidor de São João del-Rei, Minas Gerais. Posteriormente atuou com fazendeiro e minerador. Envolveu-se com a Inconfidência Mineira, foi preso em 1789, exilado em Angola em 1792 e veio a falecer um ano depois.

Escreveu poemas nos quais se percebe a importância dada à **ilustração** e o gosto por um governo forte e progressista.

Silva Alvarenga (1749 – 1814)

Manoel Inácio da Silva Alvarenga nasceu em Vila Rica, Minas Gerais, em 1749. Estudou em Minas e no Rio de Janeiro, vindo a graduar-se em Direito em Coimbra no ano de 1776. Exerceu a profissão no Rio de Janeiro, onde também lecionou Retórica e Poética. Foi colaborador da revista brasileira *O Patriota* de 1812 a 1813. Escreveu poesia lírica marcada pela leveza e musicalidade. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1814.

Souza Caldas (1762 – 1814)

Em 1762 nasceu no Rio de Janeiro Antônio Pereira de Souza Caldas. Estudou na Universidade de Coimbra, onde graduou-se em 1789. Foi preso e processado pela Inquisição. Ordenou-se padre em Roma em 1790. Retornou ao Rio em 1808, ficando conhecido por suas idéias liberais e eloqüência.

Escreveu poemas profanos e sagrados, traduziu salmos de Davi e redi-

Outros autores

Alvarenga Peixoto (1744 – 1793)

Inácio José de Alvarenga Peixoto nasceu em 1744, no Rio de Janeiro. Gradou-se em Coimbra em 1767, exerceu o cargo de Juiz e regressou ao Brasil em

giu um livro em forma de cartas, que veio a se perder. Faleceu no Rio de Janeiro em 1814.

José Bonifácio (1763 – 1838)

José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos em 1763. Concluiu seus estudos em leis e em filosofia natural na Universidade de Coimbra. Em 1819 regressou ao Brasil, tendo significativa ação política, o que resultou num exílio, de 1823 a 1829. Enfatizou a importância da virtude, do desprezo pela vida terrena e pelos prazeres passageiros; exaltou a liberdade e combateu a tirania. Faleceu em 1838 no Rio de Janeiro.

Monte Alverne (1784 – 1858)

Frei Francisco do Monte Alverne nasceu em 1784 no Rio de Janeiro. Em 1808 ordenou-se franciscano em São Paulo. Foi pregador e professor de Filosofia. Em 1816 foi para a corte, como professor de Filosofia e Retórica e pregador da Capela Real, a seguir Imperial. Influente orador, divulgou o ecletismo espiritualista e demonstrou intenso patriotismo. Muito valorizou as emoções, não desprezando a razão. Em 1836, cego, isolou-se, vindo a pregar novamente em 1854, a pedido de D. Pedro. Faleceu em 1858.

Resumo do Arcadismo

Momento sócio-cultural

- O centro sócio-econômico da colônia desloca-se do Nordeste para o Centro-sul, devido à descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais.
- Ocorre um surto de urbanização em Minas e Rio de Janeiro (que se torna a nova capital da colônia), e aumenta o número de intelectuais.
- Influenciada pelas idéias iluministas e pela Revolução Francesa, ocorre a Inconfidência Mineira, rebelião que intentava a independência do Brasil.

Características literárias

- O Arcadismo opõe-se ao Barroco, procura eliminar da arte os excessos praticados pela literatura barroca. Esse objetivo produziu uma arte simples, sem exageros formais, que pretendia retratar a natureza de modo direto. Outra marca do Arca-

dismo é o bucolismo (exaltação da vida no campo, idealizada como tranqüila e feliz).

- Uso da mitologia clássica e dos princípios renascentistas: racionalismo, equilíbrio, clareza.

Autores e obras

- **Cláudio Manuel da Costa**: participante da Inconfidência Mineira, deixou *Obras Poéticas* (1768) e o épico *Vila Rica* (1839).
- **Tomás Antônio Gonzaga**: outro poeta que participou da Inconfidência. Deixou obra muito influente, onde os destaques são *Cartas Chilenas* (reunidas entre 1845-1863) e *Marília de Dirceu* (1792).
- **Basilio da Gama**: escreveu *O Uruguai* (1769), poema épico que critica a ação dos jesuítas e enaltece o marquês de Pombal.

Romantismo

No século XVIII, há uma renovação nas formas de expressão, na escolha dos temas e na busca de modelos e fontes de inspiração, o que se denomina Pré-Romantismo e tem sua origem na Alemanha e Inglaterra.

Tal renovação assume grandes proporções no século XIX, adquirindo liberdade formal e sentimento de contemporaneidade, resultando no Romantismo.

O movimento romântico expressa os anseios, dúvidas e inquietações interiores do artista, deixando transparentes suas grandezas e fraquezas.

Através da experiência individual do homem romântico, inserido em uma nova estrutura social, religiosa e econômica, atinge-se a universalidade, ou seja, a partir de um contexto nacional, restrito a uma determinada realidade, trabalham-se sentimentos e valores universais do ser humano.

O romântico não mais encontra o equilíbrio em sua vida interior e a intuição e a fantasia passam a prevalecer em detrimento da razão. De modo diverso aos clássicos, o romântico demonstra o desequilíbrio do mundo contemporâneo, perceptível na tristeza, aspirações vagas, desejo de mudança social, anseio de liberdade e nacionalismo. Atribui grande importância aos sentimentos, o que o torna egocêntrico. Em determinados momentos dedica-se ao amor, já em outros busca o isolamento e a identificação com a natureza. Nutre sua religiosidade e cultiva o patriotismo.

No lirismo romântico são recorrentes os temas de amor, religião, sentimento da natureza e da sociedade. O amor procura livrar-se das conveniências e convenções e a mulher deixa de ser apenas pura, tornando-se sedutora.

Insatisfeito com a realidade em que se encontra, o romântico foge do convívio em sociedade e cria um mundo imaginário, em que a natureza expressa seus estados de alma. Muitas vezes busca a contemplação divina e em determinados momentos chega ao panteísmo.

Deus é entendido como resposta aos questionamentos, refúgio e paz. Através de sua contemplação, o homem percebe o quanto é pequeno diante de sua grandeza.

Durante o período que envolve os anos de 1833 a 1836, vários intelectuais brasileiros, entre eles Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Francisco de Sales Torres Homem foram para a Europa com o objetivo de aprofundar seus estudos. Em 1836, fundaram em Paris a *Niterói-Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes*, a fim de divulgar a cultura brasileira e esboçar idéias sobre a construção de uma identidade nacional. A revista teve apenas dois números. No primeiro, Gonçalves de Magalhães publicou o ensaio *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*, com o propósito de realizar a nacionalização da literatura brasileira através do resgate de sua paisagem e cultura.

No Brasil, o Romantismo tem início em 1836, com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, do mesmo Gonçalves de Magalhães.

Após a vinda da família real para o Brasil, em 1808, o Rio de Janeiro passou a ter hábitos semelhantes aos da sociedade aristocrática européia. Além disso, D. João VI tomou medidas que possibilitaram o nosso crescimento cultural, tais como a abertura dos portos, a criação de bibliotecas e de escolas superiores e a permissão para o funcionamento de tipografias.

A economia brasileira era essencialmente agrária e apoiada no latifúndio, escravismo e exportação, tendo como detentores do poder a nobreza fundiária e o alto clero.

No período imperial, o Brasil possuía grande número de analfabetos. Dessa forma, havia um restrito público leitor, mas este era ávido por uma literatura que viesse ao encontro de seus dramas sentimentais.

O movimento romântico possuía forte ligação com a política e defendia a liberdade, assim como a construção de uma pátria brasileira. Percebia-se um forte anseio de criação de uma literatura essencialmente brasileira, com estilo próprio. Por isso, alguns temas eram tratados de modo diverso ao da literatura portuguesa.

A natureza expressava o universo interior do poeta ou personagem, seus sentimentos, aspirações e frustrações. Além disso, refletia o nacionalismo atra-

vés das ricas descrições da terra brasileira que encantara o colonizador português.

Em Portugal os escritores românticos procuravam retomar o passado histórico medieval. Já os autores brasileiros retomaram a época colonial realizando a idealização do índio, que passou a ser o nosso herói. Entretanto, o índio brasileiro possuía a mesma perfeição física e moral do cavaleiro medieval europeu. Além do passado histórico, os românticos buscavam as paisagens e civilizações exóticas. O Brasil dirige seu olhar à Europa e ao Oriente. Há, portanto, uma evasão temporal e espacial. Além disso, preferem a noite, pois esta possibilita o sonho, a imaginação, enfim, a manifestação do inconsciente.

Poesia

Os românticos rompem com a rigidez formal, preferindo a liberdade de criação. A expressão de seus sentimentos não pode ficar presa a esquemas rítmicos regulares, tais como o soneto. Por isso, praticamente não o utilizam.

Percebe-se o emprego dos versos livres e de estrofes regulares e irregulares. Além disso, dá-se importância à musicalidade.

Os estudiosos costumam dividir a poesia romântica em três fases.

Primeira Fase: nacionalista ou indianista

Durante a primeira fase, os autores empenhavam-se na definição de uma temática nacional. Dessa forma, acabaram por redigir obras de valor documental, como é o caso do prefácio de *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães.

Um dos principais temas abordados na poesia deste período foi o **nacionalismo**, expresso através da valorização dos índios como heróis nacionais (**indianismo**) e da exaltação da terra brasileira.

Outra temática foi a do **saudosismo**, caracterizado pela recordação do passado individual (infância e adolescência). O momento da infância era entendido como um período seguro, sem preocupações, pleno de pureza e inocência.

Trabalhou-se também a **religiosidade**, precisamente o cristianismo medieval, e alguns elementos do **pessimismo** resultante do mal-do-século.

Gonçalves de Magalhães (1811 – 1882)

No ano de 1811 nasceu no Rio de Janeiro Domingos José Gonçalves de Maga-

lhães. Em 1832 concluiu seus estudos em Medicina e publicou seu primeiro livro: *Poesias*, ainda preso aos moldes árcades. Após um ano foi para a França, onde tomou contato com a estética romântica. Em 1836 fundou a *Niterói Revista Brasiliense* e publicou *Suspiros Poéticos e Saudades*, marcando uma nova fase em nossa literatura. Regressa ao Brasil em 1837 e auxilia na campanha pelo teatro brasileiro. Exerce o magistério no Colégio Pedro II, atua como secretário de Caxias em duas presidências e ingressa na carreira diplomática em 1847. Foi muito prestigiado, pois liderou um grupo literário relacionado ao mundo oficial. Entretanto, de acordo com Antônio Cândido⁷ deve-se ressaltar menos seu valor literário e dar mais ênfase a seu papel histórico, expresso em seus ensaios literários, em que demonstra clara compreensão do Romantismo. Faleceu em Roma no ano de 1882. Entre suas obras estão: *Poesias* (1832), *Urânia* (1862), *Cânticos Fúnebres* (1864); *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição* (1839), *Olgiato* (1841) – teatro; *Fatos do Espírito Humano* (1858); *A Alma e o Cérebro* (1876), *Comentários e Pensamentos* (1880) – prosa doutrinária.

Gonçalves Dias (1823 – 1864)

Filho de um comerciante português e de uma mestiça, Antônio Gonçalves Dias nasceu em 1823, próximo a Caxias, no Maranhão. Em 1838 foi para Coimbra estudar Direito. Escreveu, então, suas primeiras poesias. No ano de 1844 formou-se e

⁷Antônio Cândido, *Presença da Literatura Brasileira: história e antologia*, v. 1, p.168.

voltou para o Maranhão, mas dois anos depois vai para o Rio de Janeiro, atuando como professor de Latim e História do Brasil no Colégio Pedro II e redator da revista *Guanabara*. Seus escritos abrangem poesia, teatro, etnografia e historiografia. Faleceu em 1864, quando retornava de uma viagem à Europa, no naufrágio do “Ville de Boulogne”. Foi, segundo Massaud Moisés⁸, o primeiro poeta realmente brasileiro no que diz respeito à sensibilidade e à temática.

Realizou estudos na Amazônia sobre a cultura indígena e enriqueceu seus poemas com a mesma, além de acrescentar termos de língua indígena.

Escreveu *Primeiros Cantos* (1846), *Leonor de Mendonça* (1847), *Segundos Cantos* e *Sextilhas de Frei Antão* (1848), *Últimos Cantos* (1851), *Os Timbiras* (1857), envolvendo teatro, composições lírico-amorosas e indianistas, poesia épica e medieval, além de um *Dicionário da Língua Tupi* (1858) e *Obras Póstumas* (seis volumes), organizadas por Antônio Henriques Leal.

Canção do exílio

Kennst du das Land, wo Citronen
[blühen,
In dunkeln Laub die Gold-Orangen
[glühen?
Kennst Du es wohl? – Dahin, dahin!
Möcht'ich ... ziehn.

Goethe⁹

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra – Julho 1843.

(*Apud* CÂNDIDO, Antônio e CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*, v.1, p. 180.)

⁸Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, p. 122.

⁹Esses versos compõem a “*Canção de Mignon*” de Goethe e foram traduzidos do seguinte modo por Manuel Bandeira: “Conheces o país onde florescem as laranjeiras? / Ardem na escura fronde os frutos de ouro... / Conhecê-lo? – Para lá, para lá quisera eu ir!”.

Em sua popular *Canção do exílio*, Gonçalves Dias exalta sobremaneira o Brasil, enfatizando sua paisagem e contrapondo-a à paisagem européia.

Demonstra forte nacionalismo, chegando a exagerar na descrição da natureza brasileira e não demonstrando senso crítico em relação à realidade.

Se Se Morre de Amor!

Meere und Berge und Horizonte zwischen
[den
Liebenden – aber die Seelen versetzen
[sich
aus dem staubigen Kerker und treffen
[sich im
Paradiese der Liebe.

Schiller, Die Räuber

Se se morre de amor! – Não, não se
[morre,
Quando é fascinação que nos
[surpreende
De ruidoso sarau entre os
[festejos;
Quando luzes, calor, orquestra e
[flores
Assomos de prazer nos raíam
[n'alma,
Que embelezada e solta em tal
[ambiente
Nos ouve, e no que vê prazer
[alcança!
Simpáticas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,

Uma fita, uma flor entre os cabelos,
Um quê mal definido, acaso podem
Num engano d'amor arrebatá-los.
Mas isso amor não é; isso é delírio,
Devaneio, ilusão, que se esvaece
Ao som final da orquestra, ao
[derradeiro
Clarão, que as luzes no morrer
[despedem:
Se outro nome lhe dão, se amor o
[chamam,
D'amor igual ninguém sucumbe à
[perda.
Amor é vida; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração – abertos
Ao grande, ao belo; é ser capaz
[d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes!
Compr'ender o infinito, a
[imensidade,
E a natureza e Deus; gostar dos
[campos,
D'aves, flores, murmúrios
[solitários;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa;
E à branda festa, ao riso da nossa
[alma
Fontes de pranto intercalar sem
[custo;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo
[ponto
O ditoso, o misérrimo dos entes;

Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós
[sentimos;

Temer qu'olhos profanos nos
[devassem

O templo, onde a melhor porção da
[vida

Se concentra; onde avaros
[recatamos

Essa fonte de amor, esses tesouros
Inesgotáveis, d'ilusões floridas;

Sentir, sem que se veja, a quem se
[adora,

Compr'ender, sem lhe ouvir, seus
[pensamentos,

Segui-la, sem poder fitar seus olhos

Amá-la, sem ousar dizer que amamos,

E, temendo roçar os seus vestidos,

Arder por afogá-la em mil abraços:

Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porém enfim
[transborda,

Se tem na terra o galardão devido

Em recíproco afeto; e unidas, uma,

Dois seres, duas vidas se procuram,

Entendem-se, confundem-se e
[penetram

Juntas – em puro céu d'êxtases puros:

Se logo a mão do fado as torna
[estranhas,

Se os duplica e separa, quando
[unidos

A mesma vida circulava em ambos;

Que será do que fica, e do que longe
Serve às borrascas de ludíbrio e
[escárnio?

Pode o raio num píncaro caindo,
Torná-lo dois, e o mar correr entre
[ambos;

Pode rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se
[erguidos,

Sinais mostrando da aliança antiga;
Dois corações porém, que juntos
[batem,

Que juntos vivem, – se os
[separam, morrem;

Ou se entre o próprio estrago inda
[vegetam,

Se aparência de vida, em mal,
[conservam,

Ânsias cruas resumem do proscrito,
Que busca achar no berço a
[sepultura!

Esse, que sobrevive à própria ruína,
Ao seu viver do coração, – às gratas

Ilusões, quando em leito solitário,
Entre as sombras da noite, em
[larga insônia,

Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca apetecida imagem;

Esse, que à dor tamanha não
[sucumbe,

Inveja a quem na sepultura
[encontra

Dos males seus o desejado termo!

O Canto do Piaga

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Essa noite – era a lua já morta –
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um
[fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado.
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro – ossos, carnes –
[tremi,
Frio horror me coou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

(Apud MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*, p. 127-129.)

Segunda Fase:

O Mal-do-século ou Geração Byroniana

Mais precisamente entre as décadas de 1840 e 1850, o romantismo atinge seu ponto culminante e mais egocêntrico com o *Ultra-Romantismo* ou *mal-do-século*. Esta fase recebeu forte influência de poetas europeus, principalmente do inglês George Gordon Byron (1788 – 1824), mais conhecido como Lord Byron. Este criou heróis sonhadores, que viviam grandes aventuras e contestavam as convenções morais e religiosas aceitas pela burguesia. Byron teve uma vida conturbada, defendeu a liberdade, integrou diversos movimentos revolucionários e veio a morrer na Grécia, juntamente com os gregos que almejavam a independência na luta contra os turcos. Em vários países teve imitadores e admiradores. No Brasil, vários escritores da segunda geração tinham profunda admiração por sua figura; por isso esta geração também é conhecida como *byroniana*. Álvares de Azevedo parece ter sido o poeta que mais se inspirou em Byron para escrever seus poemas, além de citá-lo com frequência em seus versos.

Nesta fase, a produção poética brasileira acentua o subjetivismo, trabalha com os temas do amor e da morte e, sobretudo, com as questões do tédio existencial.

O ultra-romântico fecha-se em si mesmo, pois se vê insatisfeito com a realidade circundante. Dessa forma, por vezes parte para o devaneio, para o erotis-

mo obsessivo ou mesmo demonstra sensação de melancolia e tédio diante da vida. Devido a seu estado depressivo, anseia a morte, pois esta se mostra como a única solução para seus problemas.

Fagundes Varela (1841 – 1875)

Luís Nicolau Fagundes Varela nasceu em 1841 na fazenda Santa Rita, município de Rio Claro, no estado do Rio de Janeiro. Sua infância foi vivida em diversos lugares: Catalão, Goiás, Angra dos Reis, Petrópolis e Niterói. Com dezoito anos veio para São Paulo e iniciou a Faculdade de Direito. Entretanto, dedicava-se mais à vida boêmia do que aos estudos. Em 1862 casou-se e após um ano teve um filho, Emiliano, que morreu aos três meses, fato inspirador do *Cântico do Calvário*. No ano de 1865 vai para o Recife a fim de dedicar-se aos estudos, porém sua esposa, que ficara na casa de seus pais, vem a falecer, provocando seu retorno a São Paulo e à Faculdade de Direito. Casa-se novamente, vai para a fazenda Santa Rita e em seguida para Niterói. Busca, no decorrer de sua vida, refúgio para suas aflições ora no álcool e na vida boêmia, ora na natureza. Em 1875 morre, deixando as obras *Noturnas* (1861), *O Estandarte Auri-verde* (1863), *Vozes da América* (1864), *Cantos e Fantasias* (1865), *Cantos Meridionais* (1869), *Cantos do Ermo e da Cidade* (1869), *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas* (1875), *Cantos Religiosos* (1878) e *Diário de Lázaro* (1880).

Cântico do Calvário

À memória de meu filho
morto a 11 de dezembro de 1863.

Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias
[conduzia

O ramo da esperança. – Eras a
[estrela

Que entre as névoas do inverno
[cintilava

Apontando o caminho ao pegureiro.

Eras a messe de um dourado estio.

Eras o idílio de um amor sublime.

Eras a glória, – a inspiração, – a pátria,

O porvir de teu pai! – Ah! no entanto,

Pomba, – varou-te a flecha do destino!

Astro – engoliu-te o temporal do norte!

Teto, – caíste! – Crença, já não vives!

.....
Não mais! A areia tem corrido, e o
[livro

De minha infanda história está
[completo!

Pouco tenho de andar! Um passo
[ainda

E o fruto de meus dias, negro, podre,
Do galho eivado rolará por terra!

Ainda um trenó, e o vendaval sem
[freio

Ao soprar quebrará a última fibra
Da lira infausta que nas mãos

[sustenho!
Tornei-me o eco das tristezas todas

Que entre os homens achei! O lago
[escuro
Onde ao clarão dos fogos da
[tormenta
Miram-se as larvas fúnebres do
[estrago!
Por toda a parte em que arrastei
[meu manto
Deixei um traço fundo de agonias!...
Oh! quantas horas não gastei,
[sentado
Sobre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvaisse
Como um floco de espuma, ou como
[o friso
Que deixa n'água o lenho do
[barqueiro!
Quantos momentos de loucura e
[febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cântico de morte!
Quantas noites de angústias e
[delírios
Não velei, entre as sombras
[espreitando
A passagem veloz do gênio horrendo
Que o mundo abate ao galopar
[infrene
Do selvagem corcel?... E tudo
[embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu tão
[jovem,
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,

Ave banhada em mares de
[esperança,
Rosa em botão, crisálida entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!
Ah! quando a vez primeira em meus
[cabelos
Senti bater teu hálito suave;
Quando em meus braços te cerrei,
[ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhos sossegados,
Abismos de inocência e candura,
E baixo e a medo murmurei: meu
[filho!
Meu filho! frase imensa, inexplicável,
Grata como o chorar de Madalena
Aos pés do Redentor... ah! pelas
[fibras
Senti rugir o vento incendiado
Desse amor infinito que eterniza
O consórcio dos orbes que se
[enredam
Dos mistérios do ser na teia augusta!
Que prende o céu à terra e a terra
[aos anjos!
Que se expande em torrentes
[inefáveis
Do seio imaculado de Maria!
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma glória que elevou-me aos
[astros,
Chorando aos pés da cruz, hoje
[padeço!

(Apud CÂNDIDO, Antônio e José CASTELLO, Aderaldo.
Presença da Literatura Brasileira: história e antologia v. 1,
p. 255-258.)

Junqueira Freire (1832 – 1855)

No ano de 1832, nasceu em Salvador, Bahia, Luís José Junqueira Freire. Estudou no Liceu Provincial e posteriormente ingressou na Ordem Beneditina, em 1851. Após ter professado, no ano seguinte, adotou o nome de Frei Luís de Santa Escolástica Junqueira Freire. Em 1854, deixou a vida religiosa e permaneceu na casa de seus pais, dedicando-se à criação literária. Escreveu *Inspirações do Claustro* (1855), *Elementos de Retórica Nacional* (1869, póstumo) e *Obras Poéticas* (1944, póstumo). Faleceu em 1855. Seus escritos abrangem poesia de meditação filosófica e religiosa, poesia lírico-amorosa e poesia social (nativista e antilusitana), em que são marcantes a crise religiosa e a angústia de infinito. Enxerga a morte como última possibilidade de paz.

Álvares de Azevedo (1831 – 1852)

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo em 1831. Após dois anos, muda-se com a família para o Rio de Janeiro, onde faz o curso primário e secundário. Regressa para São Paulo em 1848 e inicia a Faculdade de Direito. Entre seus amigos estão Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, que integravam a *Sociedade Epicuréia*, iniciada em 1845 com o objetivo de repetir a vida boêmia de Byron. Morre no ano de 1852, de tuberculose, aos vinte anos de idade. Fa-

zem parte de suas *Obras*, em dois volumes, a *Lira dos Vinte Anos*, sua melhor criação, *Pedro Ivo*, *Macário* (teatro), *A Noite na Taverna* (contos macabros), entre outros escritos.

A poesia de Álvares de Azevedo por vezes segue a linha do humor negro, caso dos poemas da segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*.

Percorrem suas poesias experiências mais fruto da imaginação do que efetivamente consumadas no plano sensorial.

A mulher em determinados momentos aparece idealizada, semelhante a um anjo; em outros surge numa atmosfera de erotismo e sensualidade. Contudo, em ambos os casos ela permanece inacessível, distante do poeta.

Freqüentemente faz uso da evasão, fugindo da realidade para um mundo de sonhos e fantasias. Demonstra em seus poemas tristeza, amargura, tédio e melancolia. Teme a morte, mas ao mesmo tempo ela é bem-vinda, pois significa alívio para as dores do corpo e da alma, como pode ser percebido no poema a seguir.

Lembrança de Morrer

No more! o never more!
Shelley

Quando em meu peito rebentar-se
[a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma
[lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste
[passamento.
Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
– Como as horas de um longo
[pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um
[sineiro;
Como o desterro de minh'alma
[errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses
[tempos
Que amorosa ilusão embelecia.
Só levo uma saudade – é dessas
[sombras
Que eu sentia velar nas noites
[minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!
De meu pai... de meus únicos
[amigos,
Poucos – bem poucos – e que não
[zombavam
Quando, em noites de febre
[endoudecido,
Minhas pálidas crenças
[duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me
[inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
É pela virgem que sonhei... que
[nunca
Aos lábios me encostou a face linda!
Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.
Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevem
[nela:
— Foi poeta – sonhou – e amou
[a vida. –
Sombras do vale, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava
[tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!
Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os
[ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

(*Apud* MOISÉS, Massaud. *A Literatura Brasileira através dos textos*, p. 162-163.)

Lira dos Vinte Anos

Lira dos Vinte Anos é uma obra estruturada em três partes.

Na primeira delas, o poeta sonha com o amor e realiza um prenúncio da morte. São constantes as imagens noturnas e relacionadas ao mar. Além disso, Álvares de Azevedo busca despertar a sensibilidade do leitor através dos sentidos.

A figura da mulher também se faz presente, idealizada e envolta num clima de erotismo e sensualidade, povoando a imaginação e os sonhos do poeta. Este é submisso à mulher amada, que se assemelha a um anjo e mostra-se cada vez mais distante.

A insatisfação com a realidade vivida pelo poeta, repleta de tristezas e sofrimentos, provoca nele um imenso desejo de morte. Esta é uma imagem recorrente em seus poemas, pois é vista como a solução para os problemas terrenos e fim de todo sofrimento.

Um dos cenários de seus poemas é a pátria, que aparece através da natureza. Além desta, o poeta faz referências à Itália, pois a considera um país de grandes realizações amorosas.

Por outro lado, na segunda parte aparecem como características a revolta, a ironia, o sarcasmo e o humor.

O poeta apresenta ao leitor sua angústia interior e as contradições de um ser que oscila entre a alegria e a

tristeza, a emoção e a ironia, a moral e o erotismo.

Já na terceira parte da obra, trabalha basicamente com os mesmos elementos da primeira: amor, sonhos, pessimismo.

Diversas características do movimento romântico, sobretudo da segunda geração, podem ser identificadas na obra: exposição dos estados da alma, fuga espaço-temporal da realidade, procura do amor, vida boêmia, imagens noturnas, mulher, morte. Utiliza muitas palavras ligadas ao sonho (sono, devaneios).

A obra tem forte relação com a vida do poeta, pois este, ao mudar-se para São Paulo a fim de estudar Direito, não conseguiu adaptar-se ao ambiente que encontrou, passando a viver isolado e melancólico e buscando em sua fantasia a satisfação que a vida real não lhe proporcionava. Daí deriva a vida boêmia e desregrada que figura em seus versos, conseqüência de suas leituras de poetas como Byron, Musset e Vitor Hugo e de sua grande capacidade imaginativa.

A seguir são transcritos mais dois poemas da *Lira dos Vinte Anos*: “É ela! É ela! É ela! É ela!”, que compõe a segunda parte da obra e demonstra a ironia e sarcasmo do poeta ao descrever sua amada, uma lavadeira que “roncava maviosa e pura” e “Seio da virgem”, que integra a terceira parte da obra e expõe o desejo pela mulher, agora idealizada e inacessível.

É ela! É ela! É ela! É ela!

É ela! é ela – murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou – é ela!
Eu a vi... minha fada aérea e pura –
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu
[moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias
[brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos
[meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos
[braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do
[engomado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso...
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! decerto... (pensei) é doce
[página
Onde a alma derramou gentis
[amores;

São versos dela... que amanhã
[decerto

Ela me enviará cheio de flores...

Trem de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!

Como Otelo beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

É ela! é ela! – repeti tremendo;
Mas cantou nesse instante uma
[coruja...

Abri cioso a página secreta...

Oh! meu Deus! era um rol de
[roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver
[Carlota

Dando pão com manteiga às
[criancinhas

Se achou-a assim mais bela, – eu
[mais te adoro

Sonhando-te a lavar as camisinhas!
É ela! é ela! meu amor, minh'a alma,
A Laura, a Beatriz que o céu
[revela...

É ela! é ela! – murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou – é ela!

(Álvares de Azevedo, *Melhores Poemas de Lira dos
Vinte Anos*, São Paulo, Núcleo, 1994, pp. 74-75)

Seio da virgem

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir...
Clément Marot

O que eu sonho noite e dia,
O que me dá poesia
E me torna a vida bela,
O que num brando roçar
Faz meu peito se agitar,
É o teu seio, donzela!

Oh! quem pintara o cetim
Desses limões de marfim,
Os leves cerúleos veios
Na brancura deslumbrante
E o tremido de teus seios?

Quando os vejo, de paixão
Sinto pruridos na mão
De os apalpar e conter...
Sorriste do meu desejo?
Loucura! Bastava um beijo
Para neles se morrer!

Minhas temuras, donzela,
Votei-as à forma bela
Daqueles frutos de neve...
Ai!... duas cândidas flores
Que o pressentir dos amores
Faz palpitem de leve.

Mimosos seios, mimosos,
Que dizem voluptuosos:
“Amai, poetas, amai!
Que misteriosas venturas

Dormem nessas rosas puras
E se acordarão num ai!”

Que lírio, que nívea rosa,
Ou camélia cetinosa
Tem uma brancura assim?
Que flor da terra ou do céu,
Que valha do seio teu
Esse morango ou rubim?

Quantos encantos sonhados
Sinto estremecer velados
Por teu cândido vestido!
Sem ver teu seio, donzela,
Suas delícias revela
O poeta embevecido!

Donzela, feliz do amante
Que teu seio palpitante
Seio d’esposa fizer!
Que dessa forma tão pura
Fizer com mais formosura
Seio de bela mulher!

Feliz de mim... porém não!...
Repouse teu coração
Da pureza no rosal!
Tenho no peito um aroma
Que valha a rosa que assoma
No teu seio virginal?...

Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade) (1833 – 1902)

Joaquim de Sousa Andrade nasceu em 1833 no Maranhão. Graduou-se em Letras pela Sorbonne, além de ter estudado engenharia de minas. Fez diversas viagens pela Europa e pelas repúblicas latino-americanas, vindo a permanecer por longo tempo nos Estados Unidos. Voltou a São Luís, onde ministrou aulas de grego. Morreu na miséria e praticamente desconhecido em 1902.

Sousândrade (como preferia assinar) publicou as *Harpas selvagens*, *Eólias*, *O Guesa errante*, *O novo Éden*. Após sua morte foram encontrados manuscritos inéditos: as *Harpas d'ouro* e as *Liras perdidas*.

Iniciou sua produção poética na segunda geração romântica, prolongando-a pela terceira geração. Produziu um trabalho original e inovador, mantendo poucas ligações com seus contemporâneos. Demonstrou forte preocupação social.

O Guesa

O poema *O Guesa errante* (ou simplesmente *O Guesa*) constitui seu principal trabalho, no qual utilizou uma tradição religiosa dos incas para elaborar um quadro poético da América. Entre os incas, o guesa era um garoto afastado dos pais e criado para o sacrifício ritual ao deus sol, sendo educado no templo deste deus até os quinze anos. A partir

de então, deveria fazer uma peregrinação ritual. Quando esta se encerrava, os “reques” (sacerdotes) o sacrificavam, flechando-o, arrancando seu coração e recolhendo seu sangue em vasos sagrados.

Quando as estrelas, cintiladas a esfera,

Da luz radial rabiscam todo o
[oceano,

Que uma brisa gentil de primavera,
Qual alva duna os alvejantes
[panos,

Cândida assopra, - da hora Adamantina
Velando, nauta do convés, o Guesa
Amava a solidão, doce bonina
Que abre e às doiradas alvoradas
[reza.

Ora, no mar Pacífico renascem
Os sentimentos, qual depois de
[um sonho
Os olhos de um menino se
[comprazem
Grande-abertos aos céus de luz
[risonhos.

Vasta amplidão – imensidade -iludem,
Côncavos céus, profunda
[redondeza
Do mar em luz – Quão amplos se
[confundem

Na paz das águas e da natureza!
Nem uma vaga, nem florão d'espuma,
Ou vela ou íris à grandiosa calma,
Onde eu navego (reino-amor de
[Numa)

Qual navegava dentro da minha
[alma!

Casimiro de Abreu (1839 – 1860)

Casimiro José Marques de Abreu nasceu no Rio de Janeiro em 1839. Seu pai era um abastado fazendeiro e negociante português. Viveu sua infância no campo, deixando-o com o intuito de estudar Humanidades em Nova Friburgo. Antes de concluir seus estudos, foi para o Rio de Janeiro, a pedido do pai, exercer o comércio, não obtendo grande êxito. Em seguida seguiu para Lisboa, iniciando-se como poeta e dramaturgo. Retorna ao Rio, trazendo consigo os manuscritos das *Canções do êxito*, que, juntamente com outros escritos, integram sua única obra poética: *Primaveras*, de 1859. Um ano depois vem a falecer de tuberculose.

Evocou a pátria e a infância com lirismo saudosista. Idealizou a mulher, em um misto de sentimentalidade e erotismo. Entre outros temas, trabalhou os seguintes: Deus, natureza e morte. Possuía linguagem simples e marcada pela musicalidade.

Meus Oito Anos

Oh! souvenirs! printemps! aurores!

V. Hugo

Oh! que saudades que tenho

Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida

Que os anos não trazem mais!

Que amor, que sonhos, que flores,

Naquelas tardes fagueiras

À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!

- Respira a alma inocência

Como perfumes a flor;

O mar é – lago sereno,

O céu – um manto azulado,

O mundo – um sonho dourado,

A vida – um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,

Que noites de melodia

Naquela doce alegria,

Naquele ingênuo folgar!

O céu bordado d'estrelas,

A terra de aromas cheia,

As ondas beijando a areia

E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!

Oh! meu céu de primavera!

Que doce a vida não era

Nessa risonha manhã!

Em vez das mágoas de agora,

Eu tinha nessas delícias

De minha mãe as carícias

E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,

Eu ia bem satisfeito,

Da camisa aberto o peito,

- Pés descalços, braços nus -

Correndo pelas campinas

À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
la colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

(...)

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
- Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Amor e Medo

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“- Meu Deus! que gelo, que frieza
[aquela!”

Como te enganas! meu amor é
[chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela – eu moço; tens amor –
[eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou
[vozes,

Das folhas secas, do chorar das
[fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em
[dores,

A luz da aurora me intumesce os
[seios,

E o vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea –
[ao longe,

Do colmo o fumo caprichoso
[ondeia,

Soprando um dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o
[cedro,

Cedendo ao raio que a tormenta
[envia,

Diz: - que seria da plantinha
[humilde

Que à sombra dele tão feliz
[crescia?

A labareda que se enrosca ao
[tronco

Torrara a planta qual queimara
[o galho,

E a pobre nunca reviver pudera
Chovesse embora paternal
[orvalho

Minh'alma é Triste

Mon coeur est plein – je veux pleurer!
Lamartine

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
- Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a frente em bacanal
[vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afã da glória me atirei com ânsia...
E, perto ou longe, quis beijar a s'reia
Que em doce canto me atraíu
[na infância.

Ai! loucos sonhos de mancebo
[ardente!

Esp'rança altas... Ei-las já tão rasas!...
- Pombo selvagem, quis voar
[contente...

Feriu-me a bala no bater das asas!

Dizem que há gozos no correr
[da vida...

Só eu não sei em que o prazer
[consiste!

- No amor, na glória, na mundana lida,
Foram-se as flores – a minh'alma
[é triste!

(Apud Massaud Moisés, *A Literatura Brasileira através dos textos*, p. 172-177.)

Laurindo Rabelo (1826 – 1864)

Laurindo José da Silva Rabelo nasceu em 1826 no Rio de Janeiro. De origem mestiça e humilde, cursou a Escola Militar, porém optou por Medicina, vindo a formar-se na Faculdade da Bahia. Ficou muito conhecido por seus repentinos e solos de violão; compôs quadras, publicadas em 1853 intituladas *Trovas*. Serviu no Exército durante alguns anos como oficial médico e permaneceu como professor adido à Escola Militar pouco antes de sua morte, em 1864. Utilizou fontes populares de forma criativa e simples.

Terceira Fase: Condoreira

Os poetas da terceira geração romântica voltam sua atenção para a decadência da monarquia e para as lutas abolicionistas. Entre os temas recorrentes figura o sofrimento dos escravos, merecendo destaque no tratamento desta questão o baiano Castro Alves, que ficou conhecido como “o poeta dos escravos”. Esta geração é chamada de condoreira devido ao simbolismo do condor, ave que voa a grandes alturas, transmitindo-nos a sensação de liberdade. Além disso, os poetas nesse momento demonstram altivez e grandiloquência, características que se assemelham à ave.

Neste período, merecem destaque os oradores, com seus discursos persuasivos nos teatros ou nas praças públicas. A poesia torna-se uma forma de protesto político e de denúncia das injustiças sociais. O intimismo amoroso ainda se faz presente, mas os poetas passam a assumir um tom profético de um mundo novo.

Castro Alves (1847 – 1871)

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 1847 na Bahia, onde realizou seus estudos secundários. Posteriormente ingressou na Faculdade de Direito do Recife, mas não chegou a concluí-la. Apaixonou-se pela atriz Eugênia Câmara, a quem escreveu uma peça teatral, e com ela viveu por algum tempo, não tardando a separar-se, o que lhe trouxe grande desânimo. Foi colega de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Salvador Mendonça. Morreu de tuberculose em 1871.

Escreveu *Espumas Flutuantes* (1870), *Gonzaga ou A Revolução de Minas*, teatro (1876), *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876), *Os Escravos* (1883).

Tais obras demonstram fortes traços da personalidade do autor, como a exaltação da natureza brasileira e a dedicação às causas humanas e sociais, entre elas o abolicionismo.

Merece destaque a figura da mulher, não idealizada, mas envolvida por uma atmosfera de erotismo e sensualidade.

Poeta eloquente, faz uso de forte sugestão visual e auditiva, além de hipérbolos e antíteses. Procurou comunicar-se diretamente com o povo, com quem identificava seus sentimentos.

O navio negreiro

O navio negreiro, conhecido poema de Castro Alves, mostra o sofrimento dos negros ao serem transportados da África para o Brasil em sujos navios, nos quais chegavam a permanecer por cerca de três meses. Devido às condições precárias a que eram submetidos, muitos não resistiam e morriam no caminho.

Este poema foi declamado por Castro Alves pela primeira vez no dia 7 de setembro de 1868, numa comemoração da Independência do Brasil.

I

‘Stamos em pleno mar... Doudo no
[espaço
Brinca o luar – dourada borboleta –
E as vagas após ele correm...
[cansam
Como turba de infantes inquieta.

‘Stamos em pleno mar...
[Do firmamento
Os astros saltam como espumas
[de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
- Constelações do líquido tesouro...
(...)

IV

Era um sonho dantesco... o
[tombadilho
Que das luzernas avermelha o
[brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como
[a noite,
Horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo
[às tetas
Magras crianças, cujas bocas
[pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e
[espantadas,
No turbilhão de espectros
[arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!
E ri-se a orquestra, irônica,
[estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão
[resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...
Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delirante, outro
[enlouquece,

Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
No entanto o capitão manda
[a manobra.
E após fitando o céu que se
[desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos
[nevoeiros:
“Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”
E ri-se a orquestra irônica,
[estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual num sonho dantesco as
[sombas voam!...
Gritos, ais, maldições, preces
[ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! Tempestades!
Varrei os mares, tufão!
Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós

Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos,
Se luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas
De longe... bem longe vêm.
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
Nalma – lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

(...)

(Apud Antonio Candido e José Aderaldo Castello,
Presença da Literatura Brasileira, pp. 264-270.)

Prosa

Durante o Romantismo houve um significativo desenvolvimento da prosa de ficção brasileira, sobretudo do romance, devido à existência de um público consumidor e de autores que iam ao encontro das aspirações do mesmo.

Diversos temas foram trabalhados, destacando-se nitidamente o desejo de criação de uma arte nacional. Dessa forma, o romance romântico tornou-se um modo de investigação da realidade brasileira.

O teatro também se desenvolveu neste período, marcado por clara intenção nacionalista e pelo aparecimento de um público urbano ligado ao comércio e à burocracia do governo imperial.

Com a consolidação do romance como texto preferido pelo público e a tentativa de integrá-lo ao projeto nacionalista do Romantismo, algumas tendências foram desenvolvidas. Entre estas se destacam o romance de costumes, o romance regionalista, o romance histórico e o romance indianista. Merecem destaque entre os romancistas desta fase Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora. Já no teatro deve-se ressaltar a produção de Martins Pena.

José de Alencar (1829 – 1877)

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, Ceará, em 1829. Realizou

seus estudos elementares e secundários no Rio de Janeiro e em 1843 mudou-se para São Paulo, a fim de cursar a Faculdade de Direito. Já formado, em 1850 retorna ao Rio de Janeiro e atua como advogado e jornalista, além de dedicar-se ao funcionalismo e à política. Faleceu em 1877.

Inicia sua carreira literária com as crônicas reunidas sob o título de *Ao Correr da Pena* (1856). Publica nesse mesmo ano artigos que criticam o poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Além das críticas, propõe um programa de uma literatura nacional, criada a partir das tradições indígenas e da descrição da natureza, não deixando de respeitar uma rigorosa consciência estética.

Pode-se dividir a obra de Alencar em três fases. Na primeira, de 1856 a 1864, publicou alguns significativos romances e quase todos os seus textos teatrais. A segunda fase vai de 1866 a 1869 e é composta somente por escritos políticos. Já na terceira fase, de 1870 a 1875, publica oito livros de ficção, marcando um novo momento em sua criação literária.

Em sua obra é indissociável a relação entre o ser humano e o mundo. Demonstra forte percepção da realidade social, chegando à descrição realista dos costumes, das relações entre as pessoas e da vida interior. Segundo Antonio Candido e José Aderaldo Castello¹⁰, Alencar demonstrou “a capacidade de des-

mascarar e denunciar certos aspectos da realidade social e individual, fazendo dele, apesar da idealização romântica, um modesto precursor de Machado de Assis”.

Entre seus escritos estão os romances *O Guarani* (1857), *Cinco Minutos* (1860), *As Minas de Prata* (1862), *Lucíola* (1862), *Iracema* (1865), *O Gaúcho* (1870), *A Pata da Gazela* (1870), *O Tronco do Ipê* (1871), *Sonhos d’Ouro* (1872), *Til* (1872), *Ubirajara* (1874), *Senhora* (1875), *O Sertanejo* (1875). Há também as peças teatrais *A Noite de São João* (1857), *O Rio de Janeiro – Verso e Reverso* (1857), *O Demônio Familiar* (1858), *As Asas de um Anjo* (1860), *Mãe* (1862), *O Jesuíta* (1875), além de crônica, ensaio, biografia e doutrina política.

O Guarani

No ano de 1857, periodicamente os folhetins do *Diário do Rio de Janeiro* abrigavam em suas páginas parte do enredo de *O Guarani*, que era aguardado com grande expectativa pelo público leitor da época e encarado por este como literatura de entretenimento.

A obra é composta de cinquenta e quatro capítulos e estruturada em quatro grandes partes: Os aventureiros, Peri, Os Aimorés e A Catástrofe.

O tempo e o espaço são apresentados ao leitor na primeira parte. A ação ocorre em 1604, início de nossa coloni-

¹⁰Antonio Candido e José Aderaldo Castello, *Presença da Literatura Brasileira*, p. 194.

zação. O cenário, descrito logo no início da obra, é a selva, merecendo destaque por parte do autor o rio Paquequer, afluente do Paraíba do Sul. Em meio a esta natureza surgirá o bravo índio Peri. Além da selva, o espaço envolve a casa do Paquequer, fortaleza semelhante a um castelo medieval, onde vive D. Antônio de Mariz, nobre valoroso, de conduta regrada, que se estabeleceu no Brasil depois da derrota dos portugueses em Alcácer-Quibir e a anexação das coroas portuguesa e espanhola no reinado de Felipe II.

Aparecem nitidamente na obra dois elementos fundamentais caracterizadores da colonização portuguesa: a intenção catequizadora (Peri converte-se ao cristianismo) e o desejo de riqueza fácil.

Alencar demonstra sua visão do processo de colonização, em que nobres portugueses, ao lado de aventureiros, estabelecem-se no país, trazendo hábitos e costumes que pouco a pouco se estendem aos índios.

Nesse contexto sobressaem-se as figuras de Ceci e Peri. Ceci, filha de D. Antônio, é uma jovem bela, angelical e que demonstra nobreza de espírito. Peri constitui-se um modelo de herói, pois demonstra possuir grandes virtudes, tais como lealdade, força e coragem. Além disso, faz lembrar o mito do bom selvagem de Rousseau, pois aparece como um ser humano de natureza essencialmente boa, não corrompido pela sociedade. Por diversas vezes salva Ceci da

morte e, no final do romance, a narração sugere que ambos se unem, simbolizando a formação da nacionalidade brasileira.

O fragmento a seguir compõe o primeiro capítulo de *O Guarani*, em que o narrador descreve a selva, principal cenário do romance.

Primeira Parte: Os Aventureiros

I – CENÁRIO

De um dos cabeços da *Serra dos Órgãos* desliza um fio de água que se dirige para o norte, e engrossado com os mananciais que recebe no seu curso de dez léguas, torna-se rio caudal.

É o *Paquequer*: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-ia que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do sereno. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látego do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria de liberdade.

Aí, o *Paquequer* lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, foge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como em um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras.

Tudo era grande e pomposo no cenário que a natureza, sublime artista, tinha decorado para os dramas majestosos dos elementos, em que o homem é apenas um simples comparsa.

No ano da graça de 1604, o lugar que acabamos de descrever estava deserto e inculto; a cidade do Rio de Janeiro tinha-se fundado havia menos de meio século, e a civilização não tivera tempo de penetrar o interior.

Entretanto, via-se à margem direita do rio uma casa larga e espaçosa, construída sobre uma eminência, e protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique.

A esplanada, sobre que estava assentado o edifício, formava um semicírculo irregular que teria quando muito cinqüenta braças quadradas; do lado do norte havia uma espécie de escada de lajedo feita metade pela natureza e metade pela arte.

Descendo dois ou três dos largos degraus de pedra da escada, encontrava-se uma ponte de madeira solidamente construída sobre uma fenda larga e profunda que se abria na rocha. Continuando a descer, chegava-se à beira do rio, que se curvava em seio gracioso, sombreado pelas grandes gameleiras e angelins que cresciam ao longo das margens.

(...)

(José de Alencar, *O Guarani*, São Paulo: Ática, 1996, p. 15-16.)

Visconde de Taunay (1843 – 1899)

Alfredo d' Escragnole Taunay nasceu no Rio de Janeiro em 1843. Formou-se em Letras no Colégio Pedro II e em Ciências Físicas e Matemáticas na Escola Militar. Participou como engenheiro militar da Guerra do Paraguai. Chegou ao cargo de Major, porém deixou o exército, passando a dedicar-se ao magistério e à política. Abandonou-a em 1889, exercendo a função de Senador por lealdade à Monarquia. Faleceu em 1899 no estado natal.

Escreveu obras de ficção (*A Mocidade de Trajano* – 1871; *Inocência* – 1872; *Lágrimas do Coração* – 1873; posteriormente divulgado com o título de *Manuscrito de uma mulher*; *Histórias Brasileiras* – contos – 1874; *Narrativas Militares* – contos – 1878); livros que tratam da guerra e do sertão (*Cenas de Viagem* – 1868; *Diário do Exército* – 1870; *A Retirada da Laguna* – 1871; *Céus e Terras do Brasil* – 1882); depoimento e autobiografia (*Reminiscências* – 1908; *Memórias* – 1948); Teatro (*Por um triz Coronel* – 1880; *Amélia Smith* – 1886; *Da mão à boca se perde a sopa* – 1874); entre outros.

Dentre seus romances podemos destacar *Inocência*, obra do regionalismo romântico que nos apresenta o sertão mato-grossense, com sua linguagem, usos e costumes, além de discutir o papel social da mulher nas culturas sertaneja e urbana.

Inocência

Inocência era filha única de Pereira, mineiro viúvo. Nutria uma paixão por Cirino, curandeiro que fingia ser médico e que estava em sua casa a pedido do pai, a fim de tratar da saúde dela. Contudo, a jovem estava prometida a Manecão, rústico vaqueiro. Inocência e Cirino vivem um romance, que é descoberto por Tico, um anão que observava a moça. Manecão mata Cirino e passado algum tempo Inocência morre.

Bernardo Guimarães (1825 – 1884)

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1825. Graduiu-se em Direito em São Paulo e atuou como jornalista, juiz e professor. Faleceu em 1884 na cidade natal.

Escreveu poesia (*Contos da Solidão* – 1852; *Poesias* – 1865; *Novas Poesias* – 1876; *Folhas de Outono* – 1883); ficção (*O Ermitão de Muquém* – 1869; *Lendas e Romances* – 1871; *O Garimpeiro* – 1872; *Lendas e Tradições da Província de Minas Gerais* – 1872; *O Seminarista* – 1872; *O Índio Afonso* – 1873; *A Escrava Isaura* – 1875; *Maurício ou Os Paulistas em São João d'El-Rei* – 1877; *A Ilha Maldita*, *O Pão de Ouro* – 1879; *Rosaura, a Enjeitada* – 1883; *O Bandido do Rio das Mortes* – 1904) e teatro (*A voz do Pajé* – 1914).

Bernardo Guimarães expressou em sua poesia o mundo exterior, demonstrando a vivência no meio paulistano, porém, vale mencionar como elementos mais relevantes de sua obra poética o encanto pela vida, a natureza e o prazer. Além disso, construiu textos dotados de musicalidade e demonstrou forte preocupação com a métrica.

A natureza causava-lhe grande fascínio e, ao contrário de outros românticos, o autor de *Folhas de Outono* apresenta-a não como um espelho de seus estados de alma, mas como cenário evocativo de sensações e sentimentos.

Ao descrever os quadros naturais, relaciona a vivência afetiva à experiência proporcionada pela natureza. Dessa forma, acentua-se nele a saudade e a busca pela solidão e o isolamento, a fim de reencontrar o equilíbrio que o campo pode proporcionar. Descreve rios, animais e outros elementos da paisagem que evoca e acaba por lembrar antigos amores.

O satanismo e a perversidade também fizeram parte de sua poesia, ao lado de um tom melancólico e triste. Entretanto, este cedeu lugar à serenidade, a um aguçado senso de humor e a uma atitude otimista diante da vida, traço importante de sua obra.

No que diz respeito ao texto narrativo, Bernardo Guimarães adotou como principais cenários para seus romances os sertões mineiro e goiano, caso das importantes obras *O Ermitão do Muquém*, *O Seminarista*, *O Garimpeiro*, *O Índio Afonso*, *A Filha do Fazendeiro*.

Observa a vida sertaneja, com seus tipos humanos, marcados por condições psíquicas e sociais peculiares.

As paixões amorosas são tratadas de forma natural e por diversas vezes aparecem vinculadas a manifestações fisiológicas. Com a mesma naturalidade os instintos se fazem presentes, sendo as heroínas marcadas não tanto pela beleza, mas pela sensualidade.

Apesar de apontar para alguns elementos do *naturalismo*, como bem ressaltou Antônio Cândido¹¹ seria mais

oportuno falar de uma naturalidade em Bernardo Guimarães do que propriamente em *naturalismo*.

O Seminarista

Considerado pela crítica o melhor de seus livros, *O Seminarista* retrata o sentimento amoroso de um jovem padre por uma amiga de infância. Eugênio e Margarida entregam-se ao amor, porém a moça morre e ele enlouquece.

Bernardo Guimarães mostra o conflito interior de Eugênio, que oscila entre uma disposição espiritual e um anseio amoroso, mais precisamente a contradição entre carne e espírito.

I

A uma légua, pouco mais ou menos, da antiga vila de Tamanduá, na província de Minas Gerais, e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, há de haver quarenta anos, uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e nova. Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargado e ia atravessar o capão e o córrego, por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto à ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura, à entrada do campo onde pastava o gado.

¹¹Antônio Cândido e José Aderaldo Castello, *Formação da Literatura Brasileira*, v. 2, p. 215.

Era uma bela tarde de janeiro. Dois meninos brincavam à sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze anos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que ele.

A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba.

O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branca.

A menina, sentada sobre a relva, despencava um molho de flores silvestres de que estava fabricando um ramalhete, enquanto seu companheiro, atracando-se como um macaco aos galhos das paineiras, balançou-se no ar, fazia mil passes e piroetas para diverti-la.

Perto deles, espalhados no vargado, umas três ou quatro vacas e mais alguns reses estavam tosando tranquilamente o fresco e viçoso capim.

O sol, que já não se via no céu, tocava com uma luz de ouro os topos abaulados dos altos espigões; uma aragem quase imperceptível mal rumorejava pelas abas do capão e esvoaçava por aquelas baixadas cheias de sombra.

- Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.

Dizendo isto, a menina levanta-se da relva, e, atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudiu do regaço uma nuvem de flores despencadas.

- Pois vamos lá com isso, Margarida, exclamou Eugênio, vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas vacas que ali andavam pastando.

- Arre! Com mil diabos!... que bezerada mofina! – exclamou o rapaz tangendo os bezerros. – Por que é que estes bezerros da tia Umbelina andam sempre assim tão magros?

- Ora! Pois, que é que você quer? Mamãe tira quase todo o leite das vacas, e deixa um pinguinho só para os pobres bezerros. Por isso mesmo quase nenhuma cria pode vingar, e algum que escapa mamãe vende logo.

- E por que é que ela não te dá uma bezerrinha? aquela vermelhinha estava bem bonita para você...

- Qual!... não vê que ela me dá!... e eu que tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha. Há que tempo Dindinha prometeu de me dar uma bezerra e até hoje estou esperando...

- Mamãe?... ora!... é porque ela se esqueceu... deixa estar, que eu hei de falar com ela... mas não, eu mesmo é que hei de te dar uma novilha pintada muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com a criação?

- Como é isso?... – exclamou Margarida com surpresa.

- Pois você vai-se embora?...

- Vou, Margarida; pois você ainda não sabia?...

- Eu não; que me havia de contar? Para onde é que você vai, então?

- Vou para o estudo, Margarida; papai mais mamãe querem que eu vá estudar para padre.

- Deveras, Eugênio!... ah! Meu Deus!... que idéia!... e é muito longe esse estudo?

- Eu sei lá; eles estão falando que eu vou para Congonhas...

- Congonhas!... ah! já ouvi falar nessa terra; não é onde moram os padres santos?... ah! meu Deus! isso é muito longe!

- Qual longe!... tanta gente já tem ido lá e vem outra vez. Mamãe já mandou fazer batina, sobrepeliz, barrete e tudo. Quando tudo ficar pronto, eu hei de vir cá vestido de padre para você ver que tal fico.

- Tomara eu ver já!... você há de ficar um padrinho bem bonitinho!

- E quando eu for padre, você há de ir por força ouvir a minha primeira missa, não há de, Margarida?...

- Se hei de!... e também mais um coisa, que hei de fazer... adivinha o que é?...

- O que é?... fala.

- Mamãe costuma dizer, que eu já estou ficando grande, e que daqui a um ano bem posso me confessar, e para isso anda me ensinando doutrina; mas eu não tenho ânimo de me confessar a padre nenhum... Deus me livre! tenho um medo... uma vergonha! mas com você é outro caso estou pronta, e por isso não quero me confessar enquanto você não for padre...

- Está dito, Margarida; prometo que há de ser você a primeira pessoa que hei de confessar; antes disso, não confesso pessoa nenhuma, nenhuma desta vida; eu te juro, Margarida.

- Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta, Eugênio; quando é que você vai-se embora?

- É para o mês que vem...

- Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e você não há de ficar com saudade de mim!...

- Se fico!... muita, muita saudade, Margarida: - quando penso nisso fico tão triste, que me dá vontade de chorar.

- E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinha! com quem é que eu hei de brincar daqui em diante?... não sei como há de ser, meu Deus!...

(...)

(Bernardo Guimarães, *O Seminarista*, São Paulo, Ática, 1973, p. 7-9.)

A Escrava Isaura

Dentre os livros de Bernardo Guimarães, *A Escrava Isaura* foi o que obteve mais popularidade, apesar de pecar por alguns exageros românticos.

Retrata a história de uma escrava branca, educada com refinamento e que sofria com as injustiças e crueldades de um senhor.

Uma imponente fazenda em Campos, no Recife, compõe o cenário deste romance, que aborda a questão abolicionista, muito discutida na época.

Joaquim Manuel de Macedo (1820 – 1882)

Joaquim Manuel de Macedo nasceu em São João do Itaboraí, Rio de Janeiro, em 1820. Gradou-se em Medicina, porém não chegou a atuar como médico. Exerceu o magistério no Colégio Pedro II, foi deputado e jornalista. Faleceu no Rio de Janeiro no ano de 1882.

A sua obra de maior importância é *A Moreninha* (1844), pois se tornou um marco para o romance brasileiro, além de obter grande sucesso junto ao público. Trabalha neste romance a posição da mulher, considerada na época meio de enriquecimento ou qualificação através do casamento, já que as moças costumavam casar levando um dote a seu futuro marido. Contudo, transmitiu uma visão conservadora, reforçando nas mulheres a idéia de que eram destinadas ao casamento e só através dele encontrariam a felicidade. Além de romances, escreveu contos, novelas, teatro, poesia, relatos biográficos, sátiras de costumes, crônicas e obras de caráter didático. Eis algumas de suas obras: *O Moço Loiro* (1845), *A Luneta Mágica*; *O Cego* (1849); *O Novo Otelô* (1860); *A Nebulosa* (1857); *Memórias do Sobrinho de meu Tio* (1868).

Sua prosa assemelha-se à fala diária, estando seus romances muito próximos da narrativa oral. Além disso, procurava observar o mundo a sua volta e retratava-o com certa simplicidade.

Segundo Antônio Cândido¹², possuía uma visão da sociedade e do homem estreita e superficial, além de pouco senso estético.

A moreninha

Carolina e Augusto se amavam e já haviam até jurado eterna felicidade em sua infância, porém o pai do rapaz se opunha ao relacionamento. Apesar disso, após alguns contratempos o casamento se consuma e assiste-se a um final feliz.

VI

Augusto com seus amores

(...)

D. Carolina, pelo contrário, havia rejeitado dez braços. Queria passear só. Um braço era uma prisão e a engraçada Moreninha gostava, sobretudo, da liberdade. Ela queria correr, saltar e entreter com as outras diante de todos, e daqui a pouco ser a última no passeio, viva, com os olhos brilhantes, ágil, e com seu pezinho sempre pronto para a carreira; inocente para não se envergonhar de suas travessuras e criada com mimo demais para prestar atenção ao conselho de seu irmão, estava em toda a parte, via, observava tudo, e de tudo tirava partido para rir-se. Em contínua hostilidade com todas aquelas que passeavam com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada ação que percebia, tirava motivo para seus epigra-

¹²*Ibid.*, p. 127.

mas; e, inimigo invencível, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era por isso temido e arriscado. Deixemo-la, pois, correr e saltar, aparecer e desaparecer ao mesmo tempo; nem à nossa pena é dado o poder de acompanhá-la, que ela é tão rápida como o pensamento.

Finalmente, o pobre Augusto encontrou uma senhora que teve piedade dele. Estão afastados do resto da companhia, e conversavam. Vamos ouvi-los.

- Com efeito, disse a sr^a d. Ana, devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fogo a inconstância do amor.

- Mas, minha senhora, não sei por que se quer espantar!... é uma opinião.

- Um erro, senhor!... ou, melhor ainda, um sistema perigoso e capaz de produzir grandes males.

- Eis o que também me espanta!

- Não senhor, nada há aqui que exagerado seja; rogo-lhe que por um instante pense comigo: se o seu sistema é bom, deve ser seguido por todos; e se assim acontecesse, onde iria assentar o sossego das famílias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua base – a constância?...

Augusto guardou silêncio e ela continuou:

- Eu devo crer que o sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa daquela pela qual se explicou; consinta que lhe diga: no seu pretendido sistema, o que há é muita velhacaria; finge não se curvar por muito tempo diante de beleza alguma, para plantar no amor-próprio das moças o desejo de triunfar de sua inconstância.

- Não, minha senhora, o único partido que eu procuro e tenho conseguido tirar, é o sossego de que há algum tempo gozo.

- Como?

- É uma história muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com efeito, não sou tal qual me pintei durante o jantar. Não tenho a louca mania de amar um belo ideal, como pretendi fazer crer; porém, o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas e conservar-me firme no amor de uma só.

- Então o senhor já ama?

- Julgo que sim.

- A uma moça?

- Pois então a quem?

- Sem dúvida bela?...

- Creio que deve ser.

- Pois o senhor não sabe?...

- Juro que não.

- O seu semblante?

- Não me lembro dele.

- Mora na corte?...

- Ignoro-o.

- Vê-a muitas vezes?

- Nunca.

- Como se chama?

- Desejo sabê-lo.

- Que mistério!...

- Eu devo mostrar-me grato à bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto; e, pois, a senhora vai ouvir o que ainda não ouviu nenhum dos meus amigos, o que eu não lhes diria, porque eles provavelmente rir-se-iam de mim. Se deseja saber o

mais interessante episódio de minha vida, entremos nesta gruta, onde praticaremos livres de testemunhas e mais em liberdade.

Entraram.

Era uma gruta pouco espaçosa e cavada na base de um rochedo que dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga, como qualquer porta ordinária. Ao lado direito havia um bando de relva, em que poderiam sentar-se a gosto três pessoas; no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde caía, gota a gota, límpida e fresca água que do alto do rochedo se destilava; preso por uma corrente à bacia de pedra, estava um copo de prata, para servir a quem quisesse provar da boa água do rochedo.

Foi este lugar escolhido por Augusto para fazer suas revelações à digna hóspeda.

O estudante, depois de certificar-se de que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da sr.^a d. Ana, no banco de relva, e começou a história dos seus amores.

Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, São Paulo, Melhoramentos, 1963, pp. 64-67.

Manuel Antônio de Almeida (1831 – 1861)

De origem humilde, Manuel Antônio de Almeida nasceu em 1831 no Rio de Janeiro. Cursou a Escola de Belas Artes, porém não chegou a concluí-la. Em 1855 formou-se médico, mas não exerceu a profissão. Foi jornalista e funcionário público e freqüentou as rodas lite-

rárias. Faleceu em 1861 no naufrágio do vapor Hermes, próximo de Macaé.

Memórias de um Sargento de Milícias constituiu sua única obra de destaque pela originalidade. Foi publicada em folhetins anônimos e depois em dois volumes (1854-55).

Trata-se de um romance de costumes que retrata as camadas populares do Rio de Janeiro na época de D. João VI, com suas festas religiosas, os ajustes matrimoniais, além de expor os hábitos pouco castos do clero.

O protagonista é Leonardo, filho enjeitado de Leonardo Pacata e de Maria da Hortaliça, que fora criado pelo padrinho e depois pela madrinha e desde cedo dava demonstrações de traquinagem. Amava Luisinha, mas esta se casara com José Manoel. É preso pelo Major Vidigal, depois ganha a liberdade e torna-se praça. Algum tempo depois retorna à prisão, novamente é liberto e é promovido a sargento de milícias. José Manuel morre e Leonardo casa-se com Luisinha.

Frânklin Távora (1842 – 1888)

João Frânklin da Silveira Távora nasceu em 1842, em Baturité, Ceará. Estudou Direito em Pernambuco e transferiu-se para o Rio de Janeiro. Trabalhou como funcionário e co-diretor da *Revista Brasileira*, a qual fundou. Faleceu em 1888 no Rio de Janeiro.

Escreveu ficção (*O Cabeleira* – 1876; *O Matuto* – 1878); teatro (*Um*

Mistério de Família) e crítica (*Cartas a Cincinato* – 1870).

Teatro

Martins Pena (1815 – 1848)

Luís Carlos Martins Pena nasceu no Rio de Janeiro em 1815. Estudou comércio entre 1832 e 1834. Escreveu peças

de teatro e folhetins anônimos intitulados de *Semana Lírica*, ganhando prestígio junto ao público. Dirigiu-se a Londres em 1847 como funcionário da Embaixada. Tempos depois adoeceu de tuberculose e faleceu no Brasil em 1848.

Escreveu muitas comédias: *O Juiz de Paz na Roça*; *Quem casa, quer casa*; *Um Segredo de Estado*.

Utilizou-se da linguagem coloquial e explorou o contato de tipos roceiros com a Corte.

Resumo do Romantismo

Momento sócio-cultural

- Recém independente, o Brasil procura afirmar sua individualidade como nação, busca o reconhecimento perante outras nações.
- Ascensão da burguesia e de seus valores: liberdade individual e liberalismo. Porém, logo surge insatisfação com o cotidiano da vida burguesa, o que gera um sentimento de tédio e desencanto com o mundo, expressos pela arte romântica.

Características literárias

- Negação dos valores pregados pelo Arcadismo: a arte deve ser subjetiva, emotiva, sua força deve estar no conteúdo; o artista expõe seu mundo interior.
- O culto à forma é rejeitado. Em nome da liberdade de expressão o artista dispõe da forma como bem entende.
- Os temas principais do Romantismo (introversão, tédio, nacionalismo, amor, morte) são tratados de forma sentimental e imaginativa.

Autores e obras

- **Gonçalves Dias**: considerado o primeiro poeta genuinamente nacional, deixou obra vasta, destacando-se *Primeiros Cantos* (1847), *Os Timbiras* (1857), *Últimos Cantos* (1851).
- **Álvares de Azevedo**: maior nome da geração mal-do-século. Escreveu *Lira dos Vinte Anos* (1853), *Noite na Taverna* (1855), *Macário* (1855).
- **Castro Alves**: expoente da geração condoreira, denunciou a escravidão, defendeu a liberdade e exaltou a mulher. Deixou *Espumas Flutuantes* (1870), *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876).
- **José de Alencar**: defensor de uma literatura realmente brasileira, que aliasse consciência nacional ao rigor estético. De sua vasta e influente obra, destacamos *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865), *Ubirajara* (1874), *O Sertanejo* (1875).
- **Manuel Antônio de Almeida**: deixou *Memórias de um Sargento de Milícias* (1855), importante retrato do Rio de Janeiro do período joanino.

Realismo-Naturalismo

A economia açucareira encontra-se em decadência e esta situação agrava-se ainda mais com a extinção do tráfico negreiro em 1850. Com isso, o eixo econômico desloca-se para o Sul e há um ambiente favorável ao pensamento liberal, abolicionista e republicano. O país recebe influências do Positivismo e Evolucionismo.

O Positivismo foi criado por Augusto Comte (1798-1857) com o *Curso de Filosofia Positiva*, obra em seis volumes, publicada entre 1830 e 1842. Nela defende a importância crucial da Ciência para a vida do homem em sociedade. Propõe o abandono da Teologia e da Metafísica e sugere a busca do conhecimento "positivo" da realidade, ou seja, concreto, objetivo e obtido através da análise e experimentação.

A filosofia positiva influenciou outros pensadores, entre eles Proudhon, que forneceu a base para as idéias socialistas por meio de seus escritos em jornais e obras como *Filosofia do Progresso* (1835) e *Sistemas das Contradições Econômicas* (1846). Além deste, Hipólito Taine baseou-se nas idéias de Comte para apresentar a sua teoria determinista da obra de arte, condicionada a alguns fatores: herança, meio e momento histórico.

O Evolucionismo é uma teoria fundamentada na idéia de evolução dos seres vivos. Lamarck foi o primeiro a

enunciar a noção de evolução. Todavia, foi Darwin quem expôs os processos pelos quais a evolução das linhagens determina a das populações. O avanço da medicina e das ciências biológicas é percebido em sua obra *A Origem das Espécies* (1859).

Com tais idéias em voga, há um campo propício para o desenvolvimento de uma nova estética literária: o Realismo, que se opõe ao Romantismo, contrapondo-se ao caráter espiritualista e idealizador do mesmo.

O **Realismo** tem início no Brasil em 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Paralelamente ao Realismo, caminha o **Naturalismo**, que principia no mesmo ano, com a publicação de *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. O Realismo-Naturalismo tem seu término em 1902, com o surgimento de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha, obras que marcam o princípio de um novo período literário: o Pré-Modernismo.

Os escritores desse período procuram descrever os costumes e as relações entre os seres humanos com maior realidade.

O Naturalismo pode ser considerado como o Realismo levado até as últimas consequências. Procura dar explicações científicas para o comporta-

mento e as atitudes dos personagens. Estes são encarados como produtos de fatores externos, biológicos ou sociais: meios físicos, raça e hereditariedade. Os escritores analisam as conseqüências das doenças, taras, vícios na formação da personalidade. Somado a isso, observam a influência da natureza, meio social, família e educação nos personagens.

Os realistas eram anti-românticos, objetivos e racionalistas. Postulavam a primazia da razão sobre o sentimento e a arte compromissada, engajada. Enxergavam a Ciência como a solução para os problemas do homem.

Faziam de seus romances um laboratório em que objetivavam provar a teoria de que determinados personagens, vivendo num certo meio e em dadas circunstâncias e com determinada carga genética obrigatoriamente agiriam de uma determinada forma.

Machado de Assis (1839 – 1908)

Filho de um pintor mulato e uma lavadeira portuguesa, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 1839 no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Ainda em tenra idade ficou órfão e foi criado pela madrasta. Aprendeu a ler numa escola pública e teve aulas de francês e latim com um padre amigo. Contudo, logo teve de trabalhar para auxiliar no sustento da família. Tornou-se, então, um autodidata. Foi tipógrafo e revisor. Em 1858 ingressou no *Correio Mer-*

cantil e em seguida no *Diário do Rio de Janeiro*, não deixando de colaborar com a imprensa da Corte. Passou a ser funcionário público a partir de 1875. Exerceu os cargos de Primeiro-Oficial da Secretaria da Agricultura, Diretor da Diretoria-Geral do Comércio e Diretor-Geral da Viação. Fundou, com outros escritores, em 1897, a Academia Brasileira de Letras, da qual foi presidente até sua morte em 1908.

Cultivou quase todos os gêneros literários, compondo extensa e fecunda obra, da qual fazem parte os romances: *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908).

Foi o maior escritor do período e um dos mais importantes, senão o de maior importância, da literatura brasileira. Em seus livros fazia profundas reflexões sobre o ser humano e sua condição, os mistérios da alma humana, além de ser refinadamente irônico.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicado inicialmente em folhetim na *Revista Brasileira*, do Rio de Janeiro, em 1880. No ano posterior, foi publicado na forma de livro. É narrado em primeira pessoa por um morto que tenta refazer a história de sua vida, recordando os momentos marcantes da infância até a morte, não necessaria-

mente seguindo uma ordem linear, mas acompanhando o fluxo das lembranças. Entre outras coisas, recorda a paixão adolescente pela prostituta Marcela e o grande amor de sua vida: Virgília, esposa de Lobo Neves.

Brás Cubas sempre almejou a imortalidade. Não obteve os meios para conseguí-la em vida: não se casou, não teve filhos, não foi político, tampouco realizou grandes contribuições científicas, apesar de sua tentativa, o emplasto. Entretanto, após sua morte, consegue realizar seu intento escrevendo uma obra póstuma.

O capítulo a seguir é o primeiro do livro, em que o narrador apresenta-se como um “defunto autor” e inicialmente reflete sobre a própria construção da narrativa, discutindo como deveria começá-la. Em seguida, relata sua morte e reconstrói o quadro de seu enterro, mostrando com sutileza e ironia os jogos de interesse e as atitudes dissimuladas dos indivíduos e desmascarando a hipocrisia da sociedade. Merece destaque a caracterização psicológica dos personagens, realizada com maestria pelo escritor.

CAPÍTULO I

ÓBITO DO AUTOR

Algun tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente

um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: - “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tar-

de e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, - um lírio do vale, - e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era cousa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

“Morto! morto!” dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cego-nhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, - a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correio. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em

diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma.

Morri de uma pneumonia, mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, São Paulo: Globo, 1997, p. 1-3.)

Quincas Borba

Quincas Borba já havia aparecido como personagem em *Memórias Póstumas*, expondo suas idéias referentes ao Humanitismo a Brás Cubas. Em *Quincas Borba*, a figura do filósofo e louco reaparece, morando em Barbacena, Minas Gerais. O protagonista procura expor os princípios do Humanitismo a Rubião, ingênuo provinciano que se torna seu enfermeiro.

O sistema filosófico de Quincas Borba pode ser sintetizado na luta de duas tribos pela sobrevivência, simbolizada por um campo de batatas que ambas disputam. O personagem extrai sua concepção do Humanitismo: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”. Demonstra com objetividade e certa frieza que a sobrevivência e a ascensão social cabe aos mais fortes, os vencedores, seja quais forem os meios que utilizem para tanto.

Após expor suas idéias a Rubião, Quincas Borba morre e faz dele seu herdeiro universal, com apenas uma condição: cuidar de seu cão, que carregava o nome do dono.

Rubião, por sua própria trajetória de vida, comprova a tese do Humanitismo. Herdeiro de grande fortuna, deixa-se enganar pelo ambicioso casal Palha, Cristiano e Sofia. Enquanto Cristiano propõe negócios a Rubião, Sofia faz com que ele nutra por ela vãs esperanças. Aos poucos Rubião começa a dar indícios de loucura e perde toda a sua fortuna, ao passo que o casal prospera nos negócios e enriquece, após tê-lo enganado. Dessa forma, Machado vai compondo a sociedade burguesa do Segundo Reinado, trabalhando questões como a loucura e o abandono e mostrando como os mais fortes sobressaem-se em relação aos mais fracos.

O trecho seguinte apresenta uma conversa de Rubião com Brás Cubas, em que este lhe apresenta a filosofia do Humanitismo, explicando-a a partir do acontecimento que provocou a morte de sua avó.

CAPÍTULO VI

- Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contar-te como morreu minha avó.

- Como foi?

- Senta-te.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

- Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da Rua Direita, veio um sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e o ombro partidos, era toda sangue; espirou minutos depois.

- Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

- Não.

- Não?

- Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derribou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta,

Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológios; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse a casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

- E que Humanitas é esse?

- Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não é capaz de entender isto, meu caro Rubião; falemos de outra cousa.

- Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

- Queres ser meu discípulo?

- Quero.

- Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrando inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como a verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das cousas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vês como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

- Mas que Humanitas é esse?

- Humanitas é o princípio. Há nas cousas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível, - ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

- Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os de-

mais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

- Mas a opinião do exterminado?

- Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

- Bem; a opinião da bolha...

- Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-las a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É D. Quixote. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.

(Machado de Assis, *Quincas Borba*, São Paulo: Globo, 1997, p. 6-9.)

Dom Casmurro

Dom Casmurro foi publicado em 1899 e tem como personagens principais Bentinho e Capitu, que desde a infância comportam-se como dois apaixonados. Contudo, a mãe do garoto queria sua ordenação, o que não ocorre porque o agregado José Dias intervém. Bentinho e Capitu casam-se e vivem por muito tempo felizes, mas sem filhos, tendo por amigos Escobar, colega de seminário de Bentinho, e Sancha, sua esposa. Finalmente conseguem ter um filho: Ezequiel. Este, ao crescer, passa a imitar as pessoas que o rodeiam, entre elas Escobar. Isso provoca grande ciúme e frustração em seu pai, que procura não demonstrá-los. Após a morte de Escobar, Bentinho acredita mesmo que Capitu o tenha traído e que Ezequiel seja filho de Escobar. Resolve suicidar-se, depois muda de idéia e expulsa a mulher e o filho de casa. Passados alguns anos, Capitu falece na Europa e o jovem Ezequiel na Ásia.

O que mais nos chama atenção no romance é o fato de não podermos afirmar com exatidão se Capitu realmente traiu ou não Bentinho, pois é ele quem nos narra a história, envolvendo-nos com o véu de seu ciúme patológico e obcecação pela esposa.

O trecho a seguir mostra-nos a figura de Capitu, sob o olhar atento e deslumbrado de Bentinho:

CAPÍTULO XXXII

OLHOS DE RESSACA

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual

não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as cousas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

- Está na sala penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

- Há alguma cousa?

- Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

- Eu bem. José Dias ainda não falou?

- Parece que não.

- Mas então quando fala?

- Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

- Que tem, tem, interrompeu Capitu.

E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se, porém... é um inferno isto! Você teime com ele, Bentinho.

- Teimo; hoje mesmo ele há de falar.

- Você jura?

- Juro. Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada". Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento, imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira

da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas. Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, - para dizer alguma coisa, - que era capaz de os pentear, se quisesse.

- Você?
- Eu mesmo.
- Vai embaraçar-me o cabelo todo, isso sim.
- Se embaraçar, você desembaraça depois.
- Vamos ver.

Machado de Assis, *Dom Casmurro*, São Paulo: Globo, 1997, pp. 52-54.

Raul Pompéia (1863 – 1895)

Raul d'Ávila Pompéia nasceu em 1863 no Rio de Janeiro, onde realizou seus estudos secundários. cursou Direito em São Paulo e no Recife. Seguiu a carreira jornalística e defendeu o abolicionismo. Lecionou mitologia na Escola de Belas Artes e foi diretor da Biblioteca Nacional.

De temperamento questionador e inquieto, suicidou-se na noite de Natal de 1895, com apenas trinta e dois anos de idade.

Escreveu crônicas, contos, reminiscências, poemas em prosa e romances, publicados nos jornais em que trabalhou, sendo a maioria apenas recentemente compilada em livros. Todavia, há ainda obras não editadas em livros.

Entre suas obras estão *Uma Tragédia no Amazonas* (1880), *O Ateneu* (1888), *Canções sem Metro* e *As Jóias da Coroa* (ambas edições póstumas, publicadas em 1900 e 1962, respectivamente).

Seu romance de maior relevância é *O Ateneu*.

O Ateneu

Raul Pompéia inspirou-se nos seus anos de internato no Colégio Abílio para escrever seu romance *O Ateneu*.

Tendo como subtítulo "Crônica de Saudades", o romance possui como eixo

as experiências de Sérgio, narrador-personagem já adulto, que recorda sua infância no internato de Aristarco Argolo de Ramos.

Não há um enredo propriamente dito, mas uma sucessão de episódios que denunciam a hipocrisia e falsidade presentes no colégio, culminando com o incêndio do Ateneu.

A escola aparece como um espelho da sociedade, mostrando através da figura dos alunos e, sobretudo, do diretor Aristarco, como as relações sociais giram em torno dos interesses econômicos.

Alem disso, os maiores sobrepõem-se aos menores, ou seja, os mais fortes ocupam posição privilegiada em relação aos mais fracos.

O *Ateneu* soma aos elementos realistas-naturalistas a técnica impressionista, em que se procura mais oferecer um quadro das emoções e sensações vivenciadas do que propriamente discutir os acontecimentos e suas causas.

O fragmento transcrito a seguir compõe o primeiro capítulo do livro, em que o personagem central deixa a “estufa de carinho”, característica da vida familiar, e adentra no internato, passagem para a vida adulta, com todos os sofrimentos e contradições.

I

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta de *Ateneu*. Coragem para luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia,

num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos: como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Freqüentava como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com a

maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usado, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madreperola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespada, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os partistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos pelotões de chumbo! espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as

bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, - massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma facilidade de Providência Divina, intervindo sabiamente, resolvendo as pendências pela concórdia promíscua das caixas de pau. Força era deixar à ferrugem do abandono o elegante vapor da linha circular do lago, no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos rubros, dourados, argentados, pensativos à sombra dos tinhorões, na transparência adamantina da água...

Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido.

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

(...)

(Raul Pompéia, *O Ateneu*, São Paulo: Ática, 1990, p. 11-12.)

Aluísio Azevedo **(1857 – 1913)**

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão em 1857. Após concluir os estudos primários passa a trabalhar no comércio. Em 1881, transfere-se para o Rio de Janeiro e dedica-se ao jornalismo e à literatura. Em seguida segue a carreira diplomática. Falece em Buenos Aires em 1913.

Escreveu romances de grande interesse social: *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O Coruja* (1885), *O cortiço* (1890).

O cortiço

Publicado em 1890, *O Cortiço* constituiu o romance de maior importância de Aluísio Azevedo e que melhor condensa os ideais naturalistas.

Os personagens são lavadeiras, operários, prostitutas, indivíduos marginalizados que vivem num ambiente pobre e promíscuo. O cortiço determina-lhes o comportamento.

Destaca-se a figura de João Romão, português dono do cortiço, de uma pedreira e uma venda. Enriquece à custa da exploração dos empregados, que moram em seus casebres e fazem dívidas ao comprar fiado em sua venda. É ajudado por sua empregada e amante Bertoleza, escrava fugida. Ambicioso, usa de todos os meios para ficar rico.

Outros personagens compõem o ambiente do cortiço: Pombinha, moça pura e humilde que se torna prostituta; Jerônimo, português que vem morar no cortiço com a mulher Piedade e a filha, mas acaba se envolvendo com a sensual Rita Baiana. Ambos são vítimas do determinismo social.

O trecho a seguir apresenta-nos o cortiço através da zoomorfização dos personagens, que se assemelham a animais em sua descrição: “uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas”, “o prazer animal de existir”. Além disso, os elementos sensoriais (sons, cheiros e imagem) dão mais vivacidade e verossimilhança à cena.

III

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas.

Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomedamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não des-

cansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já não se falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sangüínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

(...)

(Aluísio Azevedo, *O cortiço*, São Paulo: Ática, 1975. p. 28-29.)

Outros autores

Inglês de Sousa (1853 – 1918)

Herculano Marcos Inglês de Souza nasceu no Pará em 1853. Gradou-se em Direito em São Paulo. Colaborou para a *Revista Nacional de Ciências*,

Artes e Letras. Dedicou-se à política e chegou a ser presidente das províncias do Sergipe e Espírito Santo, entre 1881 e 1882. Exerceu o magistério em universidade e lutou pela democratização do ensino primário. Colaborou na fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897. Faleceu no Rio de Janeiro em 1918.

Escreveu *O Cacaoeiro* (1876), *História de um Pescador* (1876), *O Coronel Sagrado* (1877), *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1892), sua obra de maior relevância.

Adolfo Caminha (1867 – 1897)

Adolfo Ferreira Caminha nasceu em Aracati, Ceará, em 1867. Devido à seca de 1877 mudou-se para Fortaleza e em seguida para o Rio de Janeiro em 1883, onde adentra para a Escola da Marinha. Defendeu idéias abolicionistas e republicanas. Como guarda-marinha em 1886 viajou para os Estados Unidos, onde se inspira para escrever seu livro de crônicas *No País dos Ianques* (1894). Regressou ao Ceará e envolveu-se num caso

de amor, em que se consuma o rapto da esposa de um alferes, a qual passa a viver com ele e com quem tem duas filhas. Deixa a Marinha a fim de trabalhar na Tesouraria da Fazenda. Em 1892 vai para o Rio de Janeiro, onde morre tuberculoso em 1897.

Escreveu *Vôos Incertos* (1886), *Judite e Lágrimas de um Crente* (1887), *A Normalista* (1893), *No País dos Ianques* (1894), *Bom-Crioulo* (1895), *Cartas Literárias* (1895), *Tentação* (1896).

Domingos Olímpio (1860 – 1906)

Domingos Olímpio Braga Cavalcanti nasceu no Ceará em 1860. Graduiu-se em Direito no Recife. Foi promotor público em Sobral e posteriormente transferido para o Pará, onde ficou até 1890, ano em que se mudou para o Rio de Janeiro. Passou a dedicar-se à carreira jornalística e entre 1904 e 1906 dirigiu *Os Anais*, revista por ele fundada. Nesta revista publicou seus romances *O Almirante* e *O Uirapuru*. Em 1903 publica *Luzia-Homem*, seu romance de maior importância. Faleceu no Rio de Janeiro em 1906.

Resumo do Realismo-Naturalismo

Momento sócio-cultural

- O Segundo Reinado está em crise: a Guerra do Paraguai (que custou muitas vidas e dinheiro ao país) e a cada vez mais intensa campanha

abolicionista desgastam o governo de D. Pedro II, que perde continuamente o apoio dos grandes proprietários rurais.

- O eixo econômico e de poder deslocou-se para o Sul, devido à decadência

cia da economia açucareira e à expansão da lavoura de café.

- Os meios intelectualizados do país sofrem influência das teorias científicas, como o positivismo, o evolucionismo e o determinismo.

Características literárias

- As principais características do Realismo são: objetividade, racionalismo, texto cuidadoso e objetivo, engajamento (a arte quer modificar uma realidade injusta), crítica aos valores religiosos e burgueses e ao monarquismo.
- O retrato que os realistas fazem da sociedade é objetivo e implacável. Realizam análise psicológica dos personagens, por vezes muito profunda.
- Os autores naturalistas levam os princípios realistas ao extremo. Sua abordagem do homem e da sociedade pode ser chamada de biológica: mostram o ser humano condicionado por patologias, taras e impulsos

biológicos, além de conduzido pelo papel que a sociedade lhe dá.

Autores e obras

- **Machado de Assis:** um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, é considerado o maior escritor da literatura brasileira. Sua obra estuda a condição humana com muita profundidade. Escreveu *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908), além de mais de duzentos contos.
- **Raul Pompéia:** autor crítico, que denunciou as instituições superadas do Império. Sua obra mais importante é o romance *O Ateneu* (1888), baseado em sua experiência em colégio interno.
- **Aluísio Azevedo:** introdutor e principal nome do Naturalismo no Brasil, escreveu *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O Cortiço* (1890).

Parnasianismo

No plano da prosa, a reação contra o Romantismo constituiu o Realismo. Já no plano da poesia, o combate ao sentimentalismo produziu o que chamamos de Parnasianismo.

O movimento parnasiano iniciou-se em 1882, com a publicação das *Fanfarras*, de Teófilo Dias e prolongou-se até aproximadamente 1922, quando recebeu severas críticas dos modernistas.

O nome Parnasianismo tem sua origem no *Parnasse Contemporain*, uma antologia de escritos de diversos poetas franceses que reagem contra as tendências românticas, organizada por Lemerre em 1866.

Parnaso era o nome de um monte grego, dedicado na Antiguidade às Musas e a Apolo. De acordo com a mitologia, neste lugar havia a fonte Castália, cujas águas inspiravam os poetas. O vocábulo *Parnaso* também foi utilizado com o sentido de “grupo de poetas”, “antologia” e até mesmo de “poesia”.

Os escritores inspiravam-se em Leconte de Lisle, que iniciou a descrição objetiva do mundo e dos objetos, utilizou temas da história antiga e dos povos orientais e teve grande preocupação com a forma, construindo versos com ritmo, vocabulário raro e elementos sensoriais.

Baudelaire e Théophile Gautier também muito influenciaram os parnasia-

nos. Este último preconizou a teoria da “arte pela arte”, ou seja, a idéia de que a palavra deveria ser encarada como um objeto e a estética teria que ser buscada através de engenhoso trabalho e não simplesmente por meio da inspiração. A beleza seria, dessa forma, a única finalidade da arte.

Vale ressaltar que, além da França, o Brasil foi o único país em que se manifestou o Parnasianismo.

A arte de escrever poesia foi comparada ao trabalho do escultor, pintor e até mesmo do ourives, pela paciência e atenção aos detalhes, que devem possuir os poetas. Para tanto, deveriam atentar para a rigidez formal, cuidando da versificação, rima, sonoridade (obtida através das aliterações e assonâncias).

Os mais importantes poetas parnasianos brasileiros compõem a “tríade parnasiana”. São eles: Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac. Merecem destaque também Vicente de Carvalho, Francisca Júlia e Artur de Azevedo.

Alberto de Oliveira (1857 – 1937)

Antônio Mariano Alberto de Oliveira nasceu em Palmital de Saquarema,

Rio de Janeiro, em 1857. Estudou Medicina, mas deixou-a para estudar Farmácia, em que se graduou, porém não chegou a seguir carreira. Exerceu as funções de Diretor Geral da Instrução no Rio de Janeiro, entre 1893 e 1898, e de professor de Português e Literatura Brasileira. Auxiliou na fundação da Academia Brasileira de Letras e em 1924 foi chamado de “Príncipe do Poetas Brasileiros”. Faleceu em 1937 em Niterói.

Sua obra poética envolve, entre outros livros: *Canções Românticas* (1878), *Meridionais* (1884), *Sonetos e Poemas* (1885), *Versos e Rimas* (1895).

Iniciou sua produção poética como romântico, mas identificou-se com o Parnasianismo, passando a seguir o ideal de “arte pela arte” e a enquadrar-se na rigidez métrica que a escola literária propunha.

Os poemas a seguir ilustram bem o caminho percorrido pelo escritor, que não tinha grandes preocupações sociais nem temáticas, mas buscava construir uma poesia bela, seguindo os moldes parnasianos, como o rigor na forma e a utilização de elementos da mitologia clássica. Constrói uma poesia com musicalidade, fazendo uso de assonâncias e aliterações. Além disso, faz referências à natureza, dotada de vida e colorido, e menciona seu desejo de amar, resquício do Romantismo.

Os poemas “Vaso Grego” e “Vaso Chinês” mostram a descrição de objetos. Os parnasianos costumavam também descrever figuras mitológicas, cenas históricas e paisagens.

Vaso Grego

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa,
[um dia,
Já de aos deuses servir com
[cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus
[servia.

Era o poeta de Teos que a
[suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinia,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas o lavor da taça
[admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a,
[às bordas

Finas hás de lhe ouvir, canora e
[doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse e encantada música das
[cordas,

Qual se essa voz de Anacreonte
[fosse.

Vaso Chinês

Entranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um
[perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um
[bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil
[lavrado,
Na tinta ardente, de um calor
[sombrio.
Mas, talvez por contraste à
[desventura,
Quem o sabe?... de um velho
[mandarim
Também lá estava a singular figura;
Que arte em pintá-la! a gente
[acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele
[chim
De olhos cortados à feição de
[amêndoa.

(Apud Massaud Moisés, *A Literatura Brasileira através dos textos*, p. 241)

De “Alma em Flor”

II

Sei que um perfume intenso em
[tudo havia.
Era, enfeitada e nova, a laranjeira,
E o pomar verde pela vez primeira
Florido; era na agreste serrania,
Com os botões de ouro e a
[espata luzidia
Rachando ao sol, a tropical
[palmeira;
Era o sertão, era a floresta inteira
Que em corimbos, festões e luz
[se abria.

Sei que um frêmito de asas
[multicores
Se ouvia. Eram insetos aos
[cardumes
A reboir, fosforescendo no ar.
Era a Criação toda, aves e flores,
Flores e sol, e astros e vaga-lumes
A amar... a amar... E que ânsia em
mim de amar!

(*Poesias*, Rio de Janeiro, Garnier, 1912)

Raimundo Correia (1850 – 1911)

Raimundo da Mota Azevedo Correia nasceu no litoral do Maranhão, a bordo de um navio, em 1850. Graduiu-se em Direito em São Paulo no ano de 1882. Exerceu o cargo de Juiz durante muito tempo na Província do Rio de Janeiro, em Minas Gerais e na Capital. Foi secretário das Finanças de Minas Gerais em 1892 e professor de Direito em Ouro Preto, no mesmo ano. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e nomeado Segundo Secretário da Legação do Brasil em Lisboa em 1897. Regressou à Pátria, exerceu novamente a magistratura e o magistério. De saúde frágil, realizava um tratamento de neurastenia na França, quando morreu em 1911.

São suas obras: *Primeiros Sonhos* (1879), *Sinfonias* (1883), *Versos e Versões* (1887), *Aléluias* (1891), *Poesias* (1898) e *Lucindo filho* (1898).

Demonstrava busca angustiada pela transcendência e espírito romântico. Apesar disso, é classificado como parnasiano por causa do apuro formal.

Sua poesia é repleta de sugestões vagas e imprecisas e de musicalidade, assemelhando-se à poesia simbolista.

Escreveu poemas com temas moralizantes e tom pessimista. Costumava utilizar como cenário a natureza e ambientes noturnos, criando uma atmosfera de magia e mistério.

Banzo

Visões que n'alma o céu do exílio
[incuba,
Mortais visões! Fuzila o azul
[infando...
Coleia, basilisco de ouro, ondeando
O Níger... Bramem leões de fulva
[juba...
Uivam chacais... Ressoa a fera tuba
Dos cafres, pelas grotas
[retumbando,
E a estralada das árvores, que
[um bando
De paquidermes colossais derruba...
Como o guaraz nas rubras penas
[dorme,
Dorme em nimbos de sangue o sol
[oculto...
Fuma o saibro africano
[incandescente...

Vai coa sombra crescendo o vulto
[enorme
Do baobá... E cresce n'alma o vulto
De uma tristeza, imensa,
[imensamente...

Fetichismo

Homem, da vida as sombras
[inclementes
Interrogas em vão: - Que céus
[habita
Deus? Onde essa região de luz
[bendita,
Paraíso dos justos e dos crentes?...
Em vão tateiam tuas mãos trementes
As entranhas da noite erma, infinita,
Onde a dúvida atroz blasfema e
[grita,
E onde há só queixas e ranger de
[dentes...
A essa abóbada escura, em vão
[elevas
Os braços para o Deus sonhado,
[e lutas
Por abarcá-lo; é tudo em torno
[trevas...
Somente o vácuo estreita em teus
[braços;
E apenas, pálido, um ruído
[escutas
Que é o ruído dos teus próprios
[passos!...

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor
[que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que
[nasce,
Tudo o que punge, tudo o que
[devora
O coração, no rosto se
[estampasse;

Se se pudesse, o espírito que
[chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja
[agora
Nos causa, então piedade nos
[causasse!

Quanta gente que ri, talvez,
[consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

(*Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, José Aguilar, 1961, p. 135-136)

Olavo Bilac (1865 – 1918)

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 1865. Cursou a Faculdade de Medicina até o

quarto ano, mas deixou-a para estudar Direito em São Paulo, não chegando, mais uma vez, a concluir o curso. Exerceu as funções de jornalista, funcionário público e inspetor escolar. Extremamente patriota, é de sua autoria a letra do hino à bandeira. Teve participação em campanhas cívicas, em defesa do serviço militar obrigatório e contra o analfabetismo. Faleceu no Rio em 1918.

Escreveu poesia (*Poesias* – 1888, *Poesias Infantis* – 1904, *Tarde* – 1919) e prosa (*Crônicas e Novelas* – 1894, *Ironia e Piedade* – 1916, *A Defesa Nacional* – 1917, *Bocage* – 1917), além de livros didáticos.

Foi hábil no manejo da métrica e dos versos, construindo poemas de rara perfeição formal, porém “superficiais como visão do homem”, como ressaltaram Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo¹³.

Profissão de Fé

O poeta compara seu trabalho ao do ourives, que grava com paciência imagens no ouro. Da mesma forma o escritor cria seus poemas; atentando para a versificação e as rimas.

Le poète est ciseleur,
Le ciseleur est poète.

Vítor Hugo

Não quero o Zeus Capitolino,
Hercúleo e belo,
Trabalhar no mármore divino
Com o camartelo.

¹³*Ibid.*, p. 377.

Que outro – não eu! – a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Atena o altivo porte
Descomunal.

Mais que esse vulto extraordinário,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicário
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A pena, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conto passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever – tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer; e o lobo e a espuma
Deixa-a rolar!

Blasfemo, em grita surda e horrendo
Ímpeto, o bando
Venha dos Bárbaros crescendo,
Vociferando...

Deixa-o: que venha e uivando passe
- Bando feroz!

Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Via-láctea

“Via-láctea” compõe a segunda parte do livro *Poesias*, constituída de trinta e cinco sonetos. A temática constante destes é o amor.

XX

Olha-me! O teu olhar sereno e
[brando
Entre-me o peito, como um largo
[rio
De ondas de ouro e de luz,
[Impido, entrando
O ermo de um bosque tenebroso
[e frio.
Fala-me! Em grupos doudejantes,
[quando
Falas, por noites cálidas de
[estilo,
As estrelas acendem-se,
[radiando,
Altas, semeadas pelo céu
[sombrio.
Olha-me assim! Fala-me assim!
[De pranto
Agora, de ternura cheia,
Abre em chispas de fogo essa
[pupila...
E enquanto eu ardo em sua luz,
[enquanto
Em seu fulgor me abraso, uma
[sereia
Soluze e cante nessa voz
[tranquãila!

(*Poesia*, Rio de Janeiro: Garnier, 1902)

In Extremis

Nunca morrer assim! Nunca
[morrer num dia
Assim! de um sol assim!
Tu, desgrenhada e fria,
Fria! postos nos meus os teus
[olhos molhados,
E apertando nos teus os meus
[dedos gelados...
E um dia assim! de um sol assim!
[E assim a esfera
Toda azul, no esplendor do fim da
[primavera!
Asas, tontas de luz, cortando o
[firmamento!
Ninhos cantando! Em flor a terra
[toda! O vento
Despencando os rosais,
[sacudindo o arvoredo...
E, aqui dentro, o silêncio... E este
[espanto! e este medo!
Nós dois... e, entre nós dois,
[implacável e forte,
A arredar-me de ti, cada vez
[mais, a morte...
Eu, com o frio a crescer no
[coração, - tão cheio
De ti, até no horror do derradeiro
[anseio!
Tu, vendo retorcer-se
[amarguradamente,
A boca que beijava a tua boca
[ardente,
A boca que foi tua!

E eu morrendo! e eu morrendo,
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo
[o céu, e vendo
Tão bela palpitando nos teus olhos,
[querida,
A delícia da vida! a delícia da vida!

(Apud Antônio Candido e José Aderaldo Castelo,
Presença da Literatura Brasileira, pp. 384-385)

Escreveu poesia (*Ardentias* – 1885; *Relicário* – 1888; *Rosa, Rosa de Amor* – 1902; *Poemas e Canções* – 1908; *Versos da Mocidade* – 1909) e prosa (*Páginas Soltas* – 1911; *Luizinha* – 1924).

Francisca Júlia (1874 – 1920)

Francisca Júlia da Silva Munster nasceu em São Paulo em 1874 e faleceu no mesmo estado em 1920. Escreveu *Mármore* (1895) e *Esfinges* (1903) e foi fiel seguidora dos rígidos princípios parnasianos.

Artur de Azevedo (1855 – 1908)

Irmão de Aluísio Azevedo, ficou mais conhecido como jornalista e comediógrafo. Retrata com fidelidade a sociedade carioca do final do século, marcada pela vida boêmia.

Outros autores

Vicente de Carvalho (1866 – 1924)

Vicente Augusto de Carvalho nasceu em Santos em 1866. Graduiu-se em Direito em 1886. Exerceu as funções de advogado, político, juiz e desembargador. Defendeu idéias republicanas e abolicionistas; foi também fazendeiro e negociante. Faleceu em São Paulo em 1924.

Resumo do Parnasianismo

O Parnasianismo é a expressão do realismo no plano da poesia, com uma produção objetiva, direta, que nomeia os objetos e seres sem exageros sentimentais. Assim, muitas das características realistas são aplicadas ao Parnasianismo.

Simbolismo

A publicação das obras *Missal* e *Broquéis* de Cruz e Sousa em 1893 marca o início do movimento simbolista, que se estende até 1902, com a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha.

Diferentemente do Parnasianismo, seu contemporâneo, não se assemelha em nenhum aspecto ao Realismo-Naturalismo. Aproxima-se do Romantismo por seu caráter subjetivo.

Os simbolistas procuram recuperar a unidade entre o material e espiritual, assim como os românticos. Contudo, diferem destes por buscá-la aqui mesmo na terra e não em uma vida após a morte.

Acreditam na idéia do místico sueco Swedenborg de que tudo que existe no mundo natural depende do mundo espiritual e, portanto, todos os elementos da natureza são correspondências. Os objetos do mundo real constituem símbolos do mundo espiritual e devem ser decifrados.

Influenciados também por Mallarmé, consideram a poesia como expressão dos mistérios da existência humana e buscam a sugestão através do uso do símbolo. Este é usado para revelar um estado de alma.

A música é tida pelos simbolistas como a arte que melhor realiza a sugestão. Por isso, elaboram textos que expressam musicalidade.

Os poetas fecham-se numa “torre de marfim” e fazem culto do vago e do misterioso.

Cruz e Sousa (1861 – 1898)

João da Cruz e Sousa nasceu em Santa Catarina em 1861, filho de escravos negros. Concluiu o curso secundário no Ateneu Provincial Catarinense e passou a exercer a função de professor. Faleceu em 1898, vítima de tuberculose.

Escreveu *Tropos e Fantasias* (1885), *Missal* (1893), *Broquéis* (1893), *Evocações* (1898), *Faróis* (1900), *Últimos Sonetos* (1905).

Além de ter introduzido o Simbolismo no Brasil, Cruz e Souza foi o escritor mais significativo desse movimento em nosso país.

Recebeu influência dos realistas, compondo textos marcados por profundo pessimismo e materialismo, e dos parnasianos, demonstrando excessiva preocupação com a forma.

Antífona

Neste poema encontramos elementos tipicamente simbolistas: vaguidão, fluidez, utilização de objetos litúrgicos

(“incensos dos turíbulos das aras”), imagens diurnas e noturnas, símbolos que despertam sensações e nos sensibilizam para o transcendente.

O poeta procura despertar os sentidos do leitor: “Indefiníveis músicas supremas, harmonias da Cor e do Perfume”. Chama a atenção deste para o Mistério de seus versos e, sobretudo, para o Mistério da própria existência humana. Aparecem figuras oníricas: “Do Sonho as mais azuis diafaneidades”.

A imagem da mulher surge sensual, mas também idealizada: “Forças originais, essência, graça de carnes de mulher, delicadezas”.

Composto de imagens fortes e vibrantes e permeado de musicalidade, o poema termina com a imagem da morte: “Tropel cabalístico da Morte”.

Alfredo Bosi, em seus estudos¹⁴, ressaltou que a utilização constante das maiúsculas confere valor absoluto a certos termos. Podemos citar alguns, no poema em questão: “Formas”, “Amor”, “Virgens”, “Santas”, “Cor”, “Perfume”, “Ocaso”, “Dor”, “Luz”, “Mistério”, “Sonho”, “Verso”, “Morte”.

Ó Formas alvas, brancas, Formas
[claras

De luares, de neves, de neblinas!...

Ó Formas vagas, fluidas,
[cristalinas...

Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente
[puras,

de Virgens e de Santas
[vaporosas...
Brilhos errantes, mádidas
[frescuras
e dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas,
harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas,
[extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz
[resume...

Visões, salmos e cânticos serenos,
surdinas de órgãos flébeis,
[soluçantes...

Dormências de volúpicos
[venenos
sutis e suaves, mórbidos,
[radiantes...

Infinitos espíritos dispersos,
inefáveis, edênicos, aéreos,
fecundai o Mistério destes versos
com a chama ideal de todos os
[mistérios.

Do sonho as mais azuis
[diafaneidades
que fuljam, que na Estrofe se
[levantem
e as emoções, todas as
[castidades
da alma do Verso, pelos versos
[cantem.

Que o pólen de ouro dos mais
[finos astros

¹⁴Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 274.

fecundem e inflame a rima clara e
[ardente...

Que brilhe a correção dos
[alabastros
sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça
de carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas
[passa
do Éter nas róseas e áureas
[correntezas...

Cristais diluídos de clarões álacres,
desejos, vibrações, ânsias,
[alentos,
fulvas vitórias, triunfamentos acres,
os mais estranhos
[estremecimentos...

Flores negras do tédio e flores
[vagas
de amores vão, tantálicos,
[doentios...

Fundas vermelhidões de velhas
[chagas
em sangue, abertas, escorrendo
[em rios...

Tudo! vivo e nervoso e quente e
[forte,
nos turbilhões quiméricos do
[Sonho,

passa, cantando, ante o perfil
[medonho
e o tropel cabalístico da Morte...

(*Apud* Antônio Candido e José Aderaldo Castelo,
Presença da Literatura Brasileira, pp. 395-396)

Alphonsus de Guimaraens (1870 – 1921)

Afonso Henriques da Costa Guimaraens nasceu em Ouro Preto em 1870. Após a morte de sua prima e namorada Constança, fica doente e vem para São Paulo em 1891. Inicia o curso de Direito e passa a relacionar-se com poetas simbolistas. Já casado, exerce o cargo de juiz em Minas Gerais, até sua morte, em 1921.

Escreveu *Setenário das Dores de Nossa Senhora e Câmara Ardente* (1899), *Dona Mística* (1899), *Kiriale* (1902), *Pauvre Lyre* (1921), *Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte* (1923), *A Escada de Jacó* (1938).

O tema mais recorrente em sua poesia é a morte da amada, objeto de sua idealização. Além deste, também são frequentes a devoção religiosa e a morte.

O poema a seguir é um dos mais famosos do escritor, contendo uma linguagem simples e pleno de musicalidade. Nele utiliza redondilhas maiores, influência da tradição lírica medieval. Ismália pode ser considerada símbolo do anseio do ser humano pela transcendência. A morte é encarada como meio de ascensão e liberação.

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...

Estava perto do céu,
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar...

Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

(*Clássicos da Poesia Brasileira*, São Paulo: Klick Editora, 1997, pp. 165-166)

Augusto dos Anjos (1884 – 1914)

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no engenho Pau D'Arco, no estado do Paraíba, em 1884. Formou-se no Liceu Paraibano e, posteriormente, graduou-se em direito no Recife em 1905. Foi professor em João Pessoa, depois se transferiu em 1910 para o Rio de Janeiro e em 1913 foi para Leopoldina, Minas Gerais, onde atuou como promotor e professor. Faleceu um ano depois.

Escreveu apenas duas obras: *Eu* (1912) e *Eu e Outras Poesias* (1919), porém de grande valor literário.

Sua poesia é marcada por um tom pessimista e pela utilização de um vocabulário científico e uma linguagem agressiva.

Oscila entre elementos parnasianos (apuro formal) e simbolistas (musicalidade), sendo poeta de difícil classificação estética e também considerado pré-modernista.

Como podemos perceber nas poesias que se seguem, carece de um sentido existencial e demonstra profunda angústia diante da vida, que caminha para o destino fatal: a morte e a desintegração. Daí o sofrimento e a sensação de impotência em relação ao destino.

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do
[amoniaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da
[infância,
A influência má dos signos do
[zodíaco.
Profundissimamente
[hipocondríaco,
Este ambiente me acusa
[repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia
[análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um
[cardíaco.

Já o verme – este operário das
[ruínas –
Que o sangue podre das
[carnificinas
Come, e à vida em geral declara
[guerra,
Anda a espreitar meus olhos para
[roê-los,
E há de deixar-me apenas os
[cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(*Clássicos da Poesia Brasileira*, São Paulo: Klick
Editora, 1997, p. 175)

Versos Íntimos

Vês?! Ninguém assistiu ao
[formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta
[pantera –

Foi tua companheira inseparável!
Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra
[miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.
Toma um fósforo. Acende teu
[cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do
[escarro,
A mão que afaga é a mesma que
[apedreja.

Se a alguém causa inda pena a
[tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te
[afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

(*Ibid.*, p. 177)

Resumo do Simbolismo

Momento sócio-cultural

- O fim do século XIX é de profundo pessimismo e desânimo. A civilização industrial produz desencanto e vazio, vazio este que leva o homem a procurar o espiritual e o absoluto.

Características literárias

- Essa ânsia pelo absoluto leva os simbolistas a tentarem unificar matéria e espírito por meio de uma arte que é pura sugestão, fluidez e musicalidade, negando a poesia fria dos parnasianos.
- Para os simbolistas a poesia deve expressar os mistérios da alma e da

vida, mas sem nomear esses mistérios. Deve sugerir-los, utilizando o som e o símbolo.

- Em suma, a poesia simbolista é mistério e imprecisão.

Autores e obras

- **Cruz e Sousa:** o mais importante simbolista brasileiro (e um dos maiores do mundo). Escreveu *Missal* (1893), *Broquéis* (1893), *Faróis* (1900), *Últimos Sonetos* (1905).
- **Alphonsus de Guimaraens:** autor de obra mística e que idealiza a amada morta. Deixou *Setenário das Dores de Nossa Senhora* (1889), *Kiriale* (1902), *A Escada de Jacó* (1938).

Pré-Modernismo

No Brasil do começo do século XX, os proprietários rurais de São Paulo e Minas Gerais compõem a elite dominante da República Velha, que vai de 1894 a 1930. A economia tem por base a dupla “café com leite”, ou seja, centra-se na lavoura cafeeira e na pecuária.

Por outro lado, há um aumento da industrialização e um crescimento da classe operária. Cada vez mais imigrantes europeus dirigem-se ao centro-sul e os negros, recém-libertados, compõem a classe marginalizada em vários pontos do país.

Com a ascensão do café de São Paulo, a cultura canavieira do Nordeste entra em decadência.

Ex-escravos, imigrantes e proletariado integram a camada menos favorecida da sociedade, ao contrário da classe conservadora, detentora de dinheiro e poder. Este quadro gera uma série de revoltas por várias regiões do país. Entre os acontecimentos estão: No nordeste - fenômeno do cangaço, fanatismo religioso centrado na figura do padre Cícero, guerra de Canudos; no Rio de Janeiro – revolta contra a vacina obrigatória contra a febre amarela e Revolta da Chibata; em São Paulo – greves operárias; no sul – Guerra do Contestado.

Nesse contexto desenvolvem-se tendências conservadoras ainda influenciadas pelo Realismo-Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo e atitudes

renovadoras, apresentando novas concepções estéticas e temáticas.

Marcam o início deste período, que não pode ser considerado uma estética literária, as obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha. Estende-se até 1922, quando ocorreu a Semana de Arte Moderna e principiou o Modernismo no Brasil.

Euclides da Cunha (1866 – 1909)

Euclides Rodrigues da Cunha nasceu em Cantagalo, Rio de Janeiro, em 1866. Após os estudos secundários, cursou a Escola Politécnica, mas abandonou-a por motivos financeiros e mudou-se para a Escola Militar, saindo desta como tenente e engenheiro. Seguiu também a carreira jornalística, que lhe propiciou a ida, como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, para o arraial de Canudos, no sertão baiano. Em seguida vai para São José do Rio Pardo, onde escreve *Os sertões*, publicado em 1902 e responsável por sua notoriedade. Entrou para a Academia Brasileira de Letras e foi professor de Lógica no Colégio Pedro II, em 1909. Morreu assassinado nesse mesmo ano.

Escreveu também *Peru versus Bolívia* - 1907, *Contraste e Confrontos* - 1907, *À Margem da História* - 1909, *Canudos (Diário de uma Expedição)* - 1939.

Os Sertões

Os *Sertões* analisam o conflito ocorrido entre 1896 e 1897 em Canudos, no sertão da Bahia. Influenciado pelo determinismo positivista, Euclides da Cunha dividiu a obra em três partes: “A terra”, que faz a descrição dos aspectos físicos do sertão baiano, onde ocorreu o conflito; “O Homem”, que apresenta o sertanejo como resultado da mestiçagem, enfatizando a figura do beato carismático Antônio Conselheiro como produto do meio físico e social e “A luta”, em que narra o desenvolvimento do conflito e a destruição do arraial de Canudos.

O escritor utilizou extenso e raro vocabulário, por diversas vezes extraído da linguagem científica, explorou as possibilidades sintáticas da língua e procurou intensificar e engrandecer os fatos de sua narrativa.

III

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agra-

va-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo; na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas.

Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigurou-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o *campiã* que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência.

(...)

(Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 129-131)

Lima Barreto (1881 – 1922)

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 1881. Concluído o curso secundário, ingressou na Escola Politécnica, mas deixou-a para assumir a Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra.

Vítima de depressão e alcoolismo, foi internado duas vezes no Hospício Nacional. Faleceu em 1922 de colapso cardíaco.

Estão entre suas obras *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), *Bagatelas* (1923), *Os Bruzundangas* (1923), *Clara dos Anjos* (publicação póstuma em 1948).

Com um estilo simples, Lima Barreto procurava escrever para as camadas populares, conscientizando-as sobre a situação de exploração a que eram submetidas, além de fazer uma crítica a preconceitos de qualquer espécie.

Triste Fim de Policarpo Quaresma

O romance divide-se em três partes, todas relacionadas à vida do personagem central: o quixotesco Policarpo Quaresma, subsecretário no Arsenal de Guerra. Extremamente patriota e nacionalista, valoriza o violão, a modinha e o folclore e anseia pelo estabelecimento do tupi como língua oficial.

Tido como louco, vai para o hospício. Em seguida dedica-se à agricultura. Na revolta contra o Marechal Floriano, apresenta-se para servi-lo, chefia uma guarnição, mas é preso como traidor e condenado à morte.

I

A LIÇÃO DE VIOLÃO

Como de hábitos, Policarpo Quaresma, mais conhecido por Major Quaresma, bateu em casa às quatro e quinze da tarde. Havia mais de vinte anos que isso acontecia. Saindo do Arsenal de Guerra, onde era subsecretário, bongava pelas confeitarias algumas frutas, comprava um queijo, às vezes, e sempre o pão da padaria francesa.

Não gastava nesses passos nem mesmo uma hora, de forma que, às três e quarenta, por aí assim, tomava o bonde, sem erro de um minuto, ia pisar a soleira da porta de sua casa, numa rua afastada de São Januário, bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

A vizinhança já lhe conhecia os hábitos e tanto que, na casa do Capitão Cláudio, onde era costume jantar-se aí pelas quatro e meia, logo que o viam passar, a dona gritava à criada: “Alice, olha que são horas; o Major Quaresma já passou.”

E era assim todos os dias, há quase trinta anos. Vivendo em casa própria e tendo outros rendimentos além do seu ordenado, o Major Quaresma

podia levar um trem de vida superior aos seus recursos burocráticos, gozando, por parte da vizinhança, da consideração e respeito de homem abastado.

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!”

O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, quando se abriam as janelas da sala de sua livraria, da rua poder-se-iam ver as estantes pejudadas de cima abaixo.

Eram esses os hábitos; ultimamente, porém, mudara um pouco; e isso provocava comentários no bairro. Além do compadre e da filha, as únicas pessoas que o visitavam até então, nos últimos dias, era visto entrar em sua casa, três vezes por semana e em dias certos, um senhor baixo, magro, pálido, com um violão agasalhado numa bolsa de camurça. Logo pela primeira vez o caso intrigou a vizinhança. Um violão em casa tão respeitável! Que seria?

E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do major convidou uma amiga, e ambas levaram um tempo perdido, de cá para lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o “pinho” na posição de tocar, o major, atentamente, ouvia: “Olhe, major, assim”. E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida; em seguida, o mestre aduzia: “É ‘ré’, aprendeu?”

Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que cousa? Um homem tão sério metido nessas ma-landragens!

(...)

(Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, São Paulo: Ática 1990, p. 19-20)

Monteiro Lobato (1882 – 1948)

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, São Paulo, em 1882. Graduou-

se em Direito e foi promotor em Areias. Herdou a propriedade dos avós e tornou-se fazendeiro, mas depois se mudou para São Paulo. Comprou a *Revista do Brasil* e iniciou a Editora Monteiro Lobato. De 1927 a 1931 trabalhou como adido comercial do Brasil nos Estados Unidos. Ao retornar, fundou a Companhia Petróleo do Brasil e liderou a campanha do ferro. Em 1941 é preso e após sua saída exila-se na Argentina, onde fica por algum tempo. Faleceu em 1948.

Escreveu *Urupês* (1918), *Idéias de Jeca Tatu* (1919), *Cidades Mortas* (1919), *Negrinha* (1920), *O Macaco que se Fez Homem* (1923), entre outras obras.

Ao compor seu conhecido personagem Jeca Tatu, denunciou as mazelas sociais do interior paulista por meio da caricatura do caboclo.

Produziu extensa e rica obra para crianças, que o consagrou como maior autor infanto-juvenil do país.

Resumo do Pré-modernismo

Momento sócio-cultural

- Parte do Brasil se industrializa e se urbaniza rapidamente. Milhares de imigrantes europeus se estabelecem no país. Enquanto o Centro-sul se moderniza, conflitos em regiões como Canudos expõem a miséria de grande parte do país.

Características literárias

- Esse período é uma transição para o Modernismo e não possui os traços de uma escola literária. Vemos o início de tendências e temas que se firmam no Modernismo.

Autores e obras

- **Euclides da Cunha:** jornalista, escreveu *Os Sertões* (1902), obra-prima que relata a guerra de Canudos.
- **Lima Barreto:** escritor simples e objetivo, denunciou os vícios e preconceitos da sociedade brasileira. Escreveu *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Clara dos Anjos* (1948).
- **Monteiro Lobato:** denunciou muitos problemas nacionais, em obras como *Urupês* (1918), *Idéias de Jeca Tatu* (1919), *Cidade Mortas* (1919), *Negrinha* (1920).

Modernismo

O movimento modernista teve início em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Logo em seguida expandiu-se por todo o país, renovando a idéia de literatura e de escritor.

Os autores desse período desejavam expressar-se livremente, privilegiando como tema a realidade brasileira.

A linguagem torna-se mais coloquial, semelhante à nossa fala, e afasta-se dos moldes portugueses.

Os acontecimentos da modernidade passam a receber maior enfoque, sobretudo os que se referem à civilização industrial, com suas máquinas e seu ritmo acelerado de vida, percebido também nas cenas cotidianas.

Por diversas vezes, os autores fazem uso do humor em seus textos, introduzindo algo novo na literatura, pois até então o humorismo era considerado de mau-gosto e fora dos padrões estéticos.

O Modernismo apresentou três fases distintas: **1ª. fase** – destruidora (1922-1930) – marcada pela ruptura com as tradições literárias, “poema-piada”, profundo nacionalismo, primitivismo, aversão ao nosso passado histórico; **2ª. fase** – edificadora (1930-1945) – caracterizada pela construção de uma literatura renovadora, que origina a ficção nordestina e regional e o romance urbano, psicológico e introspectivo; **3ª.**

fase (1945 até a atualidade), também conhecida como Pós-Modernismo.

Antecedentes e a Semana de Arte Moderna

Descontentes com a literatura produzida no Realismo-Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo, os escritores pré-modernistas já tinham dado indícios de renovações na linguagem e no modo de enxergar a situação social brasileira.

Alguns jovens intelectuais brasileiros tomaram contato com as Vanguardas Européias (Futurismo de Marinetti, Cubismo, Expressionismo, Dadaísmo, Surrealismo) e foram por elas influenciados, como se fez perceber na Semana de Arte Moderna. O Manifesto Futurista, de Marinetti, publicado em Paris em 1909, foi também publicado no Brasil, no mesmo ano, nos jornais *A República*, do Rio Grande do Norte e *Jornal de Notícias*, da Bahia.

Oswald de Andrade em 1912 viajou à Europa e, influenciado pelas tendências na arte e literatura européias do momento, retornou ao Brasil e divulgou-as, propondo mudanças na arte e literatura brasileiras.

O pintor Lasar Segall em 1913 fez uma exposição, influenciada pelas Vanguardas Europeias, em São Paulo. Em 1914 foi a vez de Anita Malfatti, ocasião em que recebeu severas críticas de Monteiro Lobato. Já no ano de 1915 Ronald de Carvalho colaborou com a publicação da revista *Orpheu*, que marca o início do Modernismo na literatura portuguesa.

Em 1917 várias obras renovadoras foram publicadas: *Há uma gota de sangue em cada poema*, de Mário de Andrade; *Juca Mulato*, de Menotti Del Picchia; *Nós*, de Guilherme de Almeida; *Carrilhões*, de Murilo Araújo.

No ano de 1922, centenário da Independência, o país vivia um período de intenso desenvolvimento urbano e industrial, favorável ao evento ocorrido na semana de 11 a 18 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Foram expostos quadros e esculturas e aconteceram recitais e conferências.

Graça Aranha e Ronald de Carvalho foram os conferencistas da noite de 13 de fevereiro, quando poemas foram declamados por Guilherme de Almeida e pelo próprio Ronald de Carvalho, além da apresentação de peças musicais por Villa Lobos e Ernani Braga.

No dia 15, Menotti de Picchia discursou e contou com a presença de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Elísio de Carvalho, Oswald de Andrade, Renato Almeida, Luís Aranha, Mário de Andrade, Agenor Barbosa, Moacir de Abreu, Rodrigues de Almeida e Sérgio Milliet. Foram lidos poemas de Manuel

Bandeira e Ribeiro Couto. Além disso, Mário de Andrade fez uma pequena palestra sobre a exposição de artes plásticas, seguido do bailado de Yvonne Daumerie e do concerto de Guiomar Novais.

No dia 17, Villa Lobos fez um concerto e foi muito vaiado.

Conseqüências da Semana de Arte Moderna

Em 1922, a revista *Klaxon* foi publicada, paralelamente ao surgimento da corrente **dinamista**, ligada ao Futurismo e à corrente **primitivista**, relacionada ao inconsciente e às raízes primitivas brasileiras.

Escrito por Oswald de Andrade em Paris, o *Manifesto Pau-Brasil* é publicado no *Correio da Manhã* em 1924. Desejava-se a produção de uma poesia autenticamente brasileira e de exportação, valorizando estados primitivos da cultura brasileira.

O manifesto mais radical da primeira fase modernista foi o *Manifesto Antropófago*, publicado na Revista de *Antropofagia*, em 1928. Caracterizava-se pela devoração da cultura europeia, que deveria ser reelaborada de forma autônoma.

Houve também o *Manifesto Verde-Amarelo*, que criticava o "nacionalismo importado" de Oswald de Andrade. Foi

liderado por Menotti de Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado e marcado pela defesa de um nacionalismo ufanista, tendendo para o conservadorismo. O grupo autodenominou-se *Escola de Anta* e identificou-se com o Integralismo.

Primeira Geração do Modernismo (1922-1930)

Durante as primeiras décadas do século XX, ocorrem algumas mudanças na economia brasileira. A industrialização cresce, sobretudo em São Paulo. Importa-se mão-de-obra, tanto para a lavoura cafeeira como para as indústrias. O anarquismo é trazido pelos italianos, provocando protestos, reivindicações e greves, ou seja, lutas por melhores condições de trabalho. Mas a economia ainda centrava-se na cafeicultura paulista e na pecuária mineira. Entre os anos de 1922 a 1930 intensifica-se o Tenentismo, cria-se a Coluna Prestes e o Partido Comunista é considerado ilegal pelo governo.

Em 1929 o preço do café no mercado internacional cai, devido à quebra da Bolsa de Nova Iorque, e muitos fazendeiros vão à falência. Imigrantes são presos pela participação em greves. Getúlio Vargas é candidato à presidência da República.

Durante a primeira fase modernista, os escritores fazem uso dos ver-

sos livres e abandonam as formas fixas, como o soneto. A linguagem coloquial é recorrente, assim como a ausência de pontuação. Combatem valores tradicionais; valorizam elementos do cotidiano e do progresso; reescrevem textos do passado, com lirismo ou parodiando-os; as linguagens da poesia e da prosa aproximam-se; são empregados períodos curtos e utiliza-se a metalinguagem.

Mário de Andrade (1893 – 1945)

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo em 1893. Formou-se no Conservatório Dramático e Musical, onde posteriormente lecionou História da Música. Trabalhou como professor de piano, jornalista e funcionário público. Em 1934 passou a dirigir o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, permanecendo até 1937. Um ano depois se transferiu para o Rio de Janeiro. Foi crítico literário, professor de Estética na Universidade do Distrito Federal e idealizou a Enciclopédia Brasileira do Ministério da Educação. No ano de 1940 retornou a São Paulo, onde foi funcionário do Serviço do Patrimônio Histórico e faleceu em 1945.

Além da literatura, Mário de Andrade era um amante e estudioso da música, das artes plásticas e do folclore brasileiro. Desejava construir os alicerces de uma cultura verdadeiramente nacional.

Escreveu poesia (*Há uma gota de sangue em cada poema* – 1917; *Paulicéia Desvairada* – 1922; *Losango Cáqui* – 1926; *Clã do Jabuti* – 1927; *Remate de Males* – 1930; *Poesias* – 1941; *Lira Paulistana* – 1946); ficção (*Amar, Verbo Intransitivo* – 1927; *Macunaíma* – 1928; *Contos Novos* – 1946); ensaio (*A Escrava que não é Isaura* – 1925; *O Empalhador de Passarinho* – 1944); crônica (*Os filhos de Candinha* – 1943); musicologia e folclore; História da Arte; cartas.

Macunaíma

Fruto de anos de pesquisa sobre o folclore nacional, o texto foi redigido em uma semana no ano de 1926, mas veio a público apenas dois anos depois.

Estruturado em dezessete capítulos e um epílogo, o texto é classificado pelo próprio Mário de Andrade como rapsódia, termo aplicado à música. Rapsódia musical é uma composição que tem como base melodias populares ou folclóricas. O livro é classificado como rapsódia, pois reúne motivos populares, folclóricos e culturais brasileiros.

A obra demonstra a preocupação modernista de aproximar-se da linguagem falada, agrupando termos de diversas regiões e de diferentes origens (populares, indígenas).

O trecho a seguir integra o primeiro capítulo do livro, em que o protagonista da história, Macunaíma, “o herói sem nenhum caráter”, nos é apresentado. Seu nome, de origem indígena, significa “o grande mal”. O personagem repre-

senta o pensamento primitivo, passando por uma série de mágicas transformações, sempre guiado pelo prazer e pelo medo. Tinha por meta a busca da muiquitã, pedra talismã presente de sua companheira Ci-Mãe do Mato (já transformada na estrela Beta do Centauro), que o gigante Venceslau Pietra havia furtado. Macunaíma vem para São Paulo com este objetivo, acompanhado pelos irmãos Maanape e Jiguê. O personagem passa tranquilamente por espaços e tempos diversos. Ao término do livro, Macunaíma transforma-se na constelação Ursa Maior.

I. Macunaíma

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sara-pantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

-Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivía deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém.

E também esperava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele para fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macuru pequenininho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pajelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente.

(...)

(Mário de Andrade, *Macunaíma*, São Paulo: Klick Editora, 1999, p. 13)

Oswald de Andrade (1890 – 1953)

José Oswald de Sousa Andrade nasceu em São Paulo em 1890. De 1911

a 1912 viajou à Europa, de onde retornou com idéias renovadoras na arte e na literatura. Formou-se em Direito em 1919. Foi amigo de Mário de Andrade e Di Cavalcanti, com quem planejou as mudanças literárias. Faleceu em 1953 na cidade natal.

Escreveu poesia (*Pau Brasil* – 1925, *Primeiro Caderno de Poesia do Aluno Oswald de Andrade* – 1927, *Poesias Reunidas* - 1945); romances (*Os Condenados* – 1922, *Memórias Sentimentais de João Miramar* – 1924, *Serafim Ponte Grande* – 1933); teatro (*A morta* – 1937, *O Rei da Vela* – 1937); ensaios (*Ponta de Lança* – 1945); memórias (*Um Homem sem Profissão* – 1954).

A poesia de Oswald de Andrade comporta elementos das vanguardas européias, sobretudo o Cubismo e o primitivismo do Dadaísmo. Realiza uma crítica à sociedade brasileira, com humor e estilo coloquial.

A “Poesia Pau-Brasil”, resultou numa poesia “de exportação”, incorporando “antropofagicamente” a cultura estrangeira, como faziam os índios antropófagos com seus inimigos, a fim de absorverem suas qualidades.

Manifesto Antropófago

(fragmentos)

Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

*

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

*

(…)

Tupi, or not tupi that is the question.

*

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos.

*

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.

*

(…)

Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. A Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.

*

(…)

De William James a Voronoff. A Transfiguração do Tabu em totem. Antropofagia.

*

(…)

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

*

(…)

Somos concretistas. As idéias to-mam conta, reagem, queimam gente nas praças públicas. Suprimamos as idéias e as outras paralisias. Pelos roteiros. Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.

*

(…)

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos.

*

(…)

Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituição e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.

*

(…)

Oswald de Andrade
Em Piratininga.
Ano 374 da Deglutição do Bispo
Sardinha.

Revista de Antropofagia, Ano I, Nº 1,
maio de 1928.

Manuel Bandeira (1886 – 1968)

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu no Recife, Pernambuco, em 1886. Realizou os estudos secundários no Rio de Janeiro, no Colégio Pedro II. Iniciou o curso de Engenharia em São Paulo, mas devido à tuberculose que contraíra teve que deixá-lo. Em busca de melhora, foi para diversos lugares, entre eles a Suíça. Iniciada a Primeira Guerra, retorna ao Brasil, vindo a publicar em 1917 seu primeiro livro, *A Cinza das Horas*. Além de escritor, foi também jornalista, inspetor do ensino secundário, professor no Colégio Pedro II e na Faculdade Nacional de Filosofia, vindo a aposentar-se em 1956. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro em 1968.

Escreveu poesias (*Carnaval* – 1919, *Libertinagem* – 1930, *Estrela da Manhã* – 1936, *Estrela da Tarde* – 1963, *Estrela da Vida Inteira* – 1966) e prosa (*Itinerário de Pasárgada* – 1954, *Frutário de Papel* – 1957).

Soou adequado muito bem a poesia à linguagem coloquial da primeira fase modernista, além de manejar com perfeição os versos livres, dotando-os de ritmo. Tornou-se um “clássico” entre os modernistas, pois expressava com simplicidade os sentimentos mais profundos do ser humano. Não se submeteu a formas literárias fixas, mas produziu uma obra poética rica em lirismo, mesmo ao tratar de fatos do cotidiano.

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispnéia e
[suores noturnos.

A vida inteira, que podia ter sido
[e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três...
[trinta e três...

- Respire.

.....

- O senhor tem uma escavação
[no pulmão esquerdo
[e o pulmão direito infiltrado.

- Então, doutor, não é possível
[tentar o pneumotórax?

- Não, a única coisa a fazer é
[tocar um tango argentino.

(*Apud* Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, p. 417)

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem-comportado
Do lirismo funcionário público com
[livro de ponto expediente
[protocolo e manifestações de
[apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e
[vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os
[barbarismos universais

Todas as construções sobretudo
[as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os
[inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político

Raquitico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que
[quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de
[co-senos secretário do amante
[exemplar com cem modelos de
[cartas e as diferentes maneiras
[de agradar à mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos
[bêbedos

O lirismo dos clowns de
[Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo
[que não é libertação.

(*Ibid.*, pp. 417-418.)

Momento num café

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam
[no café

Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos

Estavam todos voltados para a vida
Absortos na vida
Confiantes na vida.

Um no entanto se descobriu num
[gesto largo e demorado

Olhando o esquife longamente

Este sabia que a vida é uma
[agitação feroz e sem finalidade

Que a vida é traição

E saudava a matéria que passava

Liberta para sempre da alma
[extinta.

(*Ibid.*, pp. 422-423.)

Outros autores

Cassiano Ricardo (1895 – 1974)

Cassiano Ricardo Leite nasceu em São Paulo em 1895. cursou Direito em São Paulo e Rio de Janeiro. Integrou o grupo “Verde – amarelo”, liderado por Plínio Salgado. Colaborou para a imprensa e atuou como diretor-geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo de São Paulo e como chefe do Escritório Comercial do Brasil em Paris. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1974 no Rio de Janeiro.

Escreveu poesias (*Dentro da Noite* – 1915, *A Fruta de Pã* – 1917, *Sonetos* – 1952) e prosa (*O Brasil no Original* – 1936, *Marcha para o Oeste* – 1943).

Antônio de Alcântara Machado (1901 – 1935)

Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira nasceu em São Paulo em 1901. Graduiu-se em Direito, mas atuou como jornalista. Foi redator e colaborador da *Revista de Antropofagia* e da *Revista Nova*. Após 1932, dedicou-se à política e transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu em 1935.

Fez uso da linguagem telegráfica, exata e objetiva e incorporou em seus textos o vocabulário italo-brasileiro, comum nos bairros italianos de São Paulo, os quais também utilizou em sua obra.

Observou atentamente a paisagem urbana paulista, com suas modificações sociais, econômicas e culturais.

Escreveu *Pathé Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra-Funda* (1927), *Laranja da China* (1928), *Anchieta na Capitania de São Vicente* (1928), *Comemoração de Brasília Machado* (1929), *Mana Maria* (edição póstuma de 1936), *Cavaquinho e Saxofone* (edição póstuma de 1940).

Segunda Geração do Modernismo (1930-1945)

A segunda geração modernista inicia-se em 1930 e estende-se até 1945,

período de grandes mudanças no cenário mundial, provocadas inicialmente pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque.

A queda do preço do café, nosso principal produto de exportação, provoca a ruína econômica da elite.

Vargas assume o poder e inicia-se a chamada Era Vargas, que vai até 1945.

Alguns acontecimentos marcantes do período: Revolução Constitucionalista, criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, início da Segunda Guerra Mundial.

Os escritores procuram estudar a realidade social e cultural brasileira. A literatura torna-se mais madura e tem consciência de sua identidade.

Ao contrário da primeira fase, em que a poesia foi predominante, a prosa de ficção destaca-se, abrangendo a prosa regionalista, urbana e intimista.

Prosa de Ficção

Prosa Regionalista

O grupo regionalista ou nordestino, organizando-se a partir das idéias de Gilberto Freyre, retomou uma tendência iniciada no Romantismo: retratar a realidade brasileira.

Apesar da escolha de uma determinada região geográfica como ponto de partida para a elaboração de seus livros, os escritores regionalistas não escreveram textos exclusivamente preocupados em mostrar as particularidades desta ou daquela região, mas obras universais, realizando uma importante análise da psicologia humana e analisando dramas humanos e sociais.

A maioria das obras regionalistas analisa a realidade social nordestina, mas há também obras que exploram a região Sul do país e a Amazônia.

Destacam-se como regionalistas: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado.

Graciliano Ramos (1892 – 1953)

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas, em 1892. Realizou seus primeiros estudos em Maceió e em seguida foi para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como revisor de provas tipográficas. Retornou a Alagoas, foi comerciante e depois prefeito. Em 1930 exerceu o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado. Foi preso, em 1936, acusado de subversão. Passados alguns anos, retorna ao Rio de Janeiro. Em 1953 visita a URSS, onde vem a falecer.

Escreveu *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas Secas* (1938), *Dois Dedos* (1945), *Insônia* (1945), *Histórias Incompletas* (1946), além de diversos livros infantis

e memórias, como *A Terra dos Meninos Pelados* (1939), *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953).

Graciliano realiza ao mesmo tempo análise social e investigação psicológica, adotando um estilo clássico e uma linguagem clara e enxuta.

Vidas Secas

O trecho a seguir é extraído do romance *Vidas Secas*, obra estruturada em treze capítulos, independentes entre si. Tanto o primeiro como o último capítulo mostram a família fugindo da seca e em busca de melhores condições de vida. Aparecem quatro personagens humanos: Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo e o menino mais velho, cada qual merecendo um capítulo. Graciliano mostra a dificuldade de comunicação entre eles, somada à miséria do meio físico. Além destes, merece destaque a cadela Baleia, personagem humanizado que auxilia o grupo na caça, é companheira das crianças nas brincadeiras e dos adultos no trabalho. A ela também é dedicado um capítulo, transcrito em parte a seguir:

Baleia

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pêlo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida.

Por isso Fabiano imaginara que ela estivesse com um princípio de hidrofo-

bia e amarrara-lhe no pescoço um rosário de sabugos de milho queimados. Mas Baleia, sempre de mal a pior, roçava-se nas estacas do curral ou metia-se no mato, impaciente, enxotava os mosquitos sacudindo as orelhas murchas, agitando a cauda pelada e curta, grossa na base, cheia de roscas, semelhantes a uma cauda de cascavel.

Então Fabiano resolveu matá-la. Foi buscar a espingarda de pederneira, lixou-a com o saca-trapo e fez tenção de carregá-la bem para a cachorra não sofrer muito.

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça e não se cansavam de repetir a mesma pergunta:

- Vão bulir com a Baleia?

Tinham visto o chumbeiro e o polvarinho, os modos de Fabiano afligiram-nos, davam-lhes a suspeita de que Baleia corria perigo.

Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras.

Quiseram mexer na taramela e abrir a porta, mas Sinhá Vitória levou-os para a cama de varas, deitou-os e esforçou-se por tapar-lhes os ouvidos: prendeu a cabeça do mais velho entre as coxas e espalmou as mãos nas orelhas do segundo. Como os pequenos resistissem, aperreou-se e tratou de subjugá-los, resmungando com energia.

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia.

(...)

Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a criaturinha. Silêncio completo, nenhum sinal de vida nos arredores. O galo velho não cantava no poleiro, nem Fabiano roncava na cama de varas. Estes sons não interessavam Baleia, mas quando o galo batia as asas e Fabiano se virava, emanações familiares revelavam-lhe a presença deles. Agora parecia que a fazenda se tinha despovoada.

Baleia respirava depressa, a boca aberta, os queixos desgovernados, a língua pendente e insensível. Não sabia o que tinha sucedido. O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio desvaneciam-se no seu espírito.

Provavelmente estava na cozinha, entre as pedras que serviam de trempe. Antes de se deitar, Sinhá Vitória retirava dali os carvões e a cinza, varria com um molho de vassourinha o chão queimado, e aquilo ficava um bom lugar para cachorro descansar. O calor afugentava as pulgas, a terra se amaciava. E, findos os cochilos, numerosos preás corriam e saltavam, um formigueiro de preás invadia a cozinha.

A tremura subia, deixava a barri- ga e chegava ao peito de Baleia. Do peito para trás era tudo insensibilidade e esquecimento. Mas o resto do corpo se arrepiava, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.

Baleia encostava a cabecinha fa- tigada na pedra. A pedra estava fria, certamente Sinhá Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria fe- liz, num mundo cheio de preás. E lambe- ria as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, roliariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, São Paulo: Martins Editora, 1969, pp. 127-134)

José Lins do Rego (1901 – 1957)

José Lins do Rego nasceu no en- genho Corredor, Município do Pilar, na Paraíba, em 1901. Gradou-se em Direi- to no Recife e foi promotor em Minas Gerais. Em seguida transferiu-se para Maceió, com novas funções, passando a conviver com Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Rachel de Queiroz. Após nove anos transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1957.

Segundo o próprio escritor, sua obra de ficção pode ser dividida em: “Ciclo da cana-de-açúcar” (*Menino de Engenho* – 1932, *Doidinho* – 1933, *Bangüê* –

1934, *Fogo Morto* – 1943 e *Usina* – 1936); “Ciclo do cangaço, misticismo e seca” (*Pedra Bonita* – 1938 e *Cangaceiros* – 1953) e obras independentes, como *Ri- acho Doce* – 1939 e *Eurídice* – 1947. Tal denominação foi posteriormente aban- donada pelo autor, mas continuou sendo utilizada pelos críticos.

Grande parte dos livros apresenta um caráter memorialista, fazendo refe- rências à infância e à adolescência.

A linguagem utilizada é espontânea e marcada pela oralidade.

Fogo Morto

Publicado em 1943, *Fogo Morto* é o último livro do “ciclo da cana-de-açúcar”, composto pelas obras *Menino de Enge- nho* (1932), *Doidinho* (1933) e *Bangüê* (1934).

Nestes romances, José Lins do Rego mostra uma sociedade marcada pelo poder dos latifundiários, senhores de engenho. Os problemas sociais são apresentados, como o autoritarismo e a reação a este: a rebeldia.

Escrito em terceira pessoa, *Fogo Morto* mostra a trajetória dos habitantes do engenho Santa Fé, do Coronel Lula.

Os engenhos passam por um pro- cesso de decadência, pois vêm sendo substituídos pelas usinas, com isso tam- bém sofrem os que dependem do açú- car e não acompanham as mudanças.

O romance é estruturado em três partes. Na primeira, o narrador concen- tra-se no tempo presente e mostra per- sonagens conflitantes e uma sociedade organizada em estratos sociais.

O protagonista é o mestre José Amaro, artesão que só trabalhava para quem o respeitasse, mesmo que não recebesse pagamento.

Veio para o engenho de Santa Fé com o pai, que fugiu de Goiânia após ter praticado um crime de morte. O pai também era artesão e gozava de grande prestígio, coisa que o filho não possuía. Assim como o pai, ocupava as terras sem pagar, o que resulta em sua expulsão pelo dono do engenho. Contudo, ele desobedece e continua morando ali com sua mulher e filha.

A mulher lhe tem nojo e a filha está enlouquecendo, ao passo que ele tem imenso orgulho de si mesmo, por ser homem branco, de respeito e livre.

Sofre muito com a sensação de inferioridade, de prestígio perdido. Passa então a ajudar Antônio Silvino, famoso cangaceiro, e seu bando. É a maneira que encontra para vingar-se contra os grandes.

Angustiado, desconta sua insatisfação batendo na filha e maltratando a mulher. A primeira é internada em Recife, devido à sua loucura. Já a mulher tempos depois o deixa em meio à solidão e profunda tristeza, resultando no suicídio do marido.

Na segunda parte, a narração volta-se para o passado do engenho de Santa Fé, quando o Capitão Tomás era o proprietário.

O protagonista agora é Lula de Holanda Chacon, herdeiro do engenho de Santa Fé, homem calado, extremamente orgulhoso e apegado ao prestígio.

É casado com Amélia, filha do Capitão Tomás que toca piano encantadoramente.

Aos poucos, o engenho vai entrando em decadência. O Coronel Lula não permite que sua filha Neném namore e ela torna-se uma solteirona.

Amélia conforma-se com seu destino e protege a família, por meio das galinhas que cria e da venda dos ovos.

Olívia, a outra filha do Capitão Tomás, não sofre, devido à sua loucura.

O Coronel Lula deixa o comando de suas terras, não moderniza suas máquinas e cada vez mais o engenho vai se estagnando. Um dia chega por lá o Capitão Antônio Silvino, cangaceiro muito respeitado no sertão e apoiado pelo mestre José Amaro.

Na terceira parte, o tempo novamente é o presente, inserindo apenas um novo personagem: o Capitão Vitorino, homem honesto e corajoso, que passa a herói do romance. Defende os injustiçados, quaisquer que sejam eles. Dessa forma, dirige-se a Coronel Lula intercedendo por José Amaro e não aprova a atitude do cangaceiro em relação ao senhor de engenho.

Entretanto, com o passar do tempo vai perdendo a satisfação de viver e a vontade de lutar por seus ideais.

(fragmento)

A velha deixou o quarto e saiu para o fundo da casa. Vitorino fechou os olhos, mas estava muito bem acordado com os pensamentos voltados para a vida dos outros. Ele muito tinha que fa-

zer ainda. Ele tinha o Pilar para tomar conta, ele tinha o seu eleitorado, os seus adversários. Tudo isto precisava de seus cuidados, da força do seu braço, de seu tino. Lá se fora o seu compadre José Amaro, com o negro Passarinho, o cego Torquato. Todos necessitavam de Vitorino Carneiro da Cunha. Fora à barra do tribunal para arrastá-los da cadeia. Que lhe importava a violência do tenente Maurício? O que valia era a petição que, com a sua letra, com a sua assinatura, botara para a rua três homens inocentes. Ele era homem que não se entregava aos grandes. Que lhe importava a riqueza de José Paulino? Tinha o seu voto e não dava ao primo rico, tinha eleitores que não votavam nas chapas do governo. O governo não podia com a sua determinação. Ele sabia que havia muitos outros tenentes Maurícios na dependência e às ordens do governo. Todos seriam capangas, guarda-costas do presidente. Mas Vitorino Carneiro da Cunha mandava no que era seu, na sua vida. As feridas que lhe abriam no corpo nada queriam dizer. Não havia força que pudesse com ele. Os parentes se riam de seus rompantes, de suas fraquezas. Eram todos uns pobres ignorantes, verdadeiros bichos que não sabiam onde tinham as ventas. Quando parava no engenho, quando conversava com um Manuel Gomes do Riachão, via que era melhor ser como ele, homem sem um palmo de terra, mas sabendo que era capaz de viver conforme os seus desejos. Todos tinham medo do governo, todos iam atrás de José Paulino e de Quinca do Engenho Novo, como se fossem carneiros de rebanho. Não possuía nada e se sentia como se fosse senhor do mundo. A sua velha Adriana quisera abandoná-lo para correr atrás do filho. Desistiu

para ficar ali como uma pobre. Podia ter ido. Ele, Vitorino Carneiro da Cunha, não precisava de ninguém para viver. Se lhe tomassem a casa onde morava, armaria a sua rede por debaixo dum pé de pau. Não temia a desgraça, não queria a riqueza. Lá se foram os três homens que libertara, a quem dera toda a sua ajuda. O tenente se enfurecera com o seu poder. Nunca pensara que existisse um homem que fosse capaz de enfrentá-lo como fizera. A sua letra, o papel que assinara com o seu nome, dera com a força do miserável no chão. Era Vitorino Carneiro da Cunha. Tudo podia fazer, e nada temia. Um dia tomaria conta do município. E tudo faria para que aquele calcanhar-de-judas fosse mais alguma coisa. Então Vitorino se via no dia de seu triunfo. Haveria muita festa, haveria tocata de música, discurso do dr. Samuel, e dança na casa da Câmara. Viriam todos os chaleiras do Pilar falar com ele. Era o chefe, era o mais homem da terra. E não teria as besteiras de José Paulino, aquela tolerância para com o sujeitos safados, que só queriam comer no cocho da municipalidade. Com Vitorino Carneiro da Cunha não haveria ladrões, fiscais de feira roubando o povo. Tudo andaria na correta, na decência. Delegado não seria um mole como José Medeiros. Quem seria o seu delegado? Que homem iria encontrar na vila para ser o seu homem de confiança? O escrivão Serafim era muito mole, o capitão Costa apanhava da mulher, Salu da venda era capaz de roubar a ração dos presos, Chico Frade bebia demais. E ele precisava de um homem para delegado.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*, São Paulo: Klick Editora, 1997)

Rachel de Queiroz (1910 –)

Rachel de Queiroz nasceu na Fortaleza, Ceará, em 1910. Após a seca de 1915 mudou-se com os pais para o Rio de Janeiro e em seguida para Belém do Pará. De volta a Fortaleza, formou-se no curso normal, em 1925. Seguiu a carreira jornalística e em 1930 publicou o livro *O Quinze*, que trata da seca de 1915. Depois voltou a residir no Rio de Janeiro, onde se encontra, atuando no jornalismo e na literatura.

Escreveu *João Miguel* (1932); *Caminho de Pedras* (1937); *As Três Marias* (1939); *Dora, Doralina* (1975), *Memorial de Maria Moura* (1993) – romances; além de teatro e crônicas.

Demonstra forte preocupação social e realiza análise psicológica dos personagens. Aborda temas relacionados à política e ao papel da mulher na sociedade, entre outros.

Jorge Amado (1912 –)

Jorge Amado nasceu na Bahia, em 1912. Estudou Direito e atuou como jornalista em Salvador. Em 1931 mudou-se para o Rio de Janeiro. Teve participação no movimento de frente popular da Aliança Nacional Libertadora, o que provocou sua prisão em 1936 e 1937. Entre os anos de 1941 e 1943 residiu em Buenos Aires. Em 1945 foi eleito deputado federal em São Paulo. Após 1947, deixou o país e passou a morar na França. Chegou também

a residir na União Soviética e nas Democracias Populares. É membro da Academia Brasileira de Letras e suas obras já foram vertidas para mais de trinta línguas.

Entre seus escritos estão *Jubiabá* (1935); *Mar Morto* (1936); *Capitães de Areia* (1937); *Terras do Sem-Fim* (1942), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966).

Suas obras denunciam a situação do trabalhador rural e das camadas populares e são ambientadas geralmente na Bahia. Apesar da grande aceitação por parte do público, muitas obras tiveram sua qualidade literária contestada pelos críticos.

Prosa urbana

Érico Veríssimo (1905 – 1975)

Érico Veríssimo nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905. Foi funcionário de banco e sócio de uma farmácia. Após a falência desta, atuou como secretário e redator da *Revista do Globo*. Passou em seguida a dedicar-se também à literatura e à tradução. Exerceu posteriormente o cargo de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Faleceu em 1975 em Porto Alegre.

Escreveu *Caminhos Cruzados* (1935), *Música ao Longe* (1936), *Um Lugar ao Sol* (1936), *Olhai os Lírios do Campo* (1938), *O Tempo e o Vento* (1949-1961), *Incidente em Antares* (1971).

Os romances de Érico Veríssimo proporcionam uma leitura agradável e sem dificuldades, pois apresentam uma linguagem simples e enredos atraentes. Entretanto, foi muitas vezes criticado e acusado de realizar análises sociais e psicológicas superficiais.

Os principais temas abordados são a vida urbana e seus problemas, a fundação social do Rio Grande do Sul e questões políticas.

Poesia

Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987)

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902. Graduiu-se em Farmácia em Belo Horizonte. Retornou a Itabira, onde foi professor de Português e Geografia. Novamente em Belo Horizonte, segue a carreira jornalística e atua como funcionário público. Foi oficial de gabinete do Ministério da Educação, chefiou a seção de História da Divisão de Estudos e Tombamento da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Integrou o grupo modernista de *A Revista*. Faleceu no Rio de Janeiro em 1987.

Escreveu poesia (*Alguma Poesia* – 1930, *Brejo das Almas* – 1934, *Sentimento do Mundo* – 1940, *A Rosa do Povo* – 1945, *Claro Enigma* – 1951, *Lição de*

Coisas – 1962) e prosa (*Confissões de Minas* – 1944, *O Gerente* – 1945).

Alguns temas foram recorrentes na obra de Drummond: o cotidiano, a preocupação social e política, as reminiscências (terra natal, família, amigos), o amor e a metalinguagem (reflexão sobre o próprio ato de escrever).

O poeta analisou o homem moderno e seus sentimentos com sensibilidade e muitas vezes com ironia. Percebe as injustiças do mundo (guerras, violência) e as transforma na matéria de sua poesia.

Os poemas a seguir fazem parte da obra *Sentimento do Mundo*.

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche*
[na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
[pergunta meu coração.

Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.

Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do
[bigode.

Meu Deus, por que me
[abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma
[solução.

Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como
[o diabo.

(Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do Mundo*,
Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 11-12)

Infância

A Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para
[o campo.

Minha mãe ficava sentada
[cosendo.

Meu irmão pequeno dormia.

Eu sozinho menino entre
[mangueiras

lia a história de Robinson Crusoe.

Comprida história que não acaba
[mais.

No meio-dia branco de luz uma
[voz que aprendeu
a ninar nos longes da senzala – e
[nunca se esqueceu

chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.

Minha mãe ficava sentada
[cosendo

olhando para mim:

- Psiu... Não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um
[mosquito.

E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de
[Robinson Crusoe.

(*Ibid.*, p. 13-14)

No Meio do Caminho

No meio do caminho tinha uma
[pedra

tinha uma pedra no meio do
[caminho

tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma
[pedra.

Nunca me esquecerei desse
[acontecimento

na minha vida de minhas retinas
[tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no
[meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do
[caminho
no meio do caminho tinha uma
[pedra.

(*Ibid.*, p. 34)

Vinícius de Moraes (1913 – 1980)

Marcos Vinícius de Melo Moraes nasceu no Rio de Janeiro, em 1913. Gradudou-se em Direito em 1933, ano em que publicou seu livro de poesia *O Caminho para a Distância*. Foi crítico, censor cinematográfico, jornalista e diplomata. Veio a falecer em 1980.

Escreveu *Novos Poemas* (1938), *Elegias* (1943), *Pátria Minha* (1949), entre outras obras.

Tematizou a oposição entre matéria e espírito; o amor; o desejo; o cotidiano e questões políticas.

Soneto de Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre,
[e tanto
Que mesmo em face do maior
[encanto

Dele se encante mais meu
[pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão
[momento
E em seu louvor hei de espalhar
[meu canto
E rir meu riso e derramar meu
[pranto
Ao seu pesar ou seu
[contentamento.

E assim, quando mais tarde me
[procure
Quem sabe a morte, angústia de
[quem vive

Quem sabe a solidão, fim de quem
[ama

Eu possa me dizer do amor (que
[tive):

Que não seja imortal, posto que é
[chama

Mas que seja infinito enquanto
[dure.

(*Apud* Antonio Candido e José Aderaldo Castello,
Presença da Literatura Brasileira, p. 410)

A Rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas

Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

(*Ibid*, pp.416-417)

Cecília Meireles (1901 – 1964)

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro em 1901. Órfã desde tenra idade, recebeu educação da avó materna. Conclui o curso primário em 1910 e inicia a Escola Normal, vindo a formar-se em 1917. Atua como professora, escritora e jornalista. Foi grande divulgadora da cultura brasileira no estrangeiro. Faleceu em 1964.

Escreveu *Mar Absoluto* (1945); *Romanceiro da Inconfidência* (1953); *Canções* (1956); *Giroflé, Giroflá* (1956); *Ou isto ou aquilo* (1964), e outras obras, envolvendo literatura adulta e infantil, ensaios, antologias e biografias.

A escritora escreveu uma poesia repleta de musicalidade, demonstrando influências simbolistas. Além disso, coloca em questão a fugacidade do tempo e a precariedade das coisas, o que resulta numa profunda melancolia.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

(*Apud* Massaud Moisés, *A literatura brasileira através dos textos*, p. 452)

Reinvenção

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...

Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...

Só – no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.

Só – na treva,
Fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

(*Ibid.*, p.453)

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
- depois, abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar.

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas,
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorarei o quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito:
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas.

(*Ibid.*, p.456)

Outros autores

Murilo Mendes (1901 – 1975)

Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1901. Realizou os cursos primário e secundário em sua cidade e em Niterói. Em 1920, já no Rio de Janeiro, passa a atuar como funcionário do Ministério da Fazenda. Em seguida, trabalhou no Banco Mercantil e tempos depois em um cartório. Faleceu em Lisboa em 1975.

Escreveu *Poemas* (1930), *História do Brasil* (1932), *Tempo e Eternidade* (1935), *Mundo Enigma* (1945), entre outros.

Católico, encontrou no cristianismo a resposta para os problemas políticos e ideológicos do mundo moderno. Integrou o grupo espiritualista da segunda geração, ao lado de Vinícius de Moraes e Cecília Meireles.

Utilizou em suas poesias o humor e a ironia e abordou temas ligados ao cristianismo, enfatizando a efemeridade da vida e a figura de Cristo, enfocada do ponto de vista humano.

Jorge de Lima (1893 – 1953)

Jorge Matheos de Lima nasceu em Alagoas, em 1893. Estudou no Colégio dos Irmãos Maristas em Maceió. Em seguida, iniciou seus estudos em Medicina, na Bahia, vindo a formar-se no Rio de Janeiro. Retornou a Maceió em 1915, onde iniciou sua carreira como médico. Dedicou-se à literatura, influenciado inicialmente pelo Parnasianismo e Simbolismo. Em 1935 converteu-se ao catolicismo e publicou com Murilo Mendes *Tempo e Eternidade*. Foi também professor universitário e político. Faleceu em 1953 no Rio de Janeiro.

Escreveu poesia (*XIV Alexandrinos* – 1914, *Invenção de Orfeu* – 1952), romance (*O Anjo* – 1934, *Calunga* – 1935), ensaio, história e biografia.

Tematizou o negro e o folclore, a religiosidade como solução para os problemas mundanos e a ligação entre o homem e o universo, utilizando elementos bíblicos e profanos.

Terceira Geração do Modernismo (1945 até a atualidade)

Alguns historiadores e críticos costumam chamar o período literário subsequente a 1945 de Pós-Modernismo, já outros o consideram como a terceira fase modernista, posição que adotamos.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os escritores voltam-se novamente às questões internas do país.

A nova geração procurou negar os valores modernistas das gerações anteriores e trazer novos elementos à literatura. Caracteriza-se pela disciplina formal e retomada de valores tradicionais na poesia. Os escritores valorizam a palavra, tanto no que diz respeito à semântica quanto à sonoridade.

João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999)

João Cabral de Melo Neto nasceu em Recife, Pernambuco, em 1920. Realizou os estudos primários e secundários em sua cidade, não chegando ao curso superior. Após trabalhar numa companhia de seguros na Associação

Comercial de Pernambuco e no Departamento de Estatística do Estado, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi diplomata e realizou funções consulares em Assunção, Barcelona e Dakar. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1999.

Entre suas obras estão *Pedra do Sono* (1942), *O Cão sem Plumas* (1950), *Morte e Vida Severina* (1956), *Uma Faca Só Lâmina* (1956).

Escreveu poemas sem retórica ou derramamentos sentimentais, não deixando de transmitir emoção. Todavia, esta é mais contida, já que seleciona cuidadosamente os vocábulos, compondo uma linguagem precisa, exata.

Os trechos a seguir fazem parte da obra inspirada em composições medievais, *Morte e Vida Severina*, “auto de Natal pernambucano” que tem como tema a trajetória de Severino. O personagem é um homem do sertão que busca melhores condições de vida e sai em direção ao Litoral. Por onde passa depara-se com a morte, o que o faz até pensar em desistir da própria vida. Entretanto, já no Litoral, assiste ao nascimento de um menino, trazendo alegria e esperança a todos os homens ali presentes.

Morte e vida severina

O POETA EXPLICA AO LEITOR QUEM É
E A QUE VAI

-O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,

deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, pp.29-30)

Clarice Lispector (1925 – 1977)

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, Ucrânia, em 1925. Quando ela

tinha apenas dois meses, seus pais imigraram para São Paulo. Realizou os cursos primários e secundários no Recife. Cursou Direito no Rio de Janeiro, vindo a formar-se em 1944. Casou-se com um diplomata e afastou-se do país por diversas vezes, não deixando, porém, de escrever. Faleceu no Rio de Janeiro em 1977.

Escreveu romances (*O Lustre* – 1946, *A Cidade Sitiada* – 1949, *A Maçã no Escuro* – 1961, *A Paixão Segundo G. H.* – 1964, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* – 1969, *Água Viva* – 1973, *A Hora da Estrela* – 1977); contos (*Laços de Família* – 1960, *A Legião Estrangeira* – 1964, *A Via Crucis do Corpo* – 1974); crônicas e livros infantis.

A autora produziu uma obra de ficção fundamentalmente introspectiva, centrada na intimidade dos personagens.

A prosa aproxima-se da poesia e é muitas vezes marcada pelo fluxo psicológico dos personagens. Estes, a partir de fatos do cotidiano, aparentemente sem importância, descobrem-se e encontram a própria razão de existir.

Um bom exemplo disso é o conto a seguir, pertencente ao livro *Laços de Família*.

Uma galinha

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta hesitante e trêmula escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador, adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofe-

gante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração tão pequeno num prato soleava e abaixava as penas enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento despregou-se do chão e saiu aos gritos:

- Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

- Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

- Eu também! jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: "E dizer que a obriguei a correr naquele estado!" A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícios da grande fuga – e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num

campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho – era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

(Clarice Lispector, *Laços de Família*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, pp. 43-46)

Guimarães Rosa **(1908 – 1967)**

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908. Graduou-se em Medicina, seguindo por um tempo a carreira de médico. Foi também diplomata e embaixador. Faleceu no Rio de Janeiro em 1967.

Entre suas obras estão *Sagarana* (1946); *Corpo de Baile* (1956); *Grande Sertão: Veredas* (1956); *Primeiras Estórias* (1962); *Tutaméia* (Terceiras Estórias) (1967).

O escritor expôs, a partir do sertão mineiro, as questões humanas mais profundas. Portanto, sua obra tem caráter universal.

A linguagem utilizada é fruto de intensa construção formal, agrupando regionalismo, termos científicos, arcaísmos, expressões estrangeiras e marcada pela oralidade. Além disso, o autor de *Grande Sertão: Veredas* soube explorar com precisão os vocábulos.

O conto a seguir faz parte do livro *Primeiras Estórias* e trabalha a questão da palavra, com seus múltiplos significados, conotações. Ela pode provocar lutas, gerar discórdia, trazer raiva, ou mesmo abrandar situações, ser motivo de alegria e prazer ao ser ouvida. Guimarães coloca frente a frente dois homens: um iletrado, temido no lugar por causa de seus feitos, que deseja saber o significado de um vocábulo, e um letrado, que o deixa ciente do sentido deste, tomando o cuidado de não deixá-lo insatisfeito ao responder à pergunta...

Famigerado

Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisas tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo.

Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse – o oh-homem-oh – com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos – coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na espuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Viase que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farrama. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

– “Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por espartezza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas – e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquelle propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência

podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmavame. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

– “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara – evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

– “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...”

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxou falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra,

do São Âo, travados assuntos, inseqüentes, como dificuldade. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entoações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sono, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familias-gerado...*?”

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe pergunta a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

– “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Âo, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da pero-

ba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

– *Famigerado?*

– “Sim senhor...” – e, alto, repito, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – aperta-va-me. Tinha eu que descobrir a cara. – *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro íterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

– “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o carço: o verivérbio.

– *Famigerado* é inóxio, é célebre”, “notório”, “notável”...

– “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: É desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

– Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

– “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

– *Famigerado?* Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

– “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

– Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

– “Ah, bem!...” – soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogarêu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: – “Você podem ir, compadres. Você escutaram bem a boa descrição...” – e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d’água. Disse: – “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: – “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não...” Mas mais sorriu, apagar-se-lhe a inquietação. Disse: – “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca...” Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

(Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 13-17)

Primeiras Estórias

Publicada em 1962, *Primeiras Estórias* é uma obra que reúne vinte e um contos, estruturados em pequenas narrativas que têm como fio condutor um único acontecimento.

Guimarães trabalha diferentes temas: infância, violência, loucura, culpa, memória, amor; realizando desde a abordagem psicológica, passando pela fantástica, mística, lírica até a satírica.

Pequenos fatos do cotidiano despertam no leitor a sensibilidade para as coisas simples da vida e provocam a reflexão sobre o grandioso mistério da existência.

Na maior parte dos contos o cenário é o campo, provavelmente reminiscências da infância e juventude do autor em Minas Gerais. Já os personagens em geral são loucos ou crianças, criaturas que encaram de modo peculiar a realidade e demonstram maior sensibilidade para o misticismo e a metafísica. Conseguem transformar episódios cotidianos em momentos intensos, de revelação epifânica e mudança de vida.

Grande Sertão: Veredas

Romance publicado em 1956, mesmo ano da publicação de *Corpo de Baile*, *Grande Sertão: Veredas* é a obra mais importante de Guimarães Rosa e já foi traduzida para diversas línguas.

A narrativa é centrada no discurso de Riobaldo, narrador-personagem que conta sua experiência de vida a um interlocutor, que em momento algum se manifesta.

Ex-jagunço do norte de Minas, Riobaldo agora vive próximo ao Rio São Francisco como fazendeiro e tem o hábito de rezar e conversar com as pessoas que por ali passam, contando casos es-

tranhos, histórias de vingança, de perseguição, de luta e também de amor.

Apesar de jagunço, Riobaldo recebeu educação formal, o que pode ser percebido em suas reflexões metafísicas e na oralidade fluente.

O narrador-personagem conta várias histórias, conservando sempre a inquietação em questionar a existência ou não do diabo. Pouco a pouco o leitor vai desvendando o motivo desta preocupação: ela está relacionada a um provável pacto feito por Riobaldo com o diabo, quando, na juventude, ele almejava vencer seu inimigo Hermógenes. Dessa forma, o futuro de sua alma depende da existência ou não do diabo.

Ao relatar seus casos, o narrador mistura acontecimentos vividos e imaginados, adquirindo a narrativa o ritmo fragmentário e não linear das lembranças.

A linguagem tem para o narrador um papel fundamental: o de examinar sua vida e tentar entendê-la, além de purgar-se de suas culpas.

Merece destaque a personagem feminina Diadorim, que exerce forte atração sobre Riobaldo, mas por outro lado traz-lhe grandes preocupações. Isso porque o narrador pensa que Diadorim é um homem, o bravo guerreiro Reinaldo, vindo a descobrir a verdadeira identidade dessa personagem apenas ao término da luta em que ela é morta por Hermógenes.

Segundo os críticos, podemos identificar três planos no romance: o da vida dos jagunços, mostrando os aspectos geográficos, econômicos, políticos e

sociais dos sertão; o das reflexões, em que Riobaldo retoma seu passado e resgata sua própria vida; o plano mítico, caracterizado pelos conflitos que se mostram através das forças da natureza.

A leitura do texto dá-nos realmente a impressão de um relato oral, pela linguagem e recursos sintáticos utilizados. Contudo, o discurso sertanejo é enriquecido por diversos regionalismos, arcaísmos, estrangeirismos e neologismos, resultado de estudos e pesquisas do autor. Dessa forma, a obra assume um caráter dual, oscilando entre o coloquial e o erudito, caráter também presente no conteúdo da mesma: ao discutir a existência ou não do diabo ou mesmo ao apresentar personagens como Diadorim, mulher que se traveste de homem, assumindo o papel de um jagunço.

(fragmento)

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arbitado de beijos, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi. Não tenho abusões. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai

ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Uruçuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte.

No demo? Não glosa. Senhor pergunte aos moradores. Em falso receio, desfalcam no nome dele – dizem só: o Que-Diga. Vote! não... Quem muito se evita, se convive. Sentença num Aristides – o que existe no buritizal primeiro desta minha mão direita, chamado a Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita – todo o mundo crê: ele não pode passar em três lugares, designados: porque então a gente escuta um chorinho, atrás, e uma vozinha que avisando: - “Eu já vou! Eu já vou!...” – que é o capioto, o que-diga... E um Jisé Simpilício – quem qualquer daqui jura ele tem um capeta em casa, miúdo satanazim, preso obrigado a ajudar em toda ganância que

executa; razão que o Simpilício se empresa em vias de completar de rico. Apre, por isso dizem também que a besta pra ele rupeia, nega de banda, não deixando, quando ele quer amontar... Superstição. Jisé Simpilício e Aristides, mesmo estão se engordando, de assim não-ouvir ou ouvir. Ainda o senhor estude: agora mesmo, nestes dias de época, tem gente porfalando que o Diabo próprio parou, de passagem, no Andrequicé. Um Moço de fora, teria aparecido, e lá se louvou que, para aqui vir – normal, a cavalo, dum dia-e-meio – ele era capaz que só com uns vinte minutos bastava... porque costeava o Rio do Chico pelas cabeceiras! Ou, também, quem sabe – sem ofensas – não terá sido, por um exemplo, até mesmo o senhor quem se anunciou assim, quando passou por lá, por prazido divertimento engraçado? Há-de, não me dê crime, sei que não foi. E mal eu não quis. Só que uma pergunta, em hora, às vezes, clareia razão de paz. Mas, o senhor entenda: o tal moço, se há, quis mangar. Pois, hem, que, despontar o Rio pelas nascentes, será a mesma coisa que um se redobrar nos internos deste nosso Estado nosso, custante viagem de uns três meses... Então? Que-Diga? Doideira. A fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!

Não seja. Eu pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à pureza. Sei que é bem estabelecido, que grassa nos Santos-Evangelhos. Em ocasião, conversei com um rapaz semina-

rista, muito condizente, conferindo no livro de rezas e revestido de paramenta, com uma vara de maria-preta na mão – proseou que ia adjutar o padre, para extraírem o Cujó, do corpo vivo de uma velha, na Cachoeira-dos-Bois, ele ia com o vigário do Campo-Redondo... Me concebo. O senhor não é como eu? Não acreditei patavim. Compadre meu Quelemém descreve que o que revela efeito são os baixos espíritos descarnados, de terceira, fuzuando nas piores trevas e com ânsias de se travarem com os viventes – dão encosto. Compadre meu Quelemém é quem muito me consola – Quelemém de Góis. Mas ele tem de morar longe daqui, na Jijujã, Vereda do Buriti Pardo... Arres, me deixe lá, que – em endemoninhamento ou com encosto – o senhor mesmo deverá de ter conhecido diversos, homens, mulheres. Pois não sim? Por mim, tantos vi, que aprendi. Rincha-Mãe, Sangue-d'Outro, o Muitos-Beijos, o Rasga-em-Baixo, Faca-Fria, o Fancho-Bode, um Trecizino, o Azinha-ve... o Hermógenes... Deles, punhadão. Se eu pudesse esquecer tantos nomes... Não sou amansador de cavalos! E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moqué: quem mói no asp'ro, não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me que me vem, e sem pequenos desas-

sossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assiado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela – já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: “menino – trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho...

(Rosa, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, pp.1-4)

Resumo do Modernismo

Momento sócio-cultural

- As máquinas e o ritmo acelerado da civilização industrial se incorporavam à paisagem brasileira.
- Problemas sociais antigos continuam sem solução, produzindo tensões e conflitos graves. Os meios intelectuais sentem que é preciso reformar o Brasil, mergulhado numa contradição grave: ao mesmo tempo em que se modernizava, mantinha uma organização social arcaica.

Características literárias

- A 1ª fase é a de ruptura com o passado. Humor, uso do coloquial, primitivismo, vanguardas, tudo é válido para criar uma literatura em sintonia com os novos tempos.
- na 2ª fase se estabelecem o romance regionalista, que retrata uma certa região do país, e a prosa intimista, que estuda o homem urbano.
- a 3ª fase nega algumas das propostas da 1ª e retoma o uso cuidadoso e consciente da palavra. O número de correntes literárias e autores cresce, o que torna difícil classificar essa fase.

Autores e obras

- **Mário de Andrade:** deixou uma obra vasta e muito influente, onde os destaques são *Paulicéia Desvairada* (1922), *Macunaíma* (1928), *Contos Novos* (1946), *Lira Paulistana* (1946).
- **Oswald de Andrade:** incorporou elementos das vanguardas europeias em seus poemas. Escreveu *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924), *Paul Brasil* (1925), *Serafim Ponte*

Grande (1933), *O Rei da Vela* (1937).

- **Manuel Bandeira:** deixou obra lírica, precisa e simples, mas muito bem construída. Destacam-se *Libertinagem* (1930), *Estrela da Manhã* (1936), *Itinerário de Pasárgada* (1954), *Estrela da Vida Inteira* (1966).
- **Graciliano Ramos:** expoente do romance regional e de análise psicológica. Principais obras: *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas Secas* (1938), *Memórias do Cárcere* (1953).
- **Carlos Drummond de Andrade:** considerado o maior poeta da literatura brasileira, deixou obra que expressa a angústia do homem contemporâneo. Destaques: *Alguma Poesia* (1930), *Sentimento do Mundo* (1940), *A Rosa do Povo* (1945), *Claro Enigma* (1951), *Boitempo* (1968).
- **João Cabral de Melo Neto:** um dos poetas brasileiros mais importantes, deixou obra sem exageros sentimentais, precisa e seca. Destaques: *Pedra do Sono* (1942), *O Cão sem Plumas* (1950), *Morte e Vida Severina* (1956), *Museu de Tudo* (1975).
- **Clarice Lispector:** autora de obra voltada ao intimismo e ao mergulho na psique dos personagens. Principais obras: *A Cidade Sitiada* (1949), *A Paixão segundo G. H.* (1964), *Água Viva* (1973), *A Via-Crúcis do Corpo* (1974), *A Hora da Estrela* (1977).
- **Guimarães Rosa:** usando o sertão mineiro como cenário, criou obra que investiga temas universais. Destaques: *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956), *Grande Sertão: Veredas* (1956), *Tutaméia (Terceiras Estórias)* (1967).

Tendências Contemporâneas (1960 até a atualidade)

A partir das décadas de 50 e 60, muitos autores falam em Pós-Modernismo ou tendências contemporâneas. Isso porque ainda se fazem presentes muitas características modernistas, porém há várias inovações.

Segundo Domício Proença Filho, a arte pós-modernista aproxima a arte erudita e a arte popular; é marcada pela intertextualidade (diálogo entre obras); realiza uma mistura de estilos; demonstra forte preocupação com o momento presente; faz uso da ironia e da metalinguagem.

Poesia

Concretismo e outros movimentos

Segundo Philadelpho Menezes, no século XX várias linguagens passam a influenciar a poesia: a tipografia, o desenho, as artes gráficas, a fotografia, o cinema, a publicidade. Esta passa a utilizar elementos visuais, criando a chamada “poesia visual” e a valorizar mais a oralidade da palavra falada, originando a “poesia sonora”.

A influência das diversas linguagens na poesia está diretamente relacionada aos elementos visuais que passam a compor as grandes cidades e os meios de comunicação de massa.

O autor faz questão de ressaltar que “poesia visual” engloba “toda espécie de poesia ou texto que utilize elementos gráficos para se somar às palavras, em qualquer época da história e em qualquer lugar; já ‘poesia concreta’ é um estilo de poesia visual que nasce num dado momento histórico, com características bem definidas.”

O movimento concretista tem sua origem em 1952, na revista “Noigandres”, mas inicia-se oficialmente em 1956, com a Exposição Nacional de Arte Concreta, que aconteceu em São Paulo. Foi o primeiro movimento literário no Brasil a utilizar recursos visuais, inovando a idéia de poesia.

O Concretismo prioriza os recursos gráficos das palavras, enfatizando a comunicação visual entre o texto e o leitor. Há um abandono dos versos e do lirismo e o espaço do papel é aproveitado, assim como o conteúdo sonoro e visual das palavras. O significado cede sua importância ao valor concreto do poema. Este, por sua vez, permite muitas possibilidades de leitura.

Os principais poetas concretistas são Augusto de Campos, seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

Paralelamente à poesia concreta ocorreu a chamada poesia social, que resistiu ao formalismo da primeira e criticou a alienação dos movimentos vanguardistas. Retomou os versos e utilizou uma linguagem mais simples, tendo como tema a realidade social. Podemos citar alguns nomes: Ferreira Gullar, Thiago de Mello e Affonso Romano de Sant'Anna.

A literatura também sofreu grande influência do Tropicalismo, movimento no campo da música que, assim como o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade, propunha a incorporação de quaisquer culturas, sem preconceito.

Nos anos 70 muitos poetas construíram uma poesia denominada "marginal", pois não tinha sua impressão e distribuição realizada por editoras, mas por meio de mimeógrafos ou off-set. Alguns autores iniciaram sua produção poética como "marginais": Chacal, Paulo Leminski, Cacaso, Chico Alvim. Utilizaram linguagem coloquial e procuraram aproximar poesia e vida. Além disso, demonstraram fortes influências concretistas.

Já outros escritores trilharam diferentes caminhos na poesia, não se enquadrando nas tendências já mencionadas. São eles: Adélia Prado, Manuel de Barros, José Paulo Paes, Arnaldo Antunes, Orides Fontela e Fernando Paixão.

Dois e dois: quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena

como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena

e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

- sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena

mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

(Ferreira Gullar, *Os melhores poemas de Ferreira Gullar*, São Paulo: Global, 1994.)

Observe com atenção o poema de Décio Pignatari:

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca

Agora veja o poema “Luxo”, de Augusto de Campos, de 1965:

LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO
LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO LUXO

Prosa

de grande importância na atualidade, além de Jorge Amado: João Ubaldo Ribeiro, que escreve de modo a recriar a linguagem.

Realismo Urbano

Os romances de ambientação urbana tematizam a violência e a marginalidade nas grandes cidades.

Podemos citar como principais autores Rubem Fonseca, com seus contos; Dalton Trevisan, com parte de sua obra e João Antônio, com seus contos.

Dentro do realismo urbano há o romance-reportagem, que parte de episódios verídicos e utiliza recursos como a ironia e a paródia. Destacam-se José Louzeiro e Ignácio de Loyola Brandão.

Prosa Regionalista

A prosa regionalista retrata as regiões brasileiras e suas particularidades humanas e sociais. A região Central é explorada por Bernardo Ellis e José J. Veiga; a região Sul por Moacyr Scliar e a região Norte por Márcio de Souza. A Bahia, particularmente, tem um escritor

Romance Psicológico

O romance psicológico possui um tom intimista e centra-se nas inquietações interiores dos personagens, trabalhando temas do cotidiano, relacionados à família e à afetividade.

A literatura intimista aproxima-se do diário ou das memórias, trabalhando os grandes conflitos existenciais, muitas vezes beirando o pessimismo.

Uma autora que merece destaque é Lygia Fagundes Telles.

Crônica

Pequenas histórias, baseadas em fatos do cotidiano, são exploradas por autores como Stanislaw Ponte Preta, Rubem Braga, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo.

Teatro

O ano de 1943, em que é encenada a peça *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, é tido como o marco inicial do teatro moderno no Brasil.

Nelson Rodrigues merece destaque por suas peças de caráter psicológico, abordando temas como suicídios, atropelamentos, casos de adultério, sempre penetrando na intimidade dos personagens.

Gianfrancesco Guarnieri abordou a temática social e engajou-se politicamente. É de sua autoria *Eles não usam black-tie*.

Já as peças de Plínio Marcos enquadram-se no “realismo crítico”, como é o caso de *Navalha na carne*.

Também as peças de Chico Buarque, como *Roda viva*, e as de Jorge Andrade (*A moratória*, *Pedreira das almas*) são de caráter realista.

Por outro lado, as peças de Ariano Suassuna inserem-se no “regionalismo de inspiração crítica”, adotando elementos cômicos e caricatos e trabalhando com temas populares ou folclóricos.

De “inspiração popular” são as peças de Dias Gomes, além de denunciarem injustiças sociais.

Leituras Obrigatórias (Literatura Brasileira) da UNICAMP 2001- 2002-2003

Ubirajara

José de Alencar

Publicado em 1874, *Ubirajara* foi o último dos romances indianistas de Alen-

car. Nele, o autor retrata uma época remota de nossa história, em que o Brasil era habitado somente pelos índios.

Alencar realizou estudos sobre antropologia indígena, a fim de melhor resgatar este universo e, conseqüentemente, nossas próprias origens.

Paralelamente à narrativa, organizam-se notas do autor, resultantes de leituras dos cronistas e que dão embasamento teórico ao texto.

Nestas notas, Alencar faz severas críticas aos cronistas, tentando mostrar que estes procuravam enxergar os índios à luz de suas idéias e tradições. Com isso, não compreenderam a nova cultura da qual se aproximavam e perceberam os índios a partir de seus próprios hábitos e costumes, calcados numa visão etnocêntrica do mundo.

(fragmento das notas)

Os historiadores, cronistas e viajantes da primeira época, senão de todo o período colonial, devem ser lidos à luz de uma crítica severa. É indispensável sobretudo escoimar os fatos comprovados, das fábulas a que serviam de mote, e das apreciações a que os sujeitos espíritos acanhados, por demais imbuídos de uma intolerância ríspida.

Homens cultos, filhos de uma sociedade velha e curtida por longo trato de séculos, queriam esses forasteiros achar nos indígenas de um mundo novo e segregado da civilização universal uma perfeita conformidade de idéias e costumes. Não se lembravam, ou não sabiam, que eles mesmos provinham de bárbaros ainda mais ferozes e grosseiros do que os selvagens americanos. (p. 11)

As críticas estendem-se aos missionários, que, segundo Alencar, encravavam os índios como “feras humanas” a serem domesticadas. De modo diverso, o autor de *O Guarani* procura analisar a sociedade indígena de um ponto de vista filosófico, observando o “outro” apenas como diferente, não como um inferior a ser subjogado.

(fragmento das notas)

Releva ainda notar, que duas classes de homens forneciam informações acerca dos indígenas: a dos missionários e a dos aventureiros. Em luta uma com a outra, ambas se achavam de acordo nesse ponto, de figurarem os selvagens como feras humanas. Os missionários encareciam assim a importância da sua catequese; os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os índios. (p. 12)

Com isso, procura desfazer certos preconceitos em relação ao comportamento indígena, como o que diz respeito à poligamia, encarada pelos cronistas europeus como promiscuidade sexual ou imoralidade conjugal.

Outro preconceito que busca desmistificar é o ritual antropofágico, mostrando que este significa uma incorporação da bravura e da força do inimigo, não um gesto vingativo como se costumava pensar.

Além disso, Alencar mostra os valores cultivados pelos índios, tais como a lealdade e o heroísmo.

Segundo o autor, a obra pode ser classificada como lenda, já que é um texto mítico que narra a origem da comunidade indígena dos ubirajaras.

O tempo dos acontecimentos é uma época que antecede o descobrimento e o contato dos índios com os brancos. O espaço envolve as proximidades dos rios Tocantins e Araguaia.

Em meio à floresta, surge o personagem Jaguaré, assim chamado por ter vencido todos os animais, inclusive o jaguar. Bravo caçador, ele almeja transformar-se em um guerreiro. Após grande combate, vence o inimigo Pojuçã e torna-se o “senhor da lança”, o guerreiro Ubirajara. Passa a líder dos araguaiaes, assim como fora seu pai Camacã, além de ter o reconhecimento da tribo por sua bravura e heroísmo.

(fragmento)

O guerreiro chefe enrasta desdenhosamente a lança e caminha para Jaguaré. Não vai como o guerreiro que marcha ao combate, mas como o matador que se prepara para imolar a vítima.

— Guerreiro chefe, Jaguaré não te quer matar como a serpente que ataca o descuidado caçador. Dez vezes já, se quisesse, ele te houvera ferido com tua própria mão.

— Abandona a glória do guerreiro, que não é para ti, nhengaíba. Pojuçã te concederá a vida e te levará cativo à taba dos Tocantins para que tu cantes as suas façanhas na festa dos guerreiros.

— Cativo serás tu, mas não para cantar os feitos dos guerreiros. Tu servirás na taba dos araguaiaes para ajudar as velhas a varrer a oca.

Arremessou-se Pojuçã avante e desfechou o golpe; mas a lança rodara e foi o chefe tocantim quem recebeu no peito a ponta farpada.

Quando o corpo robusto de Pojucã tombava, cravado pelo dardo, Jaguaré d'um salto calçou a mão direita sobre o ombro esquerdo do vencido, e brandindo a arma sangrenta, soltou o grito do triunfo:

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma a serpente. Reconhece o teu vencedor, Pojucã, e proclama o primeiro dos guerreiros, pois te venceu a ti, o maior guerreiro que existiu antes dele.

— Se meu valor, que serviu para aumentar a tua fama, merece de ti uma graça, não deixes que Pojucã sofra mais um instante a vergonha de sua derrota.

— Não, chefe tocantim. Tu me acompanharás à taba dos araguaiais para narrar o meu valor. A fama de Jaguaré precisa de um prisioneiro como o grande Pojucã na festa da vitória.

— Tu és crel, guerreiro da lança; mas fica certo que se tua arma traiçoeira feriu-me o peito; o suplício não vencerá a constância do varão tocantim, que sabe afrontar as iras de Tupã e desprezar a vingança dos araguaiais. (pp. 26-27)

Em seguida, o jovem guerreiro vai em busca de mais uma conquista: sua esposa. Araci, virgem tocantim, filha do chefe Itaquê, já havia tocado seu coração. Dirige-se à tribo tocantim e é recebido com hospitalidade, reconhecido como um enviado de Tupã. Passa então a se chamar Jurandir, “trazido pela luz do céu”, e a disputar a posse de Araci, “a estrela do dia”, com os guerreiros da tribo inimiga. Além de Araci,

ele também demonstrara interesse por Jandira, a doce virgem de sua própria comunidade.

(...)

Jurandir, conduzido pela virgem, caminhou ao encontro de Itaquê e disse:

— Grande chefe dos Tocantins, Jurandir não veio à tua cabana para receber a hospitalidade; veio para servir ao pai de Araci, a formosa virgem, a quem escolheu para esposa. Permite que ele a mereça por sua constância no trabalho, e que a dispute aos outros guerreiros pela força de seu braço.

Itaquê respondeu:

— Araci é a filha de minha velhice. A velhice é a idade da prudência e da sabedoria. O guerreiro que conquistar uma esposa como Araci terá a glória de gerar seu valor no seio da virtude. Itaquê não pode desejar para seu hóspede maior alegria.

Desde esse momento, Jurandir não foi mais estrangeiro na taba dos Tocantins. Pertencia à oca de Itaquê, e devia, como servo do amor, trabalhar para o pai de sua noiva.

Os guerreiros, cativos da beleza de Araci, conheceram que tinham de combater um adversário formidável; mas seu amor cresceu com o receio de perder a filha de Itaquê.

Jurandir tomou suas armas e desceu ao rio. Era a hora em que o jacaré bóia em cima das águas como o tronco morto; e a jaçanã se balança no seio do nenúfar.

O manati erguia a tromba para pastar a relva na margem do rio. Ouvindo o rumor das folhas, mergulhou na corrente, mas já levava o arpéu do pescador, cravado no lombo.

Jurandir não esperou que o peixe ferido desenrolasse toda a linha. Puxou-o para terra; e levou-o ainda vivo à cabana de Itaqué, onde três guerreiros custaram a deitá-lo no jirau.

As mulheres cortaram as postas de carne e os guerreiros cavaram a terra para fazer as grelhas do biaribi.

Jurandir partiu de novo e entrou na floresta. Ao longe reboavam os gritos dos caçadores que perseguiram a fera.

Pelo assobio o guerreiro conheceu que era um tapir. O animal zombara dos caçadores e vinha rompendo a mata como a torrente do Xingu.

As árvores que seu peito encontrava caíam lascadas.

Jurandir estendeu o braço. O velho tapir, agarrado pelo pé, ficou suspenso na carreira, como o passarinho preso no laço. Nunca, até aquele momento, encontrara força maior que a sua.

Uma vez descer à lagoa para beber. A sucuri, que espreitava a caça, mordeu-a na tromba. Ele fugia, esticando a serpente; e a serpente encolhendo-se, o arrastava até à beira d'água.

Assim tornou uma, duas, três vezes. Mas o tigre urrou de fome. O velho tapir disparou pela floresta; e a sucuri com a cauda presa à raiz da árvore arrebentou pelo meio.

O velho tapir rompeu a serpente como se rompe uma corda de piaçaba; mas não pôde abalar o braço de Jurandir, mais firme do que o tronco do guaribu.

O estrangeiro tornou à cabana com a caça. Nenhum dos guerreiros da taba, nem mesmo o velho Itaqué, pôde agüentar com as duas mãos a fera bravia.

Então Jurandir obrigou o animal a agachar-se aos pés de Araci e disse:

— O braço de Jurandir fará cair assim, a teus pés, o guerreiro que ouse disputar ao seu amor a tua formosura, estrela do dia. (pp. 59-60)

Após a luta contra os tapuias, as duas nações unem-se, originando a nação dos ubirajaras, que habitava as margens do Rio São Francisco na época do descobrimento. Ubirajara recebe as duas jovens (Araci e Jandira) como esposas, tornando-se senhor supremo.

O outro sol rompia, quando os tapuias estenderam pela campina a multidão de seus guerreiros.

Na frente assomava Agniná, a montanha dos guerreiros, ainda mais feroz do que o irmão, o terrível Canicrã.

De um lado e do outro seguiam-se os chefes, cada um à frente de seus guerreiros.

Ubirajara escolheu mil guerreiros araguaiaes e mil guerreiros Tocantins, com que saiu ao encontro dos tapuias.

Depois que desdobrou sua batalha pela campina, o chefe dos chefes caminhou só para o inimigo.

Quando chegava a meio do campo, os tapuias levantaram a pocema de guerra, que atroou os ares, como o estrépido da cachoeira.

Um turbilhão de setas crivou o longo escudo do herói, que ficou semelhante ao grosso tronco de juçara, eriçado de espinhos.

Ubirajara abraçou o escudo na altura do ombro, e com o pé brandiu sete vezes a corda do grande arco gêmeo.

As setas vermelhas e amarelas subiram direitas ao céu e perderam-se nas nuvens.

Quando voltaram, Agniná e os chefes que obedeciam a seu arco, tinham cada um fincado na cabeça o desafio do formidável guerreiro.

Enfurecidos mais pelo insulto do que pela dor, arremessaram-se contra o inimigo que os esperava coberto com seu vasto escudo.

Agniná era o primeiro na corrida e o primeiro na sanha. Após ele vinham os outros a dois e dois, lutando na rapidez.

Quando o esposo de Araci viu que eles se estendiam pela campina, como dois ribeiros que se aproximam para confundir suas águas; o herói empunhou a lança de duas pontas e soltou seu grito de guerra, que era como o bramir do jaguar, senhor da floresta.

Seu pé devorou o espaço; e a lança de duas pontas girou em sua mão, como a serpente que enrosca-se nos ares, silvando.

Caiu Agniná do primeiro bote; após ele caíam aos dois os chefes tapuias, como caem os juncos talhados pelo dente afiado da capivara.

Então o herói soltou seu grito de triunfo, que era como o rugido do vento no deserto:

— Eu sou Ubirajara, o senhor da lança, o guerreiro invencível que tem por arma uma serpente.

“Eu sou Ubirajara, senhor das nações, o chefe dos chefes, que varre a terra, como o vento no deserto.”

O herói estendeu a vista pela campina, e não descobriu mais o inimigo, que sumia-se na poeira.

Ubirajara lançou-lhe seus guerreiros, que tinham fome de vingança; porém o terror de sua lança dava asas aos fugitivos.

Desde esse dia nunca mais um tapuia pisou as margens do grande rio.

Ubirajara voltou à cabana, onde o esperava Araci.

A esposa despiu as armas de seu guerreiro, enxugou-lhe o corpo com o macio cotão da monguba, e cobriu-o do balsamo fragrante da embaiba.

Encheu depois de generoso cauim a taça vermelha feita do coco da sapucaia; e aplacou a sede do combate.

Enquanto nas grandes tabas se preparava a festa do triunfo e o herói repousava na rede, Araci foi ao terreiro e voltou conduzindo Jandira pela mão.

— Jandira é irmã de Araci, tua esposa. Ubirajara é o chefe dos chefes, senhor do arco das duas nações. Ele deve repartir seu amor por elas, como repartiu a sua força.

A virgem Araguaia pôs no guerreiro seus olhos de corça.

— Jandira é serva de tua esposa; seu amor a obrigou a querer o que tu queres. Ela ficará em tua cabana para ensinar a tuas filhas como uma virgem Araguaia ama seu guerreiro.

Ubirajara cingiu o peito, com um e outro braço, a esposa e a virgem.

— Araci é a esposa do chefe tocantim; Jandira será esposa do chefe Araguaia; ambas serão as mães dos filhos de Ubirajara, o chefe dos chefes, e o senhor das florestas.

* * *

As duas nações, dos araguaias e dos tocantins, formaram a grande nação dos Ubirajaras, que tomou o nome do herói.

Foi esta poderosa nação que dominou o deserto.

Mais tarde, quando vieram os caramurus, guerreiros do mar, ela campeava ainda nas margens do grande rio. (pp. 92-94)

Bom-Crioulo

Adolfo Caminha

Como um típico romance naturalista, *Bom-Crioulo* submete o destino de seus personagens ao determinismo dos

fatores hereditários, do meio e do momento histórico.

Do cientificismo originam-se a linguagem precisa e objetiva, as descrições exatas e a valorização dos detalhes. Além disso, o narrador retrata com impessoalidade e frieza as personagens e a realidade que as circunda.

A narração é realizada em terceira pessoa, por um narrador-onisciente, que observa atentamente os fatos e os descreve de modo linear, à medida que vão se desenrolando.

Tendo como cenário o mar, a história tematiza a perversão sexual entre marinheiros.

Amaro é o “bom crioulo”, negro forte e robusto, que é atraído por Aleixo, jovem grumete branco e frágil, seu oposto.

(fragmentos)

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisto e raro.

Esse dom precioso e natural desenvolvera-se-lhe à força de um exercício continuado que o tornara conhecido em terra, nos conflitos com soldados e caçadores, e a bordo, quando entrava embriagado.

Porque Bom-Crioulo de longe em longe sorvia o seu gole de aguardente, chegando mesmo a se chafurdar em bebedeiras que o obrigavam a toda sorte de loucuras.

Armava-se de navalha, ia para os cais, todo transfigurado, os olhos dardando fogo, o boné de um lado, a camisa aberta num desleixo de louco, e então era um risco, uma temeridade alguém aproximar-se dele. O negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém estava para sofrer uma agressão...

(...)

Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder “o negro”; outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dêz que “se metera” com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheiro de olhos azuis, que embarcara no sul. — O ladrão do negro estava mesmo ficando sem-vergonha! E não lhe fossem fazer recriminações, dar conselhos... Era muito homem para esmagar um!

O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante...

Os oficiais comentavam baixinho o fato e muita vez riam maliciosamente na praça d’armas entre copos de limonada.

Tudo isso, porém, não passava de suspeitas, e Bom-Crioulo, com o seu todo

abrutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um prognatismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros. — Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio... A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem!

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã. (...) (pp.15-16, 21)

Já na terra, os dois passam então a se encontrar num quarto alugado pela prostituta quarentona D. Carolina. Esta também sente atração pelo jovem marinheiro, pois ele significa a possibilidade do amor desinteressado ou mesmo de uma relação maternal, coisas nunca permitidas a ela.

O protagonista passa então a desenvolver um ciúme doentio, porém jamais suspeitando da possibilidade de uma traição com a prostituta portuguesa. Este ciúme cada vez maior resulta num impulso irracional: o assassinato de Aleixo. Com isso, Bom Crioulo perde sua própria razão de existir e permanece no mesmo nível de um animal, agindo puramente pelo instinto, em detrimento da razão e dos sentimentos.

O autor trabalha com naturalidade o tema do homossexualismo e mostra o quanto a profissão exercida por certos homens, como os marinheiros, acaba por brutalizá-los e deixar como única válvula de escape a afetividade, resultando na perversão sexual.

As cenas sexuais, assim como outros aspectos da realidade (epilepsia, castigos corporais, crimes) são descritos com frieza, ousadia e de modo minucioso, através de uma linguagem erudita, permeada de elementos coloquiais, como palavras e gírias de bordo.

(fragmento)

Aleixo ia saindo porta fora, tranquilamente, apertado na sua roupa azul e branca de marinheiro, a camisa decotada, a calça justa.

O negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um — oh! rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, precipitou-se, numa vertigem de seta, para a rua. Não via nada, não enxergava nada, tresvairado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro. Precipitou-se, e, esbarrando com o grumete, fintou-o pelo braço.

Tremia numa crise formidável de desespero, os olhos congestionados, um suor frio a porejar-lhe da testa negra e reluzente.

O pequeno estacou suspreendido:

— Sou eu mesmo, rugiu Bom-Crioulo, sou eu mesmo! Pensavas que era só meter-te com a portuguesa, hein? Olha para esta cara, olha como estou magro, como estou acabado... Olha, olha!

E apertava bruscamente o outro, sacudindo-o como se o quisesse atirar ao chão.

— Vê lá se me conheces, anda! Olha bem para esta cara!

O efebo debatia-se, pálido, aterrado:

— Me largues! Não me provoque, senão eu grito!

— Anda pr'aí, grita, se és capaz! Grita, safado, sem-vergonha... mal-agradecido!

Sua voz tomava uma inflexão voluptosa e terrível ao mesmo tempo; a palavra saía-lhe gaguejada, estuporada e trêmula.

— Grita, anda!

O outro mudava de cores, recuava trôpego, a língua presa, quase a chorar, numa aflição de culpado, o olhar azul submisso refletindo a imagem do negro:

— Me largue, repetiu. Eu lhe peço: me largue!

Transeuntes olhavam-nos de banda e voltavam-se para os ver naquela

posição, rosto a rosto, juntinhos, agarrados misteriosamente. Porque Bom-Crioulo não falava alto, que todos ouvissem, não dava escândalo, não fazia alarme: sua voz era um rugio cavernoso e histérico, um regougo abafado, longínquo e profundo.

— Grita, anda, grita pela vaca da Carolina!

— Me solte — continuou o efebo trêmulo, acovardado. Me largue!

— Não te largo, não, cousinha ruim, não te largo, não! Bom-Crioulo, este que aqui está, não é o que tu pensas...

— Mas eu não fiz nada! Me solte, que é tarde!

Os olhos do negro tinham uma expressão feroz e amargurada, muito rubros, cruzando-se, às vezes, num estrabismo nervoso de alucinado.

Um sujeito parou defronte, a olhá-los; vieram depois outras pessoas, outros curiosos; um marinheiro da Capitania, um italiano carregado de flandres, um guarda-municipal, crianças, mulheres...

Houve logo um fecha-fecha, um tumulto, um alvoroço. Trilaram apitos; vozes gritavam — rolo! rolo! e a multidão crescia no meio da rua, procurando lugar, empurrando, abrindo caminho, precipitando-se, formando um grande círculo de gente ao redor dos dois marinheiros, invisíveis agora.

Os bondes paravam. Senhoras vinham à janela, compondo os cabelos,

numa ânsia de novidade. Latiam cães. Um movimento cheio de rumores, uma balbúrdia! Circulavam boatos aterradores, notícias vagas, incompletas. Inventaram-se histórias de assassinato, de cabeça quebrada, de sangue. Cada olhar, cada fisionomia era uma interrogação. Chegavam soldados, marinheiros, policiais. Fechavam-se portas com estrondo.

Alguma coisa extraordinária tinha havido porque, de repente, o povo recuou, abrindo passagem, num atropelo.

— Abre! abre! diziam soldados erguendo o refle.

De cima, das casas, mãos apontavam para baixo.

E D. Carolina, que também chegara à janela com a vozeria, com o barulho, viu, entre duas filas de curiosos, o grumete ensangüentado...

— Jesus! Meu Deus!

Uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu-lhe um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada, branca, imóvel.

Muitas vistas dirigiam-se para o sobradinho.

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinham grande nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados.

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia!

Ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas à luz quente da manhã: todos, porém, todos queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...

Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando, té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.

Observe-se o fecho corriqueiro, banal, cotidiano — muito próximo do romance contemporâneo (NE).

Brás, Bexiga e Barra Funda

Antônio de Alcântara Machado

Publicada em 1927, a obra reúne onze pequenos contos, ambientados nos três bairros paulistanos, de ocupação ítalo-brasileira.

O imigrante, sobretudo o italiano, é retratado como alegre e trabalhador, disposto a melhorar de vida.

O autor utilizou a linguagem telegráfica, precisa, clara e objetiva, e a linguagem cinematográfica, mostrando as cenas com dinamismo, fazendo cortes e deixando de lado as descrições.

Além de registros coloquiais, aparecem elementos da fala do paulistano oriundos da influência do imigrante.

Gaetaninho

O conto tem como cenário a Rua Oriente, no Brás, onde as crianças sonhavam em andar de carro, pois o máximo que conseguiam era transitar de bonde.

Beppino já andara, na ocasião da morte de sua tia Peronetta, no trajeto para o Araçá. Agora quem alimentava o sonho era Gaetaninho, que chegou a sonhar com a morte da tia Filomena e depois, com um pouco de culpa, com o enterro de Seu Rubino, funcionário da Companhia de Gás.

Um dia o menino consegue realizar seu sonho, porém de modo trágico: ele morre atropelado por um bonde e é levado no carro da frente no cortejo até o cemitério.

Carmela

Carmela e Bianca são duas jovens costureiras que trabalham na Rua Barrão de Itapetininga. Carmela é bonita, ao contrário de Bianca, e namora Ângelo, entregador da Casa Clark.

Um dia, um homem “traquejado” aparece dirigindo um carro Buick, chama Bianca e pede que marque um encontro dele com Carmela, próximo à Igreja de Santa Cecília. A amiga comparece ao encontro, que dá origem a muitos outros, com direito a passeio de carro. Bianca tece comentários com Ernestina a respeito dos fatos e afirma ironicamente, ao ser questionada sobre o Ângelo, que este é para casar. Não deixa de ter uma certa inveja da sorte da amiga...

Tiro-de-guerra nº 35

O personagem central deste conto é Aristodemo Guggiani, nacionalista extremado, cujo prazer era cantar o Hino Nacional no grupo escolar da Barra Funda. Depois passa a trabalhar na oficina mecânica do cunhado. Após uma briga com este, começa a exercer a função de cobrador de ônibus da linha Praça do Patriarca-Lapa. Depois de um tempo não se tem mais notícia de Aristodemo, que se tornara soldado do “Tiro-de-Guerra”. No primeiro ensaio para o Sete de Setembro briga com um alemão por este ter desrespeitado a pátria brasileira. Volta, então, a ser cobrador na mesma linha Praça do Patriarca-Lapa, porém pede demissão da Companhia Auto-aviação Gabrielle d’Annuzio e passa a trabalhar na Sociedade de Transportes Rui Barbosa Ltda, sendo reconhecido por seu patriotismo.

Amor e sangue

Nicolino era namorado de Grazia, porém o romance terminou quando um dia ele olhou para outra moça.

Na barbearia em que trabalhava, Nicolino escutou uma notícia a respeito de um crime passional. Inspirado pela mesma, foi ao encontro de Grazia, que realmente não mais queria o namoro. Então Nicolino assassinou-a e justificou-se à polícia dizendo:

—“Eu matei ela porque estava louco, seu delegado”.

Esta frase, registrada nos jornais, resultou numa música de grande repercussão:

“Eu estava louco,

Seu delegado!

Matei por isso,

Sou um desgraçado!”

A sociedade

A esposa do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda não admitia a possibilidade de sua filha se casar com um “carcamano”. Esta, contudo, namora Adriano Melli. Certo dia, o pai do rapaz, Salvatore Melli, resolve visitar o pai de Teresa Rita, o Bonifácio. Propõe então a ele uma “sociedade”, na qual o Salvatore ajudaria com o capital e Bonifácio com alguns terrenos sem uso. Adriano tornar-se-ia o gerente da firma.

Passados seis meses, Adriano fica noivo de Teresa e desaparecem todos os empecilhos.

Lisetta

Este conto tem como personagem central uma criança: a menina Lisetta. Um dia, ao andar de bonde com a mãe admira um urso de pelúcia “felpudo”, “amarelo” e “engraçadinho” no colo de uma menina rica. Esta, de propósito, começa a mexer no brinquedo, virando-o de um lado para outro e instigando cada vez mais a vontade da menina de tocá-lo. Contudo, isso não foi possível, já que a menina rica não deixou e a mãe a impediu com beliscões e a promessa de uma surra, que de fato se concretizou. O irmão de Lisetta, Ugo, compra um urso para ela. Apesar de ser pequeno e de lata, a menina fica muito contente e não deixa ninguém mexer nele.

Corinthians (2) vs. Palestra (1)

Grande parte do conto centra-se num jogo de futebol entre Corinthians e Palestra no Parque Antártica, onde estão Miquelina e Iolanda.

Rocco é grande jogador do Palestra e namorado de Miquelina, enquanto Biagio joga no time oposto e também já havia namorado a moça. Esta, depois que acabou o namoro com ele, nunca mais dirigiu-se à Sociedade Beneficente e Recreativa do Bexiga e deixou de ir às reuniões dominicais, passando a torcer pelo Palestra.

A moça pede a Rocco que marque Biagio. Assim ele procedeu e no segundo tempo fez um pênalti, que possibilitou a Biagio marcar o segundo gol do Corinthians e garantir a vitória. Miquelina não se conforma, assim como a torcida do Palestra, que responsabiliza Rocco. Ela decide então retornar às reuniões da Sociedade no Bexiga.

Vale ressaltar que o conto utiliza uma linguagem coloquial, típica dos campos de futebol:

“Alegoa-goá-goá! Alegoa-goá-goá! Urrá-urrá! Corinthians!”

“O’... lh’agasosa!”

“Go-o-o-o-o! Corinthians!”

Notas biográficas do novo deputado

O Coronel Juca Peixoto de Faria é um rico fazendeiro casado com Dona Nequinha. Os dois, entretanto, não têm filhos. Ao saberem do falecimento do compadre João Intaliano, resolvem acolher o filho deste, o órfão Gennarinho,

de apenas nove anos. O menino encanta a todos e tem seu nome mudado para Januário. Passa então a estudar no Ginásio de São Bento. O Coronel, muito contente, pensa em deixar sua herança para o italianinho.

O monstro de rodas

O “monstro de rodas” a que o conto faz referência é o carro responsável pelo atropelamento de uma menina moradora da Barra Funda. Dona Nunzia, a mãe, não se conforma, enquanto uma moça negra reza o terço.

O autor faz questão de ressaltar alguns episódios comuns em enterros: por um lado, o respeito de homens dentro do bonde tirando o chapéu e, por outro, a indiferença de Nino, preocupado em contar o número de “trouxas” que tirariam o chapéu até que o enterro chegasse ao cemitério.

Armazém Progresso de São Paulo

O “Armazém Progresso de São Paulo” pertence a Natale, comerciante italiano muito esforçado e trabalhador. Ao lado de sua mulher, Dona Bianca, trabalhava com esmero e prosperava.

Na confeitaria da frente, o português vendia cebolas a preço baixíssimo e tinha grande estoque das mesmas.

Natale fica sabendo através da mulher que as cebolas subiriam de preço e pede ao fiscal que lhe confirmara a notícia que se mantenha calado, se quiser ser recompensado. Dona Bianca sonha com a ascensão econômica, representada por um palacete na Avenida Paulista.

Nacionalidade

Este conto também tematiza a questão do nacionalismo exagerado, agora de um italiano: o barbeiro Tranquillo Zampinetti, da Rua do Gasômetro.

Contudo, sua maior tristeza eram seus filhos Lorenzo e Bruno, que não conservavam o mesmo fervor em relação à pátria do pai, nem mesmo queriam falar o italiano.

A guerra européia encontrou Tranquillo Zampinetti proprietário de quatro prédios na Rua do Gasômetro, dois na Rua Piratininga, cabo influente do Partido Republicano Paulista e dileto compadre do primeiro subdelegado do Brás; o Lorenzo interessado na firma Vanzinello & Cia. e noivo da filha mais velha do major Antônio Del Piccolo, membro do diretório governista do Bom Retiro; o Bruno vice-presidente da Associação Atlética Ping-Pong e primeiro anista do Ginásio do Estado. (p.71)

Tranquillo inscreveu-se para um empréstimo de guerra, sendo contestado por Dona Emília.

O barbeiro conseguiu mais dois prédios na Rua Santa Cruz da Figueira, fechou o salão e passou a sócio comanditário da Perfumaria Santos Dumont.

Bruno forma-se em Direito, dando grande satisfação ao pai, e ao irmão Lorenzo, já casado e com um filho.

O primeiro serviço profissional do Bruno foi requerer ao exmo. sr. dr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores do Brasil a naturalização de Tranquillo Zampinetti, cidadão italiano residente em São Paulo. (p. 73)

Angústia

Graciliano Ramos

Angústia foi publicada em 1936, após a publicação de *São Bernardo*, em 1934, ano em que começou a escrever a obra quando diretor da Instrução Pública de Alagoas. Contudo, a prisão de Graciliano Ramos durante o regime do Estado Novo leva-o à interrupção do livro, vindo a publicá-lo contra seu desejo, já que não o tinha revisado como gostaria.

A obra tem a marca do estilo de Graciliano: extrema concisão e busca do essencial, eliminando tudo que não se mostra necessário.

O autor realiza análise psicológica dos personagens, mostrando suas angústias, aflições, temores íntimos. Paralelamente, observa a situação social dos mesmos, a influência do ambiente sobre suas vidas, a exploração dos mais fortes sobre os mais fracos.

A rudeza e hostilidade do cenário nordestino refletem-se na expressão dura, incisiva, sem lirismos ou derramamentos sentimentais.

Luís da Silva é o narrador-personagem, atormentado pela situação de miséria em que vive. Escreve seu diário íntimo a partir de sua memória, que organiza racionalmente os fatos, e por outro lado, partindo das alucinações que o afligem. Dessa forma, o tempo da narrativa não é linear, mas caminha de acordo com as lembranças e devaneios do narrador.

O protagonista é um funcionário público, não realizado em sua vida profissional e desgostoso de sua vida afetiva. Há algum tempo era noivo de Marina, mas não podia casar-se porque as condições financeiras não lhe permitiam.

Marina sonhava, tinha ambições que as condições do noivo não permitiam, mas não desmanchava o relacionamento. Vale lembrar que o casamento era extremamente valorizado na época, ainda que não alicerçado no amor e conservando a mulher numa posição submissa.

Ao mesmo tempo que procura conservar o noivado com Luís da Silva, ainda que sem perspectivas, Marina envolve-se com Julião Tavares, filho de rico comerciante.

No decorrer da narrativa, crescem o ódio e o ciúme de Luís da Silva por causa do triângulo amoroso. Uma das formas de vingar-se é atormentando os pais de Marina, D. Adélia e seu Ramalho, dizendo o que pensava a respeito das atitudes da moça.

Luís da Silva persegue Marina, sua ex-noiva, motivo de suas aflições e perturbações interiores. Ela está grávida e tenta resolver a situação através de um aborto, já que Julião Tavares havia lhe abandonado e estava com uma amante. Aumenta ainda mais o ódio de Luís da Silva pelo rival, culminando com o ato criminoso.

Em seguida, o narrador passa a viver numa profunda crise, alucinado, beijando a loucura.

As letras tinham cara de gente e arregaçavam os beiços com feracidade. A mulher que lava garrafas e o homem que enche dornas agitavam-se na parede como borboletas espetadas e formavam letrados com outras pessoas que lavavam garrafas, enchiam dornas e faziam coisas diferentes. A datilógrafa dos olhos agateados tossia, as filhas de Lobisomem encolhiam-se por detrás das outras letras. Antônia arrastava as pernas grossas cobertas de marcas de feridas, a mulher da Rua da Lama cruzava as mãos sobre o joelho magro e curvava-se para esconder as pelancas da barriga escura. Um choro longo subia e descia: — “Que será de mim? Valha-me Nossa Senhora.” Um moleque morria devagar, mutilado, porque havia arrancado os tampos da filha do patrão. Fazia um gorgolejo medonho e vertia piche das chagas.^{16.384} O cego dos bilhetes batia com o cajado na parede. — “Afastem esta cadeira.” Seu Ivo estava de cócoras, misturado às outras letras. A calça rasgada e o paletó sujo eram cor de piche. Cirilo de Engrácia, carregado de cartucheiras e punhais, encostava-se a uma árvore, amarrado, os cabelos cobrindo o rosto, os pés com os dedos para baixo. A sentinela cochilava no portão do Palácio. Um ventre enorme crescia na parede, uma criatura mal vestida passava arrastando a filha pequena, um brilho de ódio no olho único. Sinha Terta gemia: — “Minha santa Margarida...” O dono da bodega, triste, fincava os cotovelos no balcão engordurado. As crianças faziam voltas ao redor da barca de terra e varas. A rapariga pintada de vermelho espalhava um

cheiro esquisito. O engraxate escutava histórias de capoeiras. O homem acobclado cruzava os braços, mostrando bíceps enormes. O mendigo estirava a perna entapada e ensangüentada. As moscas dormiam, e o mendigo, com a muleta esquecida, bebia cachaça e ria. Passos na calçada. Quem ia entrar? Quem tinha negócio comigo àquela hora? Necessário Vitória fechar as portas e despedir o hóspede incômodo que não se arredava da sala. Mas Vitória contava moedas, na parede, resmungava a entrada e a saída dos navios. A placa azul de D. Albertina escondia-se a um canto, suja de piche. Todo aquele pessoal entendia-se perfeitamente. O homem cabeludo que só cuidava da sua vida, a mulher que trazia uma garrafa pendurada ao dedo por um cordão, Rosenda, cabo José da Luz, Amaro vaqueiro, as figuras do reisado, um vagabundo que dormia nos bancos dos jardins, outro vagabundo que dormia debaixo das árvores, tudo estava na parede, fazendo um zumbido de carapaças, um burburinho que ia crescendo e se transformava em grande clamor. José Baía acenava-me de longe, sorrindo, mostrando as gengivas banguelas e agitando os cabelos brancos. — “José Baía, meu irmão, estás também aí?” José Baía, trôpego, rompia a marcha. Um, dois, um, dois... A multidão que fervilha na parede acompanhava José Baía e vinha deitar-se na minha cama. Quitéria, Sinha Terta, o cego dos bilhetes, o contínuo da repartição, os cangaceiros e os vagabundos, vinham deitar-se na minha cama. Cirilo de Engrácia, esticado, amarrado, marchando nas pontas

dos pés mortos que não tocavam o chão, vinha deitar-se na minha cama. Fernando Inguítai, com o braço carregado de voltas de contas, vinha deitar-se na minha cama. As riscas de piche cruzavam-se, formavam grades. — “José Baía, meu irmão, há tempo!” As crianças corriam em torno da barca. — “José Baía, meu irmão, estamos tão velhos!” Acomodavam-se todos. 16.384. Um colchão de paina. Milhares de figurinhas insignificantes. Eu era uma figurinha insignificante e mexia-me com cuidado para não molestar as outras. 16.384. Íamos descansar. Um colchão de paina.

(...)

Manuelzão e Miguilim

Guimarães Rosa

Manuelzão e Miguilim, assim como as obras *No Urubuquaquá*, *no Pinhém* e *Noites do Sertão*, inicialmente era parte integrante do livro *Corpo de Baile*, publicado em 1956.

Compõem a obra duas novelas: “Campo Geral” e “Uma Estória de Amor”.

Campo Geral

Esta novela tem como personagem principal Miguilim, um garoto de oito anos que morava na mata do Mutum com a família.

Dos irmãos, Miguilim era o mais velho. Depois vinha Dito, irmão que tinha a maturidade de um adulto e fazia reflexões sobre as coisas da vida. Para tristeza de todos, acabou morrendo de tétano.

Tomé era o irmão caçula. Havia ainda as irmãs Drelina e Chica e Liovaldo, o mais velho, que morava com o tio Os-mundo.

O pai de Miguilim era Nhô Bernardo Caz, que nutria grande ciúme pela esposa, devido à traição com o tio Teréz, que é expulso de casa.

Além de Tio Teréz, a mãe tem um caso com Luisaltino, trabalhador da lavoura, assim como o pai. Este, louco de ciúme, mata Luisaltino e enforca-se. Posteriormente Tio Teréz casa-se com a mãe e volta a morar com a família.

Outra personagem que se destaca é a vovó Izidra, magra e que se irritava com tudo.

Miguilim preocupava-se com seu estado de saúde. Achava que ia morrer, pois estava muito magro.

No entanto, ele não morre, mas tem uma revelação que transforma sua vida. Um dia o doutor José Lourenço vem caçar na Vereda do Tipã e põe óculos no menino, percebendo sua dificuldade para enxergar. Ele, então, passa a ver todas as coisas com mais nitidez e encontrar beleza no Mutum, em cada elemento da natureza, em cada pessoa. Descoberta sua miopia, Miguilim descobre-se a si mesmo e admira a grandeza do mundo e sua própria existência.

(fragmento)

O doutor chegou. — “Miguilim, você está aprontado? Está animoso?” Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas se asseando. Beijou a mão da mãe

do Grivo. — “Dá lembrança a seo Aristeu... Dá lembrança a seo Deográcias...” Estava abraçado com Mãe. Podiam sair.

Mas, então, de repente, Miguilim parou em frente do doutor. Todo tremia, quase sem coragem de dizer o que tinha vontade. Por fim, disse. Pediu. O doutor entendeu e achou graça. Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim.

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito! Agora ele sabia. Olhou Mãitina, que gostava de o ver de óculos, batia palmas-de-mão e gritava: — “Cena, Corinta!” Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jeni-papeiro.

Olhava mais era para Mãe. Drelina era bonita, a Chica, Tomezinho. Sorriu para o Tio Teréz: — “Tio Teréz, o senhor parece com Pai...” Todos choravam. O doutor limpou a goela, disse: — “Não sei, quando eu tiro esses óculos, tão fortes, até meus olhos se enchem d’água...” Miguilim entregou a ele os óculos outra vez. Um soluçozinho veio. Dito e a Cuca Pingo-de-Ouro. E o Pai. Sempre alegre, Miguilim... Sempre alegre, Miguilim... Nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. A Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem. Papaco-o-Paco falava, alto, falava.

(...)

Uma Estória de Amor

Novela narrada em terceira pessoa, “Uma Estória de Amor” tem como protagonista Manuel Jesus Rodrigues, o Manuelzão, administrador da fazenda de gado Samarra. Este velho vaqueiro vivia de um lugar para outro, conduzindo boiada, vindo a fixar-se num só lugar apenas no final da vida.

O personagem realiza uma festa de inauguração de uma capelinha construída a fim de homenagear sua mãe. São mostrados os preparativos, os sertanejos advindos de várias regiões, a chegada do padre e a festa.

A novela valoriza a tradição oral, misturando casos e questionamentos metafísicos, como a busca de Manuelzão pela razão de sua existência.

Várias estórias se intercalam, muitas delas nos remetendo ao folclore sertanejo.

Manuelzão, aos sessenta anos, vai em busca de seu filho Adelço, que se casara e vivia do trabalho na lavoura, ao lado de sua família, diferentemente do pai, mas de modo semelhante ao avô, para desgosto do primeiro.

No final da novela, Manuelzão está prestes a conduzir mais uma boiada, carregando consigo apenas as lembranças da festa e de suas próprias experiências.

(fragmento)

Foi ordem de se acender festa, com tocada de viola e dança: té, té, té, té, té, té — até o dia clareou. Fizeram noite, dançando. As iaiás também. O quando

o dia já estava pronto para amanhecer, céu já se desestrelando. No seguinte, na rompidinha do dia, a vaqueirama se formou. O Vaqueiro com o Fazendeiro — adepartes. Fazendeiro mais atrás, na sua besta queimada. O Vaqueiro vinha guiando. Jogou o Cavalão adiante, foi bater onde estava o Boi... O Cavalão governava.”

— Seo Camilo, a estória é boa!

— Manuelzão, sua festa é boa!

— Simião, me preza um laço dos seus, um laço bom, que careço, a quando a boiada for sair...

— Laço, laço! Eu gosto de ver a argola estalar no pé-do-chifre e o trem pular pra riba!

— Aprecio, por demais, de ajudar numa saída de gado. Vadiarmos os companheiros...

— Ei, eh, epa! A isso, lá?

— O João Urúgem, vigia: que veio em ouvir, na beira da escuridão... Oi, o João Urúgem de quatro patas, de sombrio, com todas as mãos no chão...

— Tenção de caluda, companheiros, deixa a estória terminar.

— “... O Boi estava amarrado, chifres altos e orvalhados. Nos campos o sol brilhava. Nos brancos que o Boi vestia, linda mais luz se fazia. Foi Bonito desse berro, não agüentavam a maraviha. E esses pássaros cantavam.

— Vosmecê, meu Fazendeiro, há-de me atender primeiro, dino. Meu nome hei: Seunavino... Não quero dote em di-

nheiro. Peço que o Boi seja soltado. E se me dê este cavalo.

— Atendido, meu Vaqueiro, refiro nesta palavra. O Boi, que terá por seus os pastos do fazendado. Ao Cavallo, é já vosso. Beija a mão, meu Vaqueiro.

— Deus vos salve, Fazendeiro. Vaqueiros, meus companheiros. Violeiros... Fim final. Cantem este Boi e o Vaqueiro, com belo palavreado..."

— Espera aí, seo Camilo...

— Manuelzão, que é que há?

— Está clareando agora, está resumindo...

— Uai, é dúvida?

— Nem não. Cantar e brincar, hoje é festa — dançação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir — mas para depois se lembrar... Com boiada jejuada, forte de hoje se contando três dias... A boiada vai sair. Somos que vamos.

— A boiada vai sair!

(...)

O amanuense Belmiro

Ciro dos Anjos

Ciro dos Anjos foi um escritor modernista da segunda geração. Primeiro livro do autor, *O Amanuense Belmiro* foi publicado em 1937 e é considerado uma de suas mais importantes obras.

A história é narrada em primeira pessoa por Belmiro Borges, amanuense (incumbido de fazer cópias ou ofícios) de uma repartição pública.

O narrador-personagem escreve um diário, estabelecendo um diálogo com o leitor, refletindo sobre sua própria existência e tentando encontrar forças para enfrentar a realidade.

Belmiro é um homem tímido e melancólico, que observa o mundo exterior, mas parece não se apropriar deste, pois apenas relata-o, colocando-o no plano das idéias. Ao mesmo tempo é sonhador e gosta de recordar os momentos que lhe trouxeram alegrias, ainda que estes não passem de puras ilusões.

Não tendo se casado, Belmiro vive em Belo Horizonte em companhia das duas irmãs mais velhas.

Encontra muito tempo livre em seu emprego, que aproveita para escrever suas memórias. Estas não seguem uma ordem linear, mas o fluxo das lembranças.

Numa noite de quarta-feira de cinzas, Belmiro recorda seu encontro com a "donzela Arabela", personagem de história infantil que não saía de sua imaginação. Fora na noite de carnaval, quando acompanhava os cordões, já bêbado e um tanto alucinado.

O encontro com Arabela dá novo sentido à vida do personagem. Através do amigo Glicério, descobre a identidade da jovem: Carmélia Miranda. O amigo relata-lhe também seu endereço e que perdera a mãe. A partir daí o protagonista passa a idealizá-la e a imaginar um idílio. Mais que isso, passa a nutrir um amor platônico pela moça, seguindo-a em todos os momentos, desde o namoro até o casamento, vivenciando uma paixão cada vez maior, que se concretiza somente no plano dos sonhos.

Carmélia casa-se com um primo e viaja, sendo acompanhada por Belmiro, mas sem saber da existência do mesmo.

A história é ambientada em 1935, pois há referências à coluna Prestes e à perseguição aos comunistas. Entre eles estão alguns amigos do narrador, como Redelvim, que é preso.

Belmiro não mais vê sentido em sua própria vida nem no ato de escrever, pois não tem mais os amigos a seu lado. Morre sua irmã Chiquinha, Glicério deixa a repartição e o trabalho torna-se cada vez mais doloroso, até que o deixa.

Ciro dos Anjos faz uso da intertextualidade e da metalinguagem. Além disso, demonstra ironia e profundo pessimismo, já que constrói um protagonista que se vê imobilizado diante dos obstáculos em seu caminho. Como diria Guimarães Rosa, ele “permaneceu com as bagagens da vida”.

(fragmento)

Tendo verificado que se esgotara minha provisão de papel, Carolino me trouxe esta manhã uma porção de blo-

cos. Sangrou rudemente o almoxarifado da Seção do Fomento...

Previdente e providente amigo! Esquece-me comunicar-lhe que já não preciso de papel, nem de penas, nem de boiões de tinta. Esqueceu-me dizer-lhe que a vida parou e nada há mais por escrever.

Ai de mim! É necessário, porém, fazer qualquer coisa, para empurrar os presumíveis trinta e dois anos que me restam. Trinta e dois anos, sim. Em média, os Borbas vão até aos setenta, mesmo com o coração descompensado. Acho-me pouco além do meio da estrada, e parece-me, entretanto, que cheguei ao fim. Negação de Belarmino, de Porfírio, de Firmino e de Baldomero... Dois deles, chegados aos oitenta, ainda pediam mais dez. Viviam com plenitude os velhos Borbas da linha-tronco. Viviam a vida. Quando um tombava, parecia queda de gameleira ferida pelo raio. Não morriam aos poucos, vendo o corpo consumir-se lentamente.

— Que faremos, Carolino amigo?

(...)